

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 1968

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 16 757 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

UM GRANDE EXCLUSIVO
DO «DIÁRIO DE LISBOA»

OS NOSSOS ENVIADOS À LUA

Michael Collins

Neil A. Armstrong

Edwin W. Aldrin Jr.

CONTARÃO NA PRÓXIMA SEMANA
O QUE VIRAM E SENTIRAM
NA SUA MARAVILHOSA AVENTURA

Tiroteio e incêndios em cidades da Irlanda do Norte

LONDONDERRY, 14 — (R.) — A Polícia abriu às primeiras horas de hoje fogo com revólveres, nesta cidade, ao registarem-se novas desordens na Irlanda do Norte, que puseram a província protestante-católica

Ocorreu tiroteio em Belfast, a capital, e na cidade de Dungiven, assim como em Londonderry, já quase de-

vastada em consequência de duas noites de desordens. A nublou-se registarem-se grandes incêndios em me-

britânica à beira da guerra civil. Tiroteio e casos de fogo posto alastravam de cidade para cidade e o Ulster encontrava-se mergulhado na sua crise mais grave desde a partilha da Irlanda, há cerca de meio século.

duzia de outras cidades, após multidões enfurecidas trans-

(Continua na 9.ª página)

CONTA GERAL DO ESTADO 1968

Entre as receitas e as despesas apurou-se um saldo positivo de vinte e dois mil contos

O Ministério das Finanças, de cuja pasta é titular o dr. Dias Rosas, apresentou, agora, a Conta Geral do Estado de 1968, há pouco apreciada pelo Conselho de Ministros, e que tem

data de 5 do corrente mês. O extenso relatório da Conta — apresentado três meses mais tarde do que aconteceu com o de 1967, a que a imprensa se referiu em 11 de Maio do ano pas-

sado, registando-se, então, «notável antecedência em relação à data habitual», como na altura acentuámos — constitui um impor-

(Continua na 7.ª página)



JACK LYNCH, primeiro-ministro da República da Irlanda, que sugeriu o envio de tropas da ONU para a Irlanda do Norte. A proposta foi rejeitada pela Grã-Bretanha

AMANHÃ EM

MESA REDONDA

MELO E CASTRO e MÁRIO SOARES

RESPONDEM
AO INQUÉRITO

«QUAL O PRINCIPAL PROBLEMA DA VIDA PORTUGUESA?»

O SUPLEMENTO
INCLUI AINDA

A PROFISSÃO DE FUTEBOLISTA—MESA-REDONDA EM QUE PARTICIPAM ACÁCIO ROSA, COSTA PEREIRA, JOSÉ ESTEVES, JÓRGIE SAMPAIO, SEVERIANO CORREIA, TONY, VÍTOR SANTOS E MÁRIO ZAMBUJAL.

Blaiberg hospitalizado

CIDADE DO CABO, 14 — (R). O dr. Philip Blaiberg, que detém o «recorde» mundial de sobrevivência com um coração transplantado, foi hoje readmitido no hospital de Groote Schuur por ter sofrido uma recaída, revelou um informador daquele hospital. O informador não deu por enquanto mais pormenores dizendo que mais tarde será publicado um boletim médico quando o motivo da recaída for conhecido.

O dr. Blaiberg conta 60 anos e vive há mais de 19 meses com o coração transplantado. Esta é a terceira vez que regressa ao hospital devido a um agravamento do seu estado.



Em menos de trinta quilómetros, entre Algés e o Guincho, sucedem-se quase outras tantas praias. Todas as manhãs, milhares de cidadãos acolhem-se a todos esses areais e aí cumprem o ritual do Verão. Convidamos o leitor a acompanhar-nos num breve roteiro por essas praias. Hoje, fala Algés — praia de corpos vestidos... (LER NA PÁGINA CENTRAL)

HOJE 28 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Edição da noite

COMEÇAM AMANHÃ EM VIANA DO CASTELO AS FESTAS DA AGONIA

VIANA DO CASTELO, 14 — Esta cidade encontra-se visivelmente engalanada para receber os forasteiros que vêm assistir, a partir de amanhã e até domingo, á romaria da Senhora da Agonia. Por todo o lado se trabalha afanosamente no acabamento dos múltiplos elementos das festas, funcionais uns, simplesmente decorativos outros.

Hoje á noite, realiza-se uma verbena no jardim da beira-rio, e, amanhã, a ro-

maria começará cedo, a partir das 8 horas, com a alvorada, feira geral, cortejo das mordomias, procissão e honra da Virgem da Agonia e, á noite, o primeiro festival, no Jardim Publico, com sessão de fogo preso e exhibições folclóricas. Durante o dia, na Praça da Republica e no Campo da Agonia, haverá concertos e outras diversões.

No sábado e no domingo, visita esta cidade, a fim de assistir á inauguração de melhoramentos ligados com o seu ministério e também para estar presente em alguns números das Festas da Agonia, o prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações.

COMEÇA HOJE A FEIRA FRANCA DAS CALDAS DA RAINHA

CALDAS DA RAINHA, 14 — Inaugurada hoje pelas 18 horas na Mata do Hospital Rainha D. Leonor, nesta cidade, a tradicional Feira Anual uma das mais importantes desta região e que atrai sempre inúmeros forasteiros. A feira do gado é um dos sectores mais concorridos, sendo este ano atribuídos prémios pecuniários e distribuídos diplomas aos melhores exemplares de raça bovina apresentados. Também este ano, e pela primeira vez, o certame é considerado Feira Franca. É de salientar que para a sua organização foi, igualmente pela primeira vez, nomeada uma comissão da feira a que preside o dr. Sanidade e Silva, em representação da Câmara Municipal, e representantes da Estação Agrária, Grémio do Comércio e Comissão de Turismo.

Prevê-se desta forma que o certame passe a revestir mais as características de Exposição e menos de Feira. Para tanto não se pouparam esforços os elementos daquela comissão e seus colaboradores, erguendo um certame que se deseja maior e melhor.

Espectáculo por um coral universitário francês

Esta noite, no Parque Rainha D. Leonor, efectua-se um espectáculo pelo Coral Universitário «A coeur joie», da Universidade de Nancy, promovido pela Comissão Municipal de Turismo com a colaboração do Município.

DIÁRIO DE LISBOA

A sr.^a D. Maria Amélia de Castro Ferreira Azancot e D. Virgínia de Castro Ferreira da Silveira, da direcção da Maternidade do Estoril, estiveram no «Diário de Lisboa» a agradecerem as referências que oportunamente lhes foram feitas, quando da cerimónia em que o Chefe do Estado galardoou a primeira daquelas senhoras.

3.º CICLO

EXAMES DE 2.ª ÉPOCA
LABORATÓRIOS
Telef. 831416 (ao Chile)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



Durante a recente visita do prof. Marcello Caetano ao Brasil, a Rainha do Turismo Brasileiro e Latino Americano, «senhorita» Sigla Alfaya Ferreira (da Agência Diplomata de Viagens do Rio de Janeiro) recebeu, como prémio das suas vitórias, uma lindíssima caravela de filigrana. O presente lhe foi entregue pelo dr. César Moreira Baptista, secretário da Informação e Turismo, tendo na ocasião proferido palavras de admiração e carinho o dr. Jorge Felner da Costa, director do Centro de Turismo de Portugal no Brasil. A convite da TAP, Sigla Ferreira chegará a Portugal no dia 20 de Setembro, começando em Lisboa uma viagem de 37 dias pela Europa oferecida pela Agência Intertur, operadores dos circuitos Tropical Viagens. A foto regista o momento da entrega da caravela

Reunião do Governo inglês

LONDONDERRY (Irlanda do Norte), 14 — (A. N. I.). — Combate-se em várias cidades da Irlanda do Norte e o Governo inglês reúne-se hoje, sob a presidência de Harold Wilson, a fim de decidir se há-de intervir neste território, evitando o recurso ás forças das Nações Unidas, como foi sugerido pelo primeiro-ministro da Republica da Irlanda, Jack Lynch.

NOVO REITOR DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

O prof. Fernando de Carvalho Barreira, da Faculdade de Ciências, foi nomeado reitor da Universidade de Lisboa.

O cargo estava vago desde a aposentação por limite de idade do prof. José Sarmiento de Vasconcelos e Castro, também da mesma Faculdade.

O prof. Fernando Barreira, natural de Lisboa, de 41 anos de idade, é catedrático desde 1966; presentemente era vice-presidente do Instituto para a Alta Cultura e subdirector dos Serviços Sociais da Universidade de Lisboa. Era director do Núcleo de Química e Física, anexo á Faculdade de Ciências de Lisboa.

Necrologia

SUFRÁGIOS

Sufragando os electricistas falecidos, a Direcção do Sindicato Nacional dos Electricistas do Distrito de Lisboa manda rezar missa, amanhã, ás 7 e 30, na Igreja dos Anjos.

Pede-se aos electricistas em geral e ás famílias dos falecidos a comparência a este piedoso acto.

Capitão Rosa Duque

Comemorando o 22.º aniversário do falecimento do sr. capitão Domingos G. da

A Comissão de Turismo da Costa do Sol reuniu-se com os jornalistas

A convite do presidente da Comissão de Turismo da Costa do Sol reuniram-se ontem á noite num restaurante da Feira do Artesanato, em Cascais, os representantes dos órgãos da Informação.

O jantar serviu de pretexto para que o presidente da comissão organizasse agradecesse aos jornalistas a colaboração dispensada a que está na base do êxito da feira, que desde 1964 se tem vindo a efectuar em Cascais.

A feira está verdadeiramente bonita e merece uma visita pormenorizada. De resto a elevada frequência que se tem verificado, particularmente de visitantes estrangeiros é a prova do interesse que a mesma está a despertar na zona turística da Costa do Sol.

Os «stands» de exposição dos mais variados ramos de artesanato, desde os barros de Niza até aos produtos ultramarinos sem esquecer os tapetes de Arraiolos e até os trabalhos de ourivesaria oferecem ao visitante uma agradável perspectiva da actividade artesanal portuguesa.

Aplausos para uma iniciativa — cursos náuticos no Naval Setubalense

Iniciativa que se aplaude e representa evolução e trabalho em profundidade: o Clube Naval Setubalense vai pôr em funcionamento o Centro de Iniciação e Aperfeiçoamento Náutico, a efectuar em moldes inéditos. Já no ultimo ano a direcção da popular colectividade sadina tinha pensado que a melhor forma de desenvolver na juventude o gosto pelos desportos náuticos seria proporcionar-lhes, durante uma semana uma praia e em tempo integral, barcos apropriados e monitores que lhes ensinassem as necessárias manobras. O êxito veio ao encontro da ideia e, assim, outro se vai efectuar em moldes semelhantes havendo desde já a

certeza de que serão alcançados os melhores resultados.

Os cursos têm carácter essencialmente prático no sentido de darem os conhecimentos e prática necessárias para o governo de embarcações de vela ou motor. Não é contudo descurado o aperfeiçoamento da natação e do remo.

Ao longo dos cursos através de palestras e demonstrações práticas desenvolve-se a preocupação pela

segurança no mar. Simultaneamente são dadas noções elementares de marinharia, navegação, conservação de barcos e seus motores, meteorologia, hidrografia, etc.

A inscrição nestes cursos está aberta a todos os jovens a partir dos 14 anos, sócios ou não do C. N. S., apenas com a condição de saberem nadar e não lhes estar contra indicada a praia.

A inscrição poderá ser feita na sede do Clube Naval Setubalense, Avenida Luísa Todi, 300, 1.º, em Setúbal, onde se prestam todos os esclarecimentos.

O curso terá a duração de uma semana, devendo realizar-se de 17 a 24 deste mês. O custo da frequência é de 300\$00 para sócios e 500\$00 para não sócios, dos quais serão cobrados 50\$00 no acto da inscrição. Esta importância dará direito a alimentação, alojamento e utilização das embarcações. Os alunos aprovados no final dos cursos poderão requerer a respectiva Carta de Marinheiro.

Todos os inscritos deverão apresentar uma autorização dos pais e declara cumprir o regulamento que inclui normas estritas de segurança.

Após a recepção os alunos serão submetidos a uma prova de natação não sendo permitida a saída nos barcos enquanto a não satisfazam.

Será em seguida feita a selecção em dois grupos, «iniciados» para o «Curso de Aperfeiçoamento» e «principiantes» para o «Curso de Iniciação».

A partir daí disporão de uma frota de monotipos individuais, barcos-escuela de vela, barco rápido, a motor, barco de serviço a motor e escaler a remos equipados com toda a segurança.

PAQUIRRI TOUREIA ESTA TARDE EM GIJON E À NOITE EM LISBOA

Chama-se Francisco Rivera, Paquirri, e é conhecido pelo toureiro do sorriso. Lisboa nutre especial simpatia, retribuída aliás. Na praça do Campo Pequeno a sua presença é sempre bemvinda. Pois Paquirri despede-se, esta noite, de Lisboa, até á próxima temporada, está visto.

Mas não é só Lisboa que aprecia e solicita, com frequência e insistência, a sua presença. Muitas outras praças o querem ver actuar nas suas arenas, triunfante e matador.

Os contratos multiplicam-se aqui e além, dois e três para o mesmo dia, a centenas e centenas de quilómetros. Basta olhar para o seu calendário de Agosto, desde a sua ultima apresentação no Campo Pequeno.

Temos assim que, hoje, Paquirri toureira esta tarde em Espanha, em Gijon, lá em cima ao pé de Oviedo, e á noite em Lisboa. Como resolver o problema

das distancias e do repouso necessário no intervalo de ambas as corridas? De avião, mas de avião privativo. E assim se resolve o problema das «horas apertadas» de Paquirri, tanto mais que não há carreiras de aviões entre Gijon e Lisboa. E mesmo que houvesse, nem sempre os horários das companhias coincidem com os dos toureiros.

Paquirri sairá de Gijon com o «traje de luces» e á noite estará no Campo Pequeno para dizer «até para o ano» á «afición» de Lisboa, onde ele gosta de actuar. A bordo, Paquirri repousará e jantará.

Durante a temporada taurina, não tem fim para Paquirri a aventura de viver depressa. E vive-a com o avião, os touros e os aplausos da «afición» que aplaude entusiasmada as suas «faenas» de grande matador. Como se repetirá, esta noite, com certeza, no Campo Pequeno.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

QUEM SERÁ O SUBSTITUTO DE U THANT?

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK)—As especulações campeiam nos meios diplomáticos das Nações Unidas. Fala-se da demissão de U Thant, dentro de meses, depois da transferência do seu chefe de gabinete para outro cargo.

Já em Dezembro de 1966 se supunha que o Secretário-Geral não iria manter-se no cargo até ao termo do mandato de 5 anos. Mas nessa altura ele decidiu continuar.

Saudável, apenas com 61 anos, o diplomata birmanês tem numerosas razões para se julgar frustrado nos seus esforços, a acreditar-se em vários diplomatas ocidentais e não alinhados.

Assim, o desinteresse de que os E. U. A. deram provas para com a ONU, a propósito da Apollo 11, veio reforçar a impressão de futilidade devida à aparente incapacidade das Nações Unidas para regular a crise do Médio Oriente ou ter um papel eficiente no conflito do Vietnam.

U Thant não forneceu quaisquer indicações sobre as suas intenções, a não ser o facto de ter autorizado a transferência do seu chefe de gabinete. Um porta-voz declarou que estas especulações eram absurdas.

O chefe de gabinete de U Thant, Narasimhau, o indiano que ocupa o cargo

mais elevado no secretariado, foi recentemente nomeado administrador-adjunto do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas sob a chefia de Paul Hoffman. Constantine Stavropoulos sucedeu-lhe como subsecretário-geral para os Assuntos da Assembleia Geral, mas conservou temporariamente o seu outro lugar de chefe de gabinete de U Thant.

Narasimhau dificilmente podia suceder a Hoffman, porque, segundo um acordo tácito, a direcção do programa de desenvolvimento das Nações Unidas, cabe a um diplomata americano, uma vez que os E. U. A. fornecem a maior contri-

buição (com larga vantagem) a este programa.

É igualmente pouco provável que um novo secretário-geral venha a manter o diplomata indiano na chefia do gabinete, embora Dag Hammarskjöld, pouco antes da sua morte em 1961, o tenha nomeado em resultado da polémica levantada pela proposta soviética, no sentido de ser nomeado um «troika» para

dirigir o secretariado.

Em consequência disso, segundo estas especulações, Narasimhau assegurou o seu futuro regressando a um domínio de actividade onde é voz autorizada.

Foi noutro tempo secretário executivo da comissão económica das Nações Unidas para a Ásia e administrador-adjunto do Fundo Especial das Nações Unidas.

ASIÁTICO OU AFRICANO?

Se Thant tiver a intenção de se retirar para breve, é natural que o faça após a celebração do 25.º aniversário das Nações Unidas, no final da Assembleia Geral de 1970. O seu sucessor deveria, evidentemente, ser aceitável para os soviéticos e americanos. A França prepara-se igualmente para insistir no sentido do sucessor de Thant saber falar francês.

U Thant irritou, por vezes, os americanos e os soviéticos e Washington censurou-lhe, em certas ocasiões, o facto de ser menos que neutro a propósito do Vietnam e de lhe repugnar ofender os soviéticos. Mas foi aceitável para as duas

superpotências, em parte porque o respeitavam mais pela sua sinceridade e integridade que pela força.

Segundo uma informação praticamente impossível de confirmar, os E. U. A. e a U. R. S. S. teriam chegado a um acordo tácito, nos termos do qual não escolheriam um asiático ou um africano para sucessor de U Thant.

Esse acordo corresponderia ao desejo de reduzir a influência afro-asiática, que, por vezes dá a impressão de ser dominante no Secretariado e na Assembleia das Nações Unidas, embora as grandes potências conservem numerosos meios de controlo político.

LATINO AMERICANO OU EUROPEU?

Por conseguinte, poderá vir a ser escolhido um diplomata latino-americano ou europeu, mas supõe-se geralmente que a U.R.S.S. vetaria a nomeação de um diplomata latino-americano, por entender, com razão ou sem ela, que ele seria demasiadamente influenciado pelos E. U. A.

E assim as especulações recaem num diplomata de um país europeu neutro — Áustria, Finlândia ou Suécia (a Suíça não faz parte da O. N. U.). No começo da existência das Nações Unidas, houve uma espécie de tradição escandinava —

Hammarskjöld e Trygve Lie — que poderia agora renascer.

O embaixador finlandês Max Jakobson foi muitas vezes citado como candidato que reuniria a confiança de todos, o mesmo acontecendo com o ministro austriaco dos Negócios Estrangeiros, Kurt Waldheim. Gunnar Jarring, representante especial da O. N. U. no Médio Oriente foi igualmente citado, mas é de duvidar que o diplomata sueco, de 61 anos, queira vir assumir outras funções nas Nações Unidas.

Nota do dia

AVENTURAS, NÃO

A SOA AVENTURAZINHA está-nos na massa do sangue. O último exemplo é o do intemperato e obstinado homem de Coruche, a quem se meteu em cabeça que havia de ladear toda a costa de Portugal, de um extremo a outro, a cavalo numa prancha assente sobre dois velhos bidões de gasolina. Para quê? Isso ainda ninguém disse nem dirá, nem mesmo o próprio protagonista da projectada façanha, mas disse o porquê, o qual ao que parece, pois já foi dito e repetido, se resume a não querer que os homens lá da sua terra vão julgar que ele se deixa dominar por medos.

Para falar a verdade, nem se vê bem que ao episódio possa atribuir-se projecção bastante para aqui servir de tema ou de mote, mas a realidade fala por si e não se vê que traga na rede outro motivo capaz de sugerir muito grandes meditações. Estamos em pleno Verão, a previsão meteorológica também não dá para grande coisa, céu nublado alternando com céu limpo, várias nortadas mais ou menos rijas a que já estamos habituados, descida de temperatura no período que aí vem de 15 a 20. «De acordo com os valores normais da época», para retomar a linguagem do comunicado.

Ora isso não dá nada. Antes o homem de Coruche de quem gostaríamos de louvar a perseverança, a audácia, etc., se valesse a pena. Mas vale a pena? Certamente as duas qualidades que deixamos apontadas como características do aventureiro candidato a mareante são louváveis e desejáveis, mas para empreendimentos que tenham algum sentido, o que nos parece estar muito longe de se verificar no episódio que se aceitou guindar às alturas de tema para meditação numa tarde de Agosto. Parece-nos.

O homem de Coruche, porém, não é apenas ele próprio. O homem de Coruche é um pouco a maneira de nós todos, um certo alheamento de tudo, o deixar correr, o encolher de ombros a perguntar que temos nós com isso, que de maças andamos fartos, ninguém está para mais, não é com a gente é com os outros. E ninguém quer saber. Ninguém quer saber de nada. Mas num relâmpago, por um capricho, pois aí vamos a embarcar na aventura nem que seja a cavalo em duas latas de gasolina. Para nada, só para que os homens lá da terra não vão julgar.

Este correr a loguetes tem de ser denunciado como expressão nociva da nossa idiosincrasia, que como expressão colectiva terá deixado muitas dedadas até na nossa História, mas toda a gente, que quiser meter-se na aparentemente penosa tarefa de pensar, há-de ser capaz de entender que não nos leva a coisa nenhuma. A vida dos homens, menos ainda a vida dos povos, não pode fazer-se nem aceitar-se nas contingências de uma espécie de lotaria de que sempre esperamos, quando não a taluda, ao menos, por amor de Deus, nem que seja a terminação.

Só tivéssemos um pensador, um doutrinador, alguém que tivesse fogo bastante para dizer isto em jeito de gente grande a este povo pequeno, talvez acordássemos num repente, estregássemos os olhos e fôssemos capazes, pois é, de olhar para a frente, pensar na vida, mas pensar, e mãos à obra. Mas não temos. Por isso teremos de nos resignar, os que gostaríamos de ter um pensador grande, a ir gaguejando estas jeremiadas na esperança de que alguém, nem que seja por si só, se vá exercitando no duro mas atraente ofício de pensar.

Poli-grip faz parte da minha «maquillage».
Escolher a cor certa de um batom ou usar um bom perfume não basta para me dar um perfeito à vontade. Só Poli-grip me dá esse avontade. Pondo um pouco de Poli-grip na minha dentadura postiça, logo pela manhã, ela conserva-se impetavelmente no seu lugar durante todo o dia. Posso comer o que me apetece, rir, beber... numa palavra: «viver». Sinto-me como nunca. Sou eu própria, segura de mim. Garanto-lhes. Se, como eu, usa dentadura postiça, sentirá que a sua «maquillage» só ficará completa usando Poli-grip.



Peça Poli-grip na sua farmácia habitual.

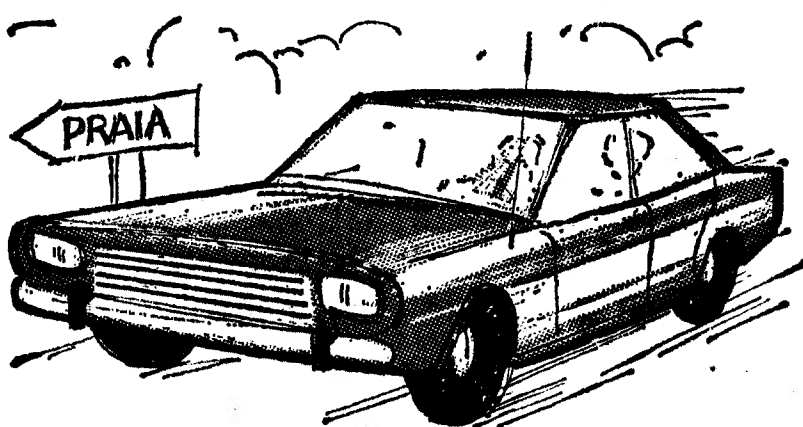


TRI-COMPAX

Relógio de precisão com contadores múltiplos. Calendário completo e indicador das fases da Lua. Controle de tempo até um quinto de segundo num período de doze horas. Divisão taquimétrica no mostrador.

UNIVERSAL GENEVE
le couturier de la montre

NAS LONGAS VIAGENS DE FÉRIAS OS CHEIROS DOS AUTOMÓVEIS INCOMODAM MUITA GENTE



No cinzeiro do seu automóvel, uma só gota do desodorizante **NILODOR** elimina por completo os cheiros a gasolina, óleo, tabaco, etc. Experimente hoje mesmo **NILODOR** e verá que viaja mais comodamente.

A venda em farmácias, drogeries e perfumarias.

Rep. ORCORE, LDA. — LISBOA — Telef. 43134
PORTO — Telef. 37021

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

FRIGORÍFICOS

SALDAMOS
MODELOS ANTERIORES
PREÇOS MUITO MAIS BAIXOS
GARANTIA DE NOVOS
LARGO DE SANTA BÁRBARA, 13 - 1.º ANDAR

A INTEGRAÇÃO DOS CEGOS NA SOCIEDADE

— tema debatido na reunião do Lions Clube de Lisboa

Presidida pelo dr. Manuel Pereira de Oliveira, realizou-se mais uma reunião do Lions Clube de Lisboa, na Casa do Leão no Castelo de São Jorge.

Ao iniciar a sessão o presidente do Clube de Lions do Estoril, Heinrich Katzenstein foi convidado a hastejar a bandeira nacional, seguindo-se a invocação feita pelo 1.º vice-presidente dr. Nuno Botelho de Medeiros, cerimónia atentamente seguida pela assembleia.

Após a apresentação dos sócios e seus convidados que incluíam os srs. Wanwasenhove arq.º Martinez dos Santos e o «lion» Tony Sticher, o presidente do clube informou ter sido formado novo grupo de «lions» para trabalhar na elaboração do boletim da agremiação e, depois de com palavras de muita amizade saudar os que agora partem, o dr. José Jayme Neves e o eng.º Fernando Moutinho, comunicou o novo elenco de que fazem parte João Carlos Pinto Trincão, editor, Frederico de Kressler, director e os sócios jornalista José de Menezes e Ca-

bral, drs. Mário Cardia e Olindo de Figueiredo, constituindo o corpo redactorial.

Sobre assuntos relacionados com a edição do boletim falou o sócio João Carlos Pinto Trincão tendo o dr. Mário Cardia tido considerações de interesse sobre o assunto. O past-presidente dr. José Trindade Martinez, informou que lhe fora comunicada a constituição do primeiro clube de Lions de Angola, o Clube de Luanda, o que deu lugar a grande regozijo dos presentes.

Seguidamente, o dr. José Jayme Neves apresentou o conferencista, o estudante universitário invisual Henrique Ramos Ribeiro que proferiu uma palestra subordinada ao título «Os cegos na cultura e no trabalho».

Em traços largos, o palestrante historiou o papel dos cegos na sociedade humana ao longo dos tempos, salientando que só quando a cultura deixou de ser um repositório oral para se tornar escrito, surgiram as primeiras dificuldades à sua aquisição pelos invisuais.

Salientou que até fins do

século passado Portugal ocupou, no Mundo, o segundo lugar na adaptação dos cegos à sociedade, mencionando, entre outros, o escritor António Feliciano de Castilho como exemplo desse facto. Segundo o orador, entrou-se depois num período que denominou de «interregno» e que durou algumas décadas. Manifestou o seu regozijo e a sua esperança de que as entidades oficiais protejam, agora, ainda mais através da legislação adequada, os invisuais, ao recordar o recente decreto do ministro da Saúde e Assistência dr. Lopo Cancellia de Carvalho, concedendo preferência a invisuais para o desempenho de determinados cargos no seu Ministério.

A terminar sugeriu que o clube inicie uma campanha junto de chefes de empresas para aproveitamento e valorização da mão-de-obra invisual.

Terminada a palestra, seguiu-se animado debate em que participaram vários sócios. A encerrar a reunião o comentador, eng.º José Coelho Gil, traçou em breves palavras o perfil da sessão, o que fez com inextinguível utilidade, pois, retirando o conteúdo subjectivo e emocional da palestra e intervenções que se lhe seguiram, elaborou um esquema nítido do que se passara, o que permitiu tirar ilações necessárias para que o clube prosiga com a sua acção útil e persistente no sector dos invisuais.

ora diga-nos...

— Tem muitas vezes dores de cabeça?

Dores de cabeça é a maleita mais comum do comum dos mortais. O que talvez seja a melhor prova de que o homem é um animal pensante por excelência. Mas não discorramos mais, se não daqui a pouco já estamos com uma enxaqueca dos demónios...



● A nossa primeira interrogada foi uma colaboradora do «Diário de Lisboa», Alice Vassalo Pereira, a qual, apanhada de sopetão, não pôde recusar-se a responder-nos:

— Muitas. Mas dores de dentes é pior que dores de cabeça. Ainda agora estou aqui cheia de dores de dentes — fui esta manhã ao médico, mas eles não deturam de me doer.

— E já foi ao médico por causa das dores de cabeça?

— Ora! Ir ao médico por causa de dores de cabeça!

— Toma então comprimidos?

— Muito poucos. Só mesmo quando tem que ser.

— E doenças graves?
— Apenas as que o normal das pessoas têm...

● A auxiliar de enfermeira Maria Luísa Brochado, a seguir ouvida, respondeu:

— Nunca! Não me doi a cabeça porque não bebo vinho, é só água!

— Mas acha que o vinho provoca dores de cabeça?

— Pois então. As pessoas que eu conheço e têm dores de cabeça são as mais bebedoras.

— E porque é que não bebe vinho?

— Eu? Para não me emborchar.

— Mas podia beber sem chegar a esse estado...

— Ora, isso são histórias...



● O último inquirido foi o tipógrafo Carlos Augusto Campos. Eis o depoimento que produziu:

— Por vezes. Por causa do calor ou do cansaço.

— O que faz, nesses casos?

— O que penso que toda a gente faz — tomo comprimidos.

— Mas vai ao médico por causa das dores de cabeça?

— Se elas não passam, vou. E que aos seis anos tive uma meningite e por isso todo o cuidado é pouco.

— Vai, pois, ao médico regularmente?

— Em princípio, de seis em seis meses.

CONCURSO

GM

40.000
É PARA SI!



Da nossa linha de montagem de Azambuja

saiu

o QUADRAGÉSIMO MILÉSIMO carro para

o Senhor Américo Ferreira SECARIAS — TORRES VEDRAS

por sorteio realizado na sede da General Motors de Portugal, Lda. em 8 de Agosto de 1969

OPEL REKORD-COUPÉ

o 40.000 FOI PARA ELE!

o Premiário terá de levantar a viatura até ao dia 8 de Fevereiro de 1970

A K. L. M. COMEMORA ESTE ANO O CINQUENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO

Fundada em 1919, pelo dr. Albert Plesman — um dos grandes pioneiros da aviação — a K. L. M. (Royal Dutch Airlines), que este ano comemora o seu cinquentenário, é, sem dúvida, uma das mais importantes companhias aéreas do Mundo.

Sempre seguindo a ideia-base do seu fundador — «o oceano aéreo une todos os povos» — a companhia tem

incentivado, constantemente, o seu volume de tráfego. Os seus aviões voam hoje para todos os continentes, e a empresa não se poupa a esforços no sentido de se manter ao par das mais recentes inovações da técnica. O conforto dos passageiros, por outro lado, também constitui primordial preocupação dos responsáveis da K. L. M.

O dr. G. van der Wal, presidente da companhia, referindo-se, recentemente, à importância da introdução de jactos nas carreiras aéreas, afirmou: «Foram

abertos novos horizontes à navegação aérea comercial. O tráfego de passageiros através do Atlântico Norte prova-o bem: recentemente, 94 % escolheram o avião como meio de transporte, enquanto em 1957 a proporção era de menos de 50 %. Graças à enorme produtividade dos nossos DC-8, os 42 aviões de hoje rendem três vezes mais que os 95 aparelhos de 1959».

Depois de sublinhar que a K. L. M. teve um incremento de 28 % no ano passado, o dr. van der Wal mencionou, na mesma ocasião, a importância dos anos 70 no desenvolvimento da aviação comercial, com a entrada ao serviço de aviões de grande capacidade, capazes de proporcionar viagens confortáveis a elevado numero de passageiros, a velocidades supersónicas. Quem viajar nesses aparelhos, aliás, beneficia de uma espécie de

conforto muito especial — a redução do tempo de viagem para um terço da duração actual.

A companhia, cujas carreiras europeias são servidas por 18 DC-9 —, através da constante modernização de todos os seus serviços, pensa consolidar, no decorrer da próxima década, a sua posição no mundo da aviação civil. Para tanto, já encomendou seis aviões «Boeing 2707» (supersónicos), que devem entrar ao serviço antes do fim dos anos 70.

Visita pastoral e inauguração da casa e salão paroquiais em Vila Cova

VILA COVA (SEIA), 14 — Efectua-se no próximo domingo a visita pastoral e a inauguração da Casa e salão paroquiais desta freguesia. Além do prelado da diocese estarão presentes o presidente e vice-presidente da Câmara Municipal e outras autoridades civis e eclesiásticas.

A recepção ao prelado está marcada para as 11 e 30, seguindo-se o cortejo e missa na igreja paroquial.

As 13 e 30 será oferecido um banquete de homenagem em honra do prelado e autoridades.

Realiza-se depois, no salão paroquial, uma sessão solene que assinalará a inauguração oficial das obras paroquiais.

As festividades seguem-se na igreja paroquial com a administração do Santo Crisma e visita às dependências do templo.

Festas da Senhora da Boa Viagem em Moita do Ribatejo

MOITA DO RIBATEJO, 14 — Vão realizar-se mais uma vez as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem, nesta vila.

Estas festas, quase tri-centenárias, são das maiores e mais concorridas das que se realizam no sul do País e, a atestar este facto, todos os anos assistem aos seus variados números dezenas de milhares de forasteiros vindos dos pontos mais reconditos do nosso País e até do estrangeiro. O programa variado e em elaboração abarca os dias 13, 15, 16 e 17 de Setembro próximo.

LIVRARIA BERTRAND

UMA REVELAÇÃO LITERÁRIA

SEXTA-FEIRA

OU OS LIMBOS DO PACÍFICO

por Michel Tournier

PRÉMIO DA ACADEMIA FRANCESA

Através do mito eterno de Robinson Crusoe, algumas das mais prementes preocupações de hoje

COLECÇÃO AUTORES UNIVERSAIS

316 páginas: 40\$00

O CINEMA FRANCÊS COMO A EXPRESSÃO IMEDIATA DA VIDA



apresenta



HOJE às 21,30
um filme de:

FRANÇOISE SAGAN — ALAIN CAVALIER

CATHERINE DENEUVE
MICHEL PICCOLI

La Chamade
(LA CHAMADE)

...è a realidade do
amor-instinto

ROGER VAN HOOL
JACQUES SEREYS
IRENE TUNC

O coração de Alain Cavalier encontrou-se
com o meu ao realizar (La Chamade).
Amo este filme!

Françoise Sagan
(FRANÇOISE SAGAN)

ADULTOS EASTMANCOLOR

NUNCA OS SETE MARES FORAM DEVASSADOS POR TAIS AVENTURAS



DOUG McCLURE
JILL ST. JOHN
GUY STOCKWELL

Technicolor
M/ 12 anos

O PIRATA DO REI

Pra os que gostam de ACÇÃO

ESTREIA
amanhã no

POLITEAMA



HOMENS PARA
QUEM A VIDA
NÃO CONTA,
LANÇADOS NO
TURBILHÃO DA
COMPLEXA RE-
DE DA ALTA-
-ESPIONAGEM!

com

TY HARDIN
MICHAEL
RENNIE

GRAZIELLA
GRANATA

EASTMANCOLOR

ESTREIA, AMANHÃ

Exclusivo DOPERFILME

ROMA

(ADULTOS)

HOMENS DESESPERADOS

«HUMAN TARGET»

4.ª semana

HELGA
O SEGREDO DA
MATERNIDADE

no Cinema

maiores de
21
anos

VARIEDADES

HOJE, ÀS 21.45 HORAS — (ADULTOS)

«OS DIREITOS DA MULHER»

DESEMPENHO DA C.º TEATRO ALEGRE
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
AUTÊNTICO DELÚVIO DE GARGALHADA
com HENRIQUE SANTANA • IRENE ISIDRO
• AUGUSTO COSTA (COSTINHA)

AMANHÃ, DIA FERIADO, À TARDE ÀS 16 HORAS

DURANTE 17 DIAS A SORTE MORA NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
DIARIAMENTE
SORTEIO DE UM ÚTIL PRÉMIO
A VOLTA VISTA DA FEIRA

É UM PASSATEMPO OFERECIDO A TODOS OS VISITANTES
PELAS CATEGORIZADAS FIRMAS EXPOSITÓRIAS DA FEIRA

HOJE

VOTAÇÃO PARA A ETAPA DE AMANHÃ

CIRCUITO DE VILA DO CONDE

PRÉMIO: UMA MÁQUINA DE BARBEAR «BRAUN», OFERTA
DA CONCEITUADA ORGANIZAÇÃO COMERCIAL DABO

A FEIRA ABRE ÀS 19 HORAS

HABILITE-SE TAMBÉM A UMA MOTORIZADA CASAL, OFERTA
MENSAL DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO AVIS

TÍTULO — «A Vingança do Condenado» («The Hill's Run Red»).

REALIZADOR — Lee W. Beaver.

INTERPRETES — Thomas Hunter, Henry Silva, Nando Gazzolo, Dan Durryea, Nicoletta Machiavelli, etc.

Se você quer que está mesmo de férias, daquelas a sério que a gente deseja todo o ano, a ponto de nem querer ler um livro de «cow-boys» dos que por aí há muito coloridos, então vá ver este filme que é o mesmo mas em Technicolor e Techniscope, editado por Dino de Laurentis que afinal é o grande espetáculo da fita toda.

Claro que o filme é italiano mas não se deixe impressionar: Também os melhores livros de vaqueiros e «pum pum» são portugueses e se lhe for parar as mãos o leitor só o larga no fim que é um regalo.

«A vingança do Condenado» é um filme para descontraír, capaz de fazer com que o mais lingrinha saia com o pior dos ares ameaçadores da sala do Arco do Cego. Ou não é verdade que todos nós temos um bocadinho de «rapaz»?

Com um revólver em cada

mão, os personagens desta película propiciam ao espectador barricado na poltrona o maior arraial de «chumbo e fogo» que deve haver memória nos arraiais do cinema. E sem nos obrigar à inútil e insípida demora da recarga das armas, que está para o cinema como a recolha dos touros (na corrida á portuguesa) está para a tourada.

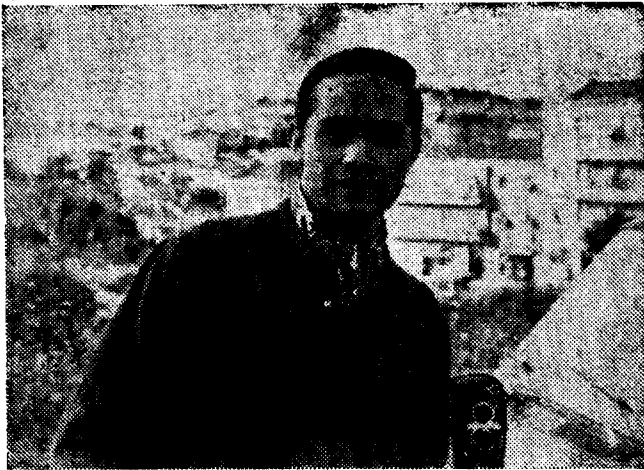
Torturas, brutalidades, assassínio, roubo, sem faltar a nota sentimental nem as boas intenções, nadam neste filme de mãos dadas para nos dar mais uma história que vale só pela «mensagem»; o crime não compensa!!!

Um magnífico «western» dos tais que até os americanos já não sabem fazer e que se inclui na esteira de todos os outros que guindaram os estudos italianos á invejável posição de «melhores produtores de filmes de «cow-boys» de sempre».

Em «A Vingança do Condenado», realizado com a necessária inteligência por Lee W. Beaver (diz a ficha) há o «rapaz», o vilão, a rapariga e, reparem como a intriga é bem urdida, a memória saudosa da esposa assassina. Claro que cavalos há muitos, selvagens e domesticados, mas presume-se que o «rapaz» venha a casar posteriormente com a rapariga. Não tenham duvidas — é um filme que a vingança foi terrível.

Como complementos temos dois jornais de actualidades, um português e outro espanhol, que como momentos elevados apresentam completas reportagens, respectivamente, sobre o Chefe do Estado nas festas do mar, em Setúbal e a sessão das Cortes espanholas, na qual Juan

(Continua na 14.ª página)



Francisco Martinho aparece em nova gravação comercial, desta vez acompanhado por uma orquestra dirigida por Shegundo Galarza. Composições interpretadas: «Lisboa é um sonho» (António José S. Galarza), «Só à noite» (E. Vasco-Mário Moniz Pereira), «Há amor na tua rua» (C. Pereira-Amadeu Ramin) e «Princesa do Tejo» (de Júlio Vileitas)

Inicia-se esta noite o XIII Festival de Sintra

Mais uma vez a Camara Municipal de Sintra, com as suas Comissões de Turismo e de Arte e Arqueologia, organizam o Festival de Sintra, uma legenda aureolada de prestígio pelos largos anos que tem de existência e de experiência, que este ano entra na sua 13.ª edição.

A direcção artística é de Sequeira Costa devendo-se o patrocínio á Secretaria de Estado da Informação e Turismo e ás suas Direcções-Gerais.

O XIII Festival de Sintra é mais um degrau na escadaria de um aliciente objectivo — o êxito — que, ano após ano, tem vindo a tomar expressão sólida desde o seu enraizamento nas «Jornadas Musicais de Sintra».

Abre o Festival a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional sob a direcção do maestro Lawrence Foster, que tem 28 anos, já conseguiu averbar os mais vibrantes aplausos da crítica e do publico. Em Dezembro do ano findo, o critico musical do jornal «The Guardian»

afirmava que Lawrence Foster tem todas as possibilidades (melhor ainda, porventura, do que um Leonard Bernstein, um André Previn, ou um Morton Gould).

Quanto ao pianista Victor Eresko, que conta 27 anos de idade, é um artista dos mais bem dotados e prometedores entre as modernas gerações de musicos soviéticos. Tem arrancado ao publico verdadeiras tempestades de aplausos pela «maturidade do seu estilo» e porque é «igualmente um artista inspirado» com «um temperamento poético».

ESTREIAS DE HOJE

No Politeama
Título em português — «O pirata do rei».

Produção — Americana.
Realização — Don Weis.
Interpretes — Dang McClure, Jill St. John e Guy Stockwell.

Género — Aventura.
Distribuição — Universal Sonoro.

Processo — Technicolor.
Classificação — 12 anos.

MONUMENTAL DE CASCAIS

DOMINGO 17 AS 17 HORAS
(M. 6 anos)

8 PODEROSOS TOIROS

de D. JOÃO DE NORONHA
SERÃO LIDADOS POR:

MESTRE BATISTA - ALFREDO CONDE

DOIS CAVALEIROS DE EMOÇÃO
EM ESTILOS DIFERENTES

ESPADAS: **ARMANDO SOARES**

O PORTUGUÊS **FERNANDO TORTOSA**

O ESPANHOL **FERNANDO TORTOSA**
EM EMOCIONANTE COMPETIÇÃO IBÉRICA
OS VALENTES FORCADOS AMADORES DE LISBOA
comandados por
NUNO SALVAÇÃO BARRETO

PREÇOS:

Sol, desde 25\$00
Sombra, desde 80\$00
Juventude 15\$00

BILHETEIRAS —
Em Lisboa: AG.
A.B.E.P., Restauradores.
Em Cascais: Nos
locais do costume,
Telefone 281007.



10.ª SEMANA

A REVISTA DOS PARODIANTES DE LISBOA — UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

com
Camilo e Florbela
Paula Ribas

e
Rui de Mascarenhas
no comando do cartaz
em 2.º MES de lotações
esgotadas na
SALA FRESQUINHA do 2.º

MONUMENTAL

AMANHÃ, DIA FERIADO, A TARDE AS 16 HORAS



em 2 SESSÕES
20 45 e 23 h.
(ADULTOS)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

FIGUEIRA DA FOZ

SÁBADO À NOITE

AS 21,45 1.ª NOCTURNA (M/ 6 ANOS)

PAQUIRRI

O TOUREIRO DA MODA

ARMANDO SOARES

CAVALEIROS

VARELA CID

JOSÉ M. CORTES

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

8 TOIROS DE

Manuel e Carlos Veiga

(ANTES RAFAEL CALADO)



O COLISEU FAZ HOJE 79 ANOS

Ligado á vida lisboeta desde a sua fundação até aos nossos dias, por ali tendo passado tudo quanto de melhor surgiu no mundo da arte — grandes orquestras sinfónicas, famosos «ballets», sumptuosas revistas e fantasias espectaculares; as óperas mais célebres, aliciantes programas de circo —, o Coliseu dos Recreios está hoje de parabéns, por completar mais um aniversário, de uma vida que é hoje igual ao que foi sempre.

Neste dia, não queremos deixar de apresentar ao nosso prezado amigo e grande empresário Américo Covões, as nossas felicitações e o desejo de que na direcção do Coliseu mantenha essa casa de espectáculos como sempre foi — honrando Lisboa e o País e acreditando-nos além-fronteiras.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

XIII FESTIVAL DE SINTRA

HOJE, 14 DE AGOSTO — 21.30 HORAS

INÍCIO DO FESTIVAL CONCERTO SINFÓNICO

Teatro Carlos Manuel (SINTRA)

ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

Direcção: Maestro LAWRENCE FOSTER
Solista: VICTOR ERESKO (pianista)

PROGRAMA

1.ª PARTE

A Força do Destino — Abertura da ópera — VERDI
Orquestra

Concerto n.º 1, op. 23, em si bemol menor — TSCHAIKOWSKY
Piano e orquestra

2.ª PARTE

Sinfonia n.º 3, op. 55, em mi bemol maior, «Eroica» — BEETHOVEN
Orquestra

DIA 18, SEGUNDA-FEIRA — 21.30 HORAS

RECITAL

pelo pianista VICTOR ERESKO
Palácio Nacional de Queluz

Os bilhetes para os espectáculos estão á venda: Agência do S. E. I. T., Praça dos Restauradores, Lisboa; Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra. No próprio dia poderão ser adquiridos desde as 20 horas no local onde se realiza o espectáculo. Estão assegurados os transportes, de ida e volta, entre Lisboa-Sintra ou Queluz.

PROCOLOR

LABORATÓRIOS FOTOGRÁFICOS
A COR, LDA.

AV DUQUE DE LOULÉ, 105-4.º — LISBOA (elevador)

O MAIS MODERNO LABORATÓRIO
A CORES DO PAÍS

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS
DE LABORATÓRIO E FOTOGRAFIA
INDUSTRIAL A CORES

CONTA GERAL DO ESTADO 1968

(Continuação da 1.ª página)

tante documento do qual, na impossibilidade de publicá-lo na íntegra, damos algumas das passagens mais significativas.

A economia internacional

Como habitualmente, o relatório abre com um capítulo sobre a «economia internacional», em que se começa por apreciar a «evolução geral da conjuntura», afirmando-se que «embora numerosos países industrializados tenham conseguido manter apreciável estabilidade do nível de preços, a situação inflacionista prevalecente, por razões diferentes, nos Estados Unidos, França e Reino Unido influenciou desfavoravelmente a situação geral da conjuntura internacional».

Por outro lado, acentua-se que «a evolução conjuntural observada em 1968 nos principais países ocidentais veio acentuar os desequilíbrios das transacções comerciais, nomeadamente dos Estados Unidos».

Segue-se uma análise da conjuntura na Europa Ocidental (em que «a expansão económica prosseguiu a cadência elevada na generalidade dos países da Europa Ocidental: o produto interno bruto, em termos reais avaliados para o núcleo de países europeus da O. C. D. E. deverá ter crescido a uma taxa de 5 por cento») e nos E. U. A. onde a política económica teve natureza restritiva, a fim de corrigir as pressões inflacionistas e melhorar a situação da balança de pagamentos.

Inferior ao previsto o nível de realização do programa do Plano de Fomento

O relatório entra, depois, na análise da «economia nacional», começando por apreciar a «evolução geral da conjuntura económica e financeira». A este respeito, sublinha:

«A observação dos indicadores económicos conhecidos permite concluir que em 1968 a actividade económica se terá expandido a uma taxa razoável, particularmente na parte final do ano. Todavia, será de admitir que não se tenha retomado ainda o ritmo de crescimento correspondente à tendência que vinha a verificar-se na presente década antes do acentuado afrouxamento que se observou em 1966.

Para a evolução favorável notada no ano transacto concorreram os resultados da produção agrícola, que voltaram a revelar apreciável incremento. Na indústria observaram-se indicações de recuperação da actividade, embora irregulares nalguns sectores, persistindo, de acordo com os elementos de informação disponíveis, sintomas de falta de dinamismo nas indústrias de bens de equipamento. Este comportamento, aliado ao das importações de máquinas e aparelhos industriais, leva à conclusão de que se manteve a tendência de afrouxamento de formação bruta de capital fixo, antes observada, principalmente na indústria transformadora.

A este respeito, o nível de realização do programa do III Plano de Fomento para 1968 apresentou-se inferior ao previsto, embora na parte final do ano se tenha verificado a aceleração dos investimentos públicos, a par da

realização de operações de financiamento em benefício do sector privado, com intervenção do Estado. (...)

Na linha do comportamento verificado nos anos anteriores, o equilíbrio entre a procura e a oferta globais efectuou-se mediante elevação do nível dos preços. Entre os factores determinantes desta situação teriam exercido sensível influência em 1968 a subida dos salários dos trabalhadores rurais, o elevado volume das transferências efectuadas por emigrantes e ainda o aumento dos custos da construção, que, dadas as deficiências estruturais deste sector, se repercutiu nas rendas de habitações.

A conjuntura financeira caracterizou-se, como anteriormente, por intensa procura de fundos no mercado monetário, de que resultou acentuada expansão do crédito bancário (1).

Quanto à «produção de bens e serviços», o relatório da Conta Geral do Estado escreve que «as previsões para 1968 do produto nacional permitem admitir que se terá observado apreciável expansão da actividade produtiva nacional».

Seguem-se mais considerações sobre a «evolução geral da conjuntura económica e financeira», «a formação de capital e o III Plano de Fomento», «os preços e os salários», «o mercado monetário e o mercado de capitais», «a balança de pagamentos e o comércio externo».

Volumoso excedente na balança de pagamentos na zona do escudo

Quanto à balança de pagamentos e ao comércio externo, salienta-se no referido relatório:

«A evolução das relações económicas com o estrangeiro voltou a determinar em 1968, a exemplo dos seis anos anteriores, a formação de um volumoso excedente na balança de pagamentos da zona do escudo (4115 milhares de contos) e, consequentemente, nova acumulação das reservas em ouro e divisas do País. No referido sexénio aquele saldo apenas foi superado pelo apurado em 1967, que alcançou valor excepcionalmente elevado.

E se o «superavit» correspondente ao ano findo apresenta uma diminuição em relação a 1967, isso explica-se pelo comportamento dos movimentos de capital. De facto, de acordo com os dados provisórios, a balança de transacções correntes revelou para o conjunto da zona do escudo «superavit» ainda superior ao do ano precedente».

Efectivamente, a balança de pagamentos da zona do escudo indica um saldo de 4115 milhares de contos, sendo de assinalar «uma elevação no excedente das transacções correntes do continente e ilhas adjacentes com

a quase estabilidade no saldo referente ao ultramar».

E, a propósito, escreve o mesmo documento:

«É significativa a expansão do saldo positivo que se formou, pela segunda vez consecutiva, nas transacções correntes do continente e ilhas adjacentes. Resultou este comportamento de atenuação do «deficite» comercial, a que se associou novo e avultado «superavit» em invisíveis correntes, ainda que ligeiramente inferior ao de 1967.

Assim, ao decréscimo das receitas de turismo, que se explica pelas medidas restritivas adoptadas, nomeadamente, na França e no Reino Unido, opôs-se considerável aumento nas entradas relativas a transferências privadas, principalmente de emigrantes, motivadas em parte por factores psicológicos relacionados com a crise social manifestada em França. Acentuou-se, aliás, no comportamento da balança de pagamentos a importância das transferências privadas, cujo saldo positivo subiu de 5993 para 7548 milhares de contos, enquanto o «superavit» referente a turismo se fixou em apenas 3893, contra 5376 milhares de contos no ano anterior» (...)

«Por sua vez, nas operações do sector público o «superavit» elevou-se ligeiramente, em consequência de ter contraído das saídas de capitais para reembolsos e amortizações superado o decréscimo das entradas de capitais (de 1758 para 1449 milhares de contos)».

Atingiram 4028 milhares de contos as reservas do Banco de Portugal

A respeito dos pagamentos externos, sublinha-se:

«Esta situação dos pagamentos externos determinou um acréscimo global de 4196 milhares de contos nas disponibilidades líquidas em ouro e divisas a curto prazo.

Dessa variação, uma parte avultada corresponde às reservas do Banco de Portugal, que se elevaram de 4028 milhares de contos, tendo também aumentado as disponibilidades em divisas na posse dos fundos cambiais ultramarinos.

Observando a repartição geográfica dos valores da balança de pagamentos da zona do escudo, conclui-se que voltou a formar-se um excedente considerável nas relações económicas com a América do Norte (5284 milhares de contos), proveniente de elevados «superavits» em mercadorias e invisíveis correntes, que ultrapassaram largamente o «deficite» da balança de operações de capital. Manteve-se, por outro lado, o «deficite» tradicional com os países europeus membros da O. C. D. E. (1448 milhares de contos), ainda que inferior ao registado no ano anterior. Aquele «deficite» foi determinado pelo saldo negativo de mercadorias, que só em parte foi compensado pelos excedentes obtidos em invisíveis correntes e operações de capital».

Saldo positivo (3059 milhares de contos) no comércio com o Ultramar

Quando às relações económicas com o Ultramar, acentua-se:

«Na balança de pagamentos do continente e ilhas adjacentes com as províncias ultramarinas, voltou a registar-se em 1968 elevado

saldo positivo (a favor do continente e ilhas).

Embora o referido saldo (3059 milhares de contos) ultrapasse sensivelmente o do ano anterior, deve atender-se, dada a natureza dos valores constantes desta balança de pagamentos, à existência, no final de cada ano, de saldos a aguardar possibilidade de liquidação, que em 1967 foram influenciados pela concessão de empréstimos especiais às províncias de Angola, Moçambique e Macau. Deste modo, o aumento do superavit global explica-se essencialmente pela contracção do deficit da balança de operações de capital, que em 1967 havia atingido volume excepcional, por efeito de operações a curto prazo do sector público (Fundo Monetário da Zona do Escudo) e de um empréstimo financeiro do sector privado, com o objectivo, em ambos os casos, de permitir a regularização de operações em atraso. Verificou-se, porém, de acordo com a balança de pagamentos em observação, um aumento das saídas de capitais privados a médio e a longo prazo para investimentos directos no Ultramar (de 87 para 223 milhares de contos)» (...).

«Das operações efectuadas no decurso de 1968 resultaram posições líquidas cumulativas devedoras para Angola e Moçambique e credoras para as restantes provín-

cias e para o continente e ilhas adjacentes. Relativamente ao ano anterior, é de referir a redução da posição credora do continente e ilhas adjacentes, determinada pela variação positiva nos saldos de todas as províncias. No final de 1968 aguardavam possibilidade de regularização débitos líquidos de Angola e Moçambique, no montante global de cerca de 2930 milhares de contos — sensivelmente superior ao registado um ano antes —, que correspondiam na sua maior parte a créditos do continente e ilhas adjacentes.

Como resultado das regularizações dos saldos mensais das contas de compensação, do reembolso de um crédito especial concedido a Macau e de outras operações, o saldo global das «contas de reserva» para o conjunto das províncias passou de 162 000 para 339 000 contos, devido a aumentos nas contas de todas as províncias, de maior amplitude nas da Guiné e Cabo Verde.

Por seu lado, as disponibilidades líquidas em ouro e divisas dos fundos cambiais ultramarinos não incluídas nas respectivas «contas de reserva» ascendiam, no final de 1968, a 1053 milhares de contos. Em relação a igual data do ano precedente, este valor corresponde a um acréscimo superior a 440 milhares de contos, repartido principalmente pelos fun-

dos cambiais de Angola, Moçambique e Macau».

Actividade financeira e despesas extraordinárias

Capítulo dedicado à «actividade financeira» principal com uma análise da «relação entre as receitas e as despesas» e nela se escreve:

«Encaradas à luz dos critérios contabilísticos tradicionais, assentes numa óptica de tesouraria, as contas do ano de 1968 encerraram-se com um saldo positivo no valor de quase 22 milhares de contos. As receitas totais arrecadadas durante a gerência elevaram-se a 25 767 milhares de contos e as despesas globais ascenderam a 25 193 milhares de contos. O excesso das receitas sobre as despesas foi assim de 574 milhares de contos. Porém, a quase totalidade dessa importância constitui provisão para a cobertura de despesas da «Defesa Nacional», cujos saldos das dotações de 1968 terão de ser acrescidos às inscrições correspondentes do ano em curso, em cumprimento de disposições legais expressas. Portanto, o resultado real da gerência atinge apenas 21,9 milhares de contos».

Reproduzimos a seguir o quadro comparativo das receitas arrecadadas e das despesas efectuadas durante o ano de 1968 com as respectivas previsões orçamentais e no qual os números estão referidos a milhares de contos:

Natureza das despesas e receitas	Previsão orçamental corrigida	Despesas			Receitas		
		Despesas pagas	Diferença		Previsão orçamental corrigida	Receitas cobradas	Diferença
Ordinárias	15 021,5	13 887,3	-1 134,2		18 336,5	21 827,9	+3 491,4
Extraordinárias	12 854,2	11 306	-1 548,2		9 541,2	3 939,9	-5 601,3
Total	27 875,7	25 193,3	-2 682,4		27 877,7	25 767,8	-2 109,9

«Verifica-se por este quadro que as despesas ordinárias e extraordinárias foram inferiores, respectivamente em 1134 e 1548 milhares de contos, às previsões orçamentais corrigidas. Essas diferenças corresponderam a 7,5 e 12 por cento daquelas previsões orçamentais.

Por outro lado, as receitas

ordinárias excederam em 3491 milhares de contos a verba fixada no orçamento revisado. Como consequência dessa situação, a receita extraordinária pôde ficar muito aquém da previsão orçamental. Apesar de o plano orçamental autorizar uma arrecadação de receitas extraordinárias até ao limite de 9541

milhares de contos, essas receitas não tiveram de ir além de 3940 milhares de contos».

É ainda de grande interesse o quadro que se refere às despesas ordinárias e extraordinárias em 1968. Reproduzimo-lo a seguir e, como no anterior, os números são referidos a milhares de contos:

Designação	Previsão inicial	Ajustamentos	Previsão revista autorizada	Despesas		Diferença
				2543,8	2428	
Dívida pública	2 179,2	+ 364,6	2 543,8	2 428	115,8	
Órgãos superiores do Estado	109,1	+ 24,7	133,8	125,3	8	
Serviços de defesa militar e segurança	8 734,5	+ 3 532,1	12 266,6	11 162,9	1 103,7	
Serviços de administração civil	11 312,2	+ 1 619,3	12 931,5	11 484,1	1 447,4	
1) Funcionamento dos serviços...	5 649,6	+ 373,8	6 023,4	5 408,9	614,5	
2) Investimentos	5 662,6	+ 1 245,5	6 908,1	6 075,2	832,9	
Total	22 335	+ 5 540,7	27 875,7	25 200,8	2 674,9	

«Em harmonia com o que já antes vinha sucedendo, foi nas despesas extraordinárias que as rectificações às dotações iniciais do Orçamento assumiram um relevo particular durante o exercício de 1968. Nessas despesas, os ajustamentos conduziram a um aumento líquido de 4183 milhares de contos na previsão orçamental, elevando-a de 8671 para 12 854 milhares de contos. Em contrapartida, nas despesas ordinárias, o aumento líquido nas dotações foi de apenas 1358 milhares de contos, o que correspondeu a 9,9 por cento da verba inicialmente prevista. (...)

A semelhança do que aconteceu em anos anteriores, tratou-se essencialmente de alargar as dotações destinadas a despesas de defesa, nomeadamente as que se referem à manutenção de forças militares extraordinárias no Ultramar (+ 2,2 milhões de contos) e ao reequipamento extraordinário do Exército e da Aeronáutica (+ 1 milhão

de contos). Merecem também referência especial os reforços nas previsões das despesas extraordinárias dos Ministérios do Ultramar (+ 478 000 contos para auxílios financeiros às províncias ultramarinas), das Obras Públicas (para investimentos em construções e obras diversas) e da Economia (para melhoramentos agrícolas, electrificação rural e outros investimentos)».

No final do relatório o ministro Dias Rosa acrescenta algumas considerações escrevendo nomeadamente:

«Embora subordinado a um esquema que é, basicamente, o mesmo dos anos anteriores, procurou-se neste relatório rever a forma e o

conteúdo do texto de modo a torná-lo mais claro e mais completo, o que explica a respectiva publicação nesta altura do ano, como, aliás foi prática normal até data relativamente recente (...). Em certa medida, o ano de 1968 poderá vir a revelar-se como um ano de transição: no plano económico tornaram-se patentes sinais de recuperação do nível de actividade; no plano financeiro mobilizaram-se importantes disponibilidades de tesouraria que permitiram reduzir a fraco montante o acréscimo da dívida pública efectiva, apesar de o volume da despesa extraordinária ter aumentado mais de 1 milhão de contos relativamente ao ano anterior».

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

NO CONSELHO DE SEGURANÇA

O LÍBANO PEDIU SANÇÕES DA ONU CONTRA ISRAEL

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 14. — (R.) — O Líbano pediu a noite passada ao Conselho de Segurança da O. N. U. que aplicasse sanções a Israel, por

motivo dos ataques de represália efectuados na segunda-feira pelos israelitas contra aldeias no sul do Líbano. Discursando numa ses-

são de emergência daquele órgão de 15 nações, convocada em sessão tanto a pedido do Líbano como de Israel, o embaixador libanês Edouard Ghorra decla-

rou que se o Conselho não aplicasse sanções, Israel cometera certamente nova «agressão». Recordou aos membros que após o ataque israelita

contra o aeroporto de Beirut em Dezembro passado, o Conselho avisara que novas medidas teriam de ser adoptadas se se registasse uma repetição de ataques

contra o território do Líbano.

Chegara a altura de pôr em vigor esse aviso.

Embora Ghorra afirmasse que não havia qualquer prova que apoiasse a acusação de Israel de que o território libanês estava a ser utilizado como uma base para guerra de terror desencadeada por guerrilheiros árabes, o delegado disse que era um facto que havia 150 000 refugiados árabes da Palestina no Líbano.

Esses árabes eram «comandos potenciais e activos», acrescentando que o presidente e o povo do Líbano apoiavam o povo da Palestina.

Respondendo à declaração do delegado libanês, o embaixador israelita Yosef Tekoah repetiu a acusação de que o território libanês se transformara numa base para guerra de terror.

Disse que o Governo libanês tinha completo conhecimento disso e «por certo, a presença de bases de terror parece ter tido certas repercussões na situação política interna do Líbano».

Sómente no mês passado tinham-se registado 21 ataques.

Ataques, bombardeamentos e colocação de minas, provenientes de território libanês, tinham decorrido diariamente «com o máximo desprezo pelo acordo de cessar fogo e pondo em perigo as vidas de civis inocentes, o que provocava derramamento de sangue e destruição de vilas e aldeias».

Como as autoridades libanesas pareciam incapazes ou pouco dispostas a acabar com esses ataques, Israel não tinha outra alternativa senão recorrer à autodefesa — acrescentou Tekoah.

Sómente os dois adversários discursaram na sessão do Conselho da noite passada, que durou cerca de uma hora.

O Conselho volta a reunir-se em sessão hoje às 14 e 30 T. M. G.

O
HOMEM
FAZ

O
TEMPO
ROLA

A
OBRA
CRESCCE



No caminho
do progresso,
participamos
de um esforço
comum, para
construir
realidades
perduráveis.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:

LISBOA
Rua Braamcamp, 5

PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

LUANDA
Av. Duarte Pacheco Pereira, 12

LOURENÇO MARQUES
Av. Fernão de Magalhães, 2



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Ataque egípcio à margem ocupada do Canal

CAIRO, 14. — (R.) — Ontem à noite uma patrulha do Exército egípcio atravessou o Canal de Suez e atacou um posto de artilharia israelita na margem leste ocupada — anunciou no Cairo um informador militar egípcio.

Afirma o porta-voz egípcio que o ataque, lançado às 11 horas locais (20 T. M. G.), a coberto da escuridão, causou pesadas perdas no lado israelita, sobretudo em equipamento.

Foi feito explodir um depósito de munições, e as altas chamas do fogo que se seguiram podiam ser vistas na margem ocidental.

A patrulha egípcia não sofreu perdas e regressou a são e salvo à base.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Actualidade internacional

A IRLANDA DO NORTE À BEIRA DA GUERRA CIVIL

(Continuação da 1.ª página)

formarem as ruas em campos de batalha.

Protestantes e católicos irlandeses reviveram a sua antiga disputa, baseada na religião, com uma orgia de violência, arremessando bombas de gasolina e paus de detrás das barricadas.

A Polícia, exausta, após 36 horas de serviço contínuo para pôr cobro às desordens em Londonderry, a cidade mais afectada, abriu fogo com revólveres às primeiras horas de hoje, quando bombas de gasolina foram atiradas de um armazém.

Os guardas dispararam uma descarga de entre 30 a 60 tiros, respondendo ao ataque com as bombas. Foi a primeira vez que a Polícia usou as suas armas desde que as desordens principiaram, após uma parada de protestantes, através desta cidade, predominantemente católica, na terça-feira.

Até hoje, os guardas confiavam nas cargas com bastões e nas granadas de gás contra motins — a primeira vez que a Polícia na Grã-

Bretanha empregou esse gás irritante contra multidões.

As desordens de Londonderry seguiram-se a dez meses de violência entre protestante e católicos, causada por pedidos de direitos civis para uma melhor situação política para a minoria católica de um terço da Irlanda do Norte.

A parada dos protestantes provocou incidentes à pedrada. Nos arrabaldes de Londonderry, 300 soldados britânicos encontravam-se de prevenção na base naval de Sea Eagle, prontos a intervir dentro de minutos. Contudo, nem o Governo britânico, cauteloso em envolver-se nas questões da província com Governo próprio, nem o Governo de Belfast deram o sinal para a chamada de forças militares.

Foram anunciados actos de

violência em Belfast, onde o Gabinete e o Parlamento, cujas férias foram interrompidas e foi convocado especialmente para uma sessão de emergência, decidiram hoje que medidas poderão retirar o território do caos.

Os 4000 soldados britânicos que se encontram em aquartelamentos em toda a Irlanda do Norte, permanecerão longe das vistas, enquanto a República Irlandesa, o vizinho católico do Sul, enviou unidades do Exército para estabelecerem hospitais de campanha perto da fronteira.

Por ordem do primeiro-ministro irlandês, Jack Lynch as unidades aprontavam-se para tratar de refugiados feridos do campo de batalha de Bogside, o bairro pobre católico de Londonderry, que se encontra barricado.

A proposta de Lynch para que as Nações Unidas enviem uma força de manutenção de paz para a Irlanda do Norte foi rejeitada, às primeiras horas de hoje, em Londres, pelo Governo britânico, e, a noite passada, pelo primeiro-ministro do Ulster, James Chichester-Clark.

BERNADETTE DEVLIN: «COMBATEREMOS ATÉ AO FIM»

As desordens de hoje foram uma repercussão violenta da divisão da Irlanda, há 49 anos, criando uma região protestante ao Norte, ligada à Grã Bretanha, e a República da Irlanda, no Sul católico. Pedidos de mais direitos civis para a comunidade católica do Norte provocaram reacção dos protestantes ultra-irlandeses.

Londonderry encontrava-se relativamente calma ao alvorecer, embora o posto da Polícia no distrito de Rosemount continuasse cercado. O posto encontrava-se completamente isolado por barricadas e chefes da Polícia não podiam socorrer os guardas que lá estavam.

O City Hotel, Q. G. de um exército de jornalistas, foi atacado por duas vezes com bombas de gasolina e, a certa altura, houve receios de que teria que ser evacuado. Chamas iluminavam a área cercada do bairro de Bogside, onde a deputada do Parlamento britânico, defensora dos direitos civis, Bernadette Devlin, ajudava a guardar as barricadas.

Bernadette Devlin tornou-se centro de discussão quando foi apresentada ontem em jornais britânicos a apanhar pedras para serem utilizadas como projecteis. A noite passada, a jovem dirigia as operações, declarando: «Esta é, também, a minha luta. Combateremos até ao fim».



A DEPUTADA Bernadette Devlin que se encontra ao lado de católicos numa das barricadas erguidas nas cidades da Irlanda do Norte, à beira da guerra civil

Os projectos de Omar Sharif

DEAUVILLE, 14 (R.) — O astro cinematográfico Omar Sharif afirmou a noite passada que desejava desistir da sua carreira no cinema e dedicar-se ao «bridge» e às corridas de cavalos.

O actor, intérprete de «Dr. Jivago» e «Che», a história de Che Guevara, passou a maior parte do mês passado nesta estância de turismo no norte da França, assistindo a corridas de cavalos e participando no recente campeonato internacional de «bridge».

Disse aos jornalistas: «Gostaria muitíssimo

de acabar com a minha carreira no cinema e dedicar-me exclusiva e definitivamente ao «bridge» e às corridas de cavalos».

Contudo, Omar Sharif planeia partir nos próximos dias para Innsbruck, na Austria, a fim de interpretar um filme americano. Depois terminará as filmagens de «Cavaliers», adaptado da novela de Joseph Kessel. Abandonou especialmente a localidade, no Afeganistão, onde se realizam as filmagens, para estar em Deauville e participar no campeonato de «bridge».

RÁDIO PEQUIM ANUNCIA:

OS RUSSOS CONTINUAM A DISPARAR SOBRE OS CHINESES

HONG-KONG, 14 — (R.) — Tropas soviéticas dispararam ainda hoje contra posições chinesas na província de Sinkiang, cenário de um importante recontro fronteiriço, que se registou ontem, segundo comunicou Rádio Pequim.

A Rádio disse, ainda, que as últimas notícias da área indicavam que soldados soviéticos se estavam a concentrar perto da fronteira e que continuavam a disparar contra guardas fronteiriços chineses.

«UMA FARSA» A CONFERÊNCIA DE MOSCOW

HONG-KONG, 14. — (R.) — O «Diário do Povo» de Pequim descreve hoje a confe-

rência mundial comunista, realizada em Moscovo em Junho passado, como uma farsa.

Citado por Rádio Pequim, o jornal oficial chinês afirma que o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, André Gromyko, no seu relatório político à recente sessão do Supremo Soviético escrevera um dos capítulos mais brilhantes da História. «Gromyko parece nada saber acerca do que é a vergonha na terra», comenta o jornal.

No relatório de Gromyko, a luta anti-imperialista não era mencionada. Em vez disso o documento falava acerca das relações amigáveis entre a Rússia e os Estados Unidos — acrescentava o «Diário do Povo».

Aviso de Husak aos reformistas

PRAGA, 14 — (R.) — Cerca de 10 000 comunistas checoslovacos aclamaram a noite passada, o chefe do Partido, Gustav Husak, quando este prometeu num comício, usar lei contra os «progressistas» do país.

No momento em que a Checoslováquia recorda a ocupação de Agosto último pelas potências do Pacto de Varsóvia, o comício de comunistas no centro da Boémia e da cidade de

Praga, aprovou mais tarde uma resolução, redigida em termos enérgicos, que os observadores consideram como indicativa de uma nova depuração de liberais e de possíveis mudanças nos postos cimeiros do Governo.

O dr. Husak, proferindo o seu primeiro discurso público desde o seu encontro na semana passada com dirigentes soviéticos na Crimeia, disse que «os nossos aliados desejam sinceramente e de todo o coração que nós punhamos os nossos assuntos em ordem de acordo com o melhor da nossa consciência».

Num aviso franco aos elementos reformistas, o dr. Husak afirmou: «Até agora não temos usado o poder do Estado, embora isso não seja devido a fraqueza, mas porque pretendemos trabalhar politicamente. Contudo, se se tornar necessário, não hesitaremos em empregar a lei».

MORREU O ESCRITOR

MUCIO LEÃO

RIO DE JANEIRO, 14 — (F. P.) — Morreu com 71 anos o mais antigo académico do Brasil, o escritor Mucio Leão.

Poeta e romancista, Mucio Leão pertencia à geração dos grandes escritores do Pernambuco que nos anos 20 deixaram o Norte do país para se instalarem definitivamente no Rio de Janeiro ou em São Paulo.

UMA PEQUENA AGENDA ESTÁ A GUIAR A POLÍCIA NAS SUAS INVESTIGAÇÕES EM LOS ANGELES

LOS ANGELES, 14 — (R.) — A Polícia está a ser guiada para um mundo sexual subterrâneo devido a uma pequena agenda com moradas que pertenceu ao cabeleireiro Jay Sebring, assassinado na passada sexta-feira, juntamente com a artista Sharon Tate e três outras pessoas.

O livro, contendo nomes e moradas tanto de homens como de mulheres, foi encontrado juntamente com estepefacientes no automóvel pertencente a Sebring.

A Polícia está agora a examinar a possibilidade de que o assassino ou assassinos sejam viciados em drogas, ou pessoas excêntricas convidadas pelo cabeleireiro para a casa da artista.

Quatro dos mortos, incluindo Sharon Tate, foram enterrados.

O quinto, Voytek Frykowski, realizador polaco amigo de Roman Polanski, marido de Sharon Tate, deve ser hoje sepultado em Nova York.

Polanski, realizador de al-

guns filmes macabros, incluindo «Rosemary's Baby», esteve presente aos funerais de sua mulher e de Jay Sebring, realizados em Los Angeles. O realizador mostrou-se de tal maneira comovido que soluçou em público e teve que ser assistido por amigos que o acompanhavam.

Hoje, a Polícia continuou a insistir que não havia qualquer ligação entre os assassínios de Sharon Tate e os seus amigos e o duplo crime do dono de um supermercado e de sua mulher, cometido, 24 horas depois, somente a 19 quilómetros da casa da actriz.

A Polícia diz que o duplo assassinio deve ser levado à conta de um psicopata com a mania da «imitação».

O caso Matesa provoca desmentido da Opus Dei

MADRID, 14 — (F. P.) — Matesa, a empresa de máquinas têxteis que deve mais de dez biliões de pesetas ao Banco oficial espanhol, é que é insolvente, possuía uma importante rede de distribuição no estrangeiro, tanto na América do Norte e do Sul como na Europa, segundo anunciou uma fonte digna de fé. Entretanto, prossegue o inquérito acerca da «mais importante fraude da História de Espanha».

O serviço da Opus Dei desmentiu categoricamente uma informação do «Alcazar», segundo a qual «membros influentes da Opus Dei ocupavam postos importantes na Matesa».

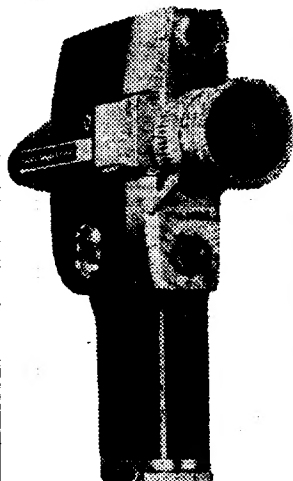
A tradicional qualidade japonesa a preços de mercado europeu

FUJICA
carregamento instantâneo

Single-8

P300

A mais compacta câmara de filmar com zoom



As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL
HITZEMANN & C.ª, LDA.
PORTO — R. da Sá de Bandeira, 520/526
Tel. 22195/4 e 22191
LISBOA — R. do Filipe Folques, 2-C e D
Tel. 59780/9

ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA

Todas as alunas com a 4.ª classe primária se podem inscrever na Classe Preparatória do

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

São ao mesmo tempo preparadas para satisfazerem as actuais exigências da lei as que disso necessitem

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

R. DE D. ESTEFANIA, 126 (á Av. Duque de Ávila)
Tele. 44736 e 553575

ECOS

PODER e decisão nunca estão inteiramente separados, nem inteiramente confundidos. A capacidade de decisão mede-se pela influência, pela possibilidade que alguém tem de modificar o comportamento de outrem sem enfrentar modificações equivalentes do seu próprio comportamento. Isto exige, dias, para melhor compreensão, a citação de um passo de *La Société pert-industrielle* de Alain Touraine: «O poder define-se pela capacidade de certos actores (os que agem) para imporem ao conjunto dos outros actores a sua concepção da sociedade, dos seus objectivos, modos de evolução. O poder define o campo da acção colectiva, a decisão é um processo de interacção no interior desse campo.

★

OS computadores humanizam-se. A afirmação parece um tanto paradoxal. Porém, Charles Bunnott, em artigo publicado no *Express* analisa os aspectos

«humanizantes» de que se reveste o facto de terem sido dotados certos computadores de «respondedores vocais». Já vimos e ouvimos, aliás, um deles, no belíssimo e tão actual filme «2001 Odisseia do Espaço». É claro que tais computadores só exprimem até à data por fórmulas estereotipadas e graças ao prévio registo de vozes humanas. Puseram-lhe um lápis «na mão». Feitos os cálculos, por exemplo, da forma de uma peça mecânica, a partir de dados técnicos fornecidos pelo engenheiro, em vez de apresentar o resultado em algarismos, o computador projecta a peça, inteiramente desenhada, num écran de televisão. Basta então fotografar a imagem, economizando assim o trabalho dos desenhadores industriais. Nos laboratórios de Viena tenta-se munir os computadores de um «ouvido» que compreenda pelo menos uma língua, o inglês. Os leitores ópticos decifram cheques no Banco Lloyd de Londres. Que surpresas nos reserva neste domínio o vertiginoso amanhã?

SOL E AREIA DE ALGÉS AO GUINCHO

ALGÉS: APENAS UM TRAM-VAJÃO PARA OUTRAS PRAIAS DA LUSITÂNIA

A velha praia de Algés, que os nossos avós tinham como a mais elegante de Lisboa, está agora reduzida à condição de trampolim para outras praias, da «linhagem» dos próprios moradores da localidade procuram outras praias para cumprir o quase ritual de cada manhã. E todas as manhãs os comboios recebem, na gare, à beira do areal, centenas de banhistas que chamam de velha praia.

O homenzinho saiu da cabina, com as roupas a embrulhar o cabide metálico, e entregou a encomenda ao banheiro. Depois, saiu em direcção ao areal e todos ficámos a olhá-lo, a distanciar-se — de chapéu na cabeça, camisola interior sem mangas, calções de banho, sapatos e...

meias... Na mão, um saco de plástico, com maçãs. E lá ia ele, a distanciar-se a caminho da beira-rio...

Praia de corpos vestidos

Algés é uma praia de corpos vestidos. Mesmo que estejam centenas de raparigas sobre a areia contaminada pelos dedos as que se atrevem a exibir um «bikini»: são como que o oásis na secura do deserto. O deserto é todo aquele estendal de gente vestida, sentada sobre a areia escurada pelos detritos que o rio ali deixa, na hora da baixa-mar.

Por isso (e também porque a maré baixa deixa pedacos de lodo sobre a areia), por isso é que Algés é uma praia de 3.ª classe. Por isso é que dos três estabelecimentos de banhos existentes na praia apenas um se aguenta, orgulhosamente só, quase vazio durante os dias de semana, aguardando com ansiedade os domingos.

É aqui que o rio começa a abrir definitivamente a bocarra da foz, preparando-se para a entrada no mar. Defronte, a Trafaria e a Cova do Vapor, parecem o alcance da mão, sobre a toalha azul do rio. As águas vêm morrer, de mansinho, na areia semeada de paizinhos e detritos de diversa natureza. Mas

que se mantém prudentemente na orla do rio.

«As autoridades não olham para...»

A vigilância é exercida por dois pedreiros de Inverno, que nos meses estivais se fazem nadadores-salvadores. Chamam-se eles Quirino e Patrício, jovens ainda, assalariados a 60 escudos diários para todo o serviço que a praia exige: limpeza, colocação de toldos e barracas, assistência aos banhistas, etc.

O patrão é o sr. José dos Santos Carila, 64 anos, ancião de pele curtida de quase outros tantos anos passados à beira do rio. É com verdadeiro desgosto que ele vê a «sua» praia votada ao abandono.

— Venho para esta praia desde que nasci. Já foi boa, já foi má, já melhorou, já piorou... Agora creio que está a «crescer» outra vez. E só não é melhor porque as autoridades não olham para isto com a atenção que merece. Ora diga-me quanto não dariam Madrid, Berlim ou Paris para ter uma praia, mesmo como esta, praticamente dentro das casas da cidade?

Sobre um tabuleiro coberto de pó, onde se desenhava a maqueta das instalações balneares que sonhou e de que só construiu uma parte ínfima, o sr.

Carila, o que de Algés quer muralhar, belecir um le sol. E lha, água do rio realida vestida o peq tentes

Em

A ve soas de Alg para c nha».

— M

nho da e depo para C é muit — expl Maria, que co Eduard dro uma d boio q mais c O m sr. Ar esposa, te, os bento da Ver neta e ligação Paço d ril.

— A presta. zer ex é que afirmo Aind com o 28 an que es da pr nhã:

— Vi mas n moro tinha vre. A e por



O rio ali ao pé e tanta gente vestida, receosa do sol que só faz bem...

QUALIDADE ESTILO VALOR

EMERSON

FRIGORÍFICOS DE LUXO

A PREÇOS NORMAIS

à venda nas casas especializadas

distribuidores: EST. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.

43, RUA DOS DOURADORES, TELEF. 36 17 63 — LISBOA

Guia da GUIA

...GARANTIA DE PROBIIDADE E COMPETENCIA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



JAPÃO...

... e ainda

TAIPE

HONG KONG — Macau

BANGUECOQUE

TEERÃO

BEIRUTE

ATENAS

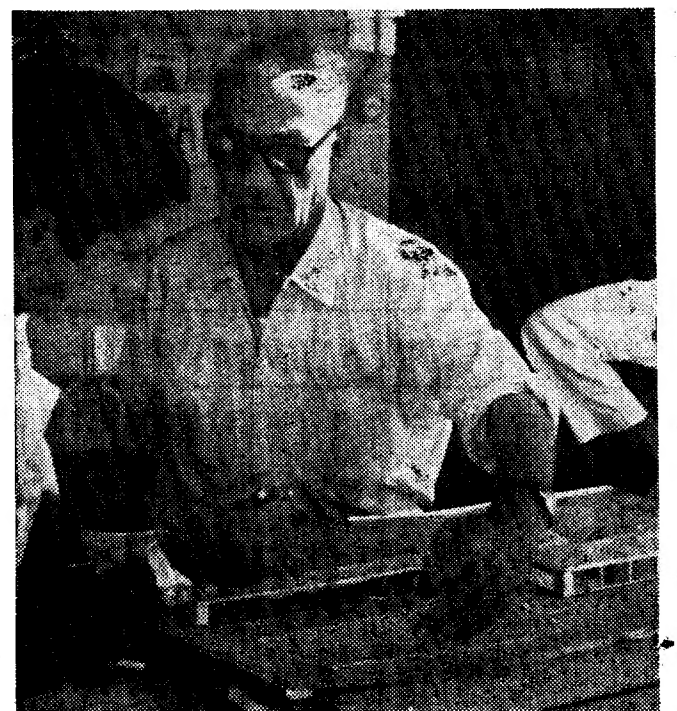
25 MARAVILHOSOS DIAS
NO FASCINANTE ORIENTE

PARTIDA DE LISBOA
— em 19 de Setembro —

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:

SAS

Rua Joaquim Antonio de Aguiar, 41 — LISBOA — Telef. 4 93 74



«Quanto não dariam Berlim, Paris ou Madrid, para terem uma praia como esta, assim quase dentro da cidade» — pergunta o sr. José dos Santos Carila

há quem diga que para o largo (lá para o meio do rio) existe uma corrente capaz de atrapalhar o mais desembaraçado. Contudo, isso não é problema para a maioria dos banhistas,

CHOCOLATES TAGOES
BARREIRO · LISBOA · QUELUS

Pretendem vender ouro, pratos ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Pasta Medicinal Couto

Evita e trata
doenças da boca

PORQUE É MEDICINAL

INCHO — 1

AMPOLIM
A LINHA

egante dos arredores de
«linhas». Na verdade,
o quase ritual do Verão.
s de banhistas indiferen-

Carila procura mostrar-nos
o que poderia ser a praia
de Algés, «se as autorida-
des quisessem». Lá está a
muralha, à frente do esta-
belecimento, longo como
um lagarto estendido ao
sol. E, rasgada na mura-
lha, uma piscina (com
água do mar — ou melhor,
do rio), um sonho que de
realidade apenas tem o
vestiário, o posto médico e
o pequeno «bar» já exis-
tentes na areia.

Em busca de praias
mais claras

A verdade é que as pes-
soas continuam, na estação
de Algés, a tomar comboios
para outras praias da «li-
nha».

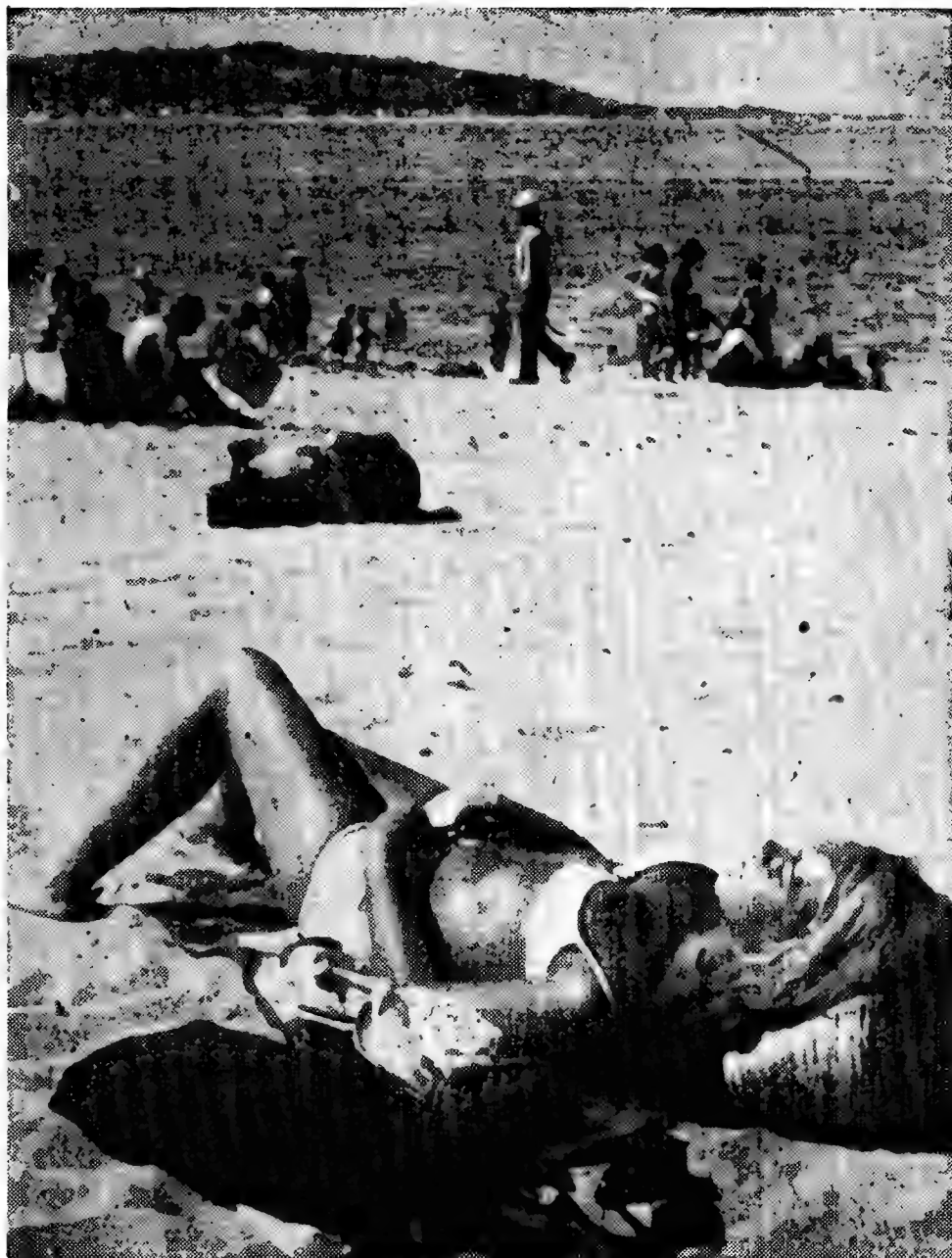
— Moro na Damaia. Ve-
nho de autocarro até aqui
e depois apanho o comboio
para Carcavelos. Esta praia
é muito porca. Não presta.
— explicou a jovem Ofélia
Maria, 15 anos, estudante,
que com seus amigos Maria
Eduarda, Carlos Jorge e Fe-
doro Manuel aguardava,
uma destas manhãs, com-
boio que os levasse a praia
mais clara.

O mesmo se passa com o
sr. Arnaldo Duarte e sua
esposa, D. Madalena Duar-
te, os quais, com um re-
bento de tenra idade vêm
da Venda Nova de camio-
neta e em Algés aguardam
ligação para as praias de
Paço de Arcos ou do Esto-
ril.

— A praia de Algés não
presta. Porquê? Nem sei di-
zer exactamente: o que sei
é que não me sinto bem —
afirmou D. Madalena.

Ainda o mesmo se passa
com o sr. Joaquim Ferreira,
28 anos, operário fabril,
que encontrámos à saída
da praia, a meio da man-
hã:

— Vim aqui esta manhã,
mas não é costume. É que
moro em Benfica e hoje só
tinha a parte da manhã li-
vre. A tarde vou trabalhar
e por isso é que aqui estou.



Um «bikini» é, na praia de Algés, um oásis na secura do deserto dos corpos vestidos, ao sol...

Habitualmente vou para
Carcavelos, ou lá perto.

Toda a regra
tem excepção

É claro que há (ainda)
muita gente que gosta de
Algés como praia. A sr.^a D.
Efígenia Mendes, por exem-
plo, que mora mesmo na
povoação e, por isso, só
tem que atravessar a linha
para se sentar na areia
à sombra de uma barraca
alugada ao mês.

— Venho para aqui todos
os dias, menos aos domín-
gos. Gosto muito do sosse-
go da praia. Além disso, foi
aqui que uma filha minha
se curou de uma doença da
pele.

Para Algés ainda se pode
ir de eléctrico ou, mais
comodamente de autocar-
ro, ou, ainda, de comboio.
Mas quem vai para Algés?



Negócio faz-se em toda a parte, mesmo na praia de Algés

ADQUIRIDO O TERRENO
DESTINADO À COOPERATIVA
AGRÍCOLA DE PALMELA

PALMELA, 14 — Há cer-
ca de seis anos foi posta
em prática uma ideia, de
há muito desejo de grande
numero de proprietários de
Palmela: a fundação de
uma Cooperativa com o
objectivo de as frutas pro-
duzidas no concelho serem
armazenadas em câmaras
frigoríficas na época pró-
pria e depois vendidas por
seu intermédio, havendo
assim um melhor aprovei-
tamento do produto que,
actualmente, tem de ser
vendido por preços bastan-
te baixos, em face da sua
rápida deterioração, não só
provocada pela acção do
tempo como pela deficiên-
cia de selecção, que nem
sempre se faz de uma for-
ma verdadeiramente co-
mercializada, pois a esco-
lha requer várias fases que
só uma empresa devida-
mente apetrechada, com
maquinaria adequada e mo-
derna, se consegue, alcan-
çando-se assim os melhores
preços para o produtor
e algum benefício para o
consumidor. Na verdade,
além de comer fruta de
melhor qualidade, compra-
-a por preços mais acessí-
veis, na medida em que o
aproveitamento se processa
com menor desperdício.

Com base nesta ideia, um
grupo incansável de pal-
melenses tem trabalhado
afincadamente para levar
por diante tão benéfico
melhoramento, antevendo-
-se já a sua enorme pro-
jecção no sector agrícola
regional, dado que, apesar
da cooperativa ter adopta-
do o nome de Cooperativa
Agrícola de Palmela, val
também abranger os con-
celhos limítrofes, cujos pro-
prietários têm demonstra-
do enorme desejo em asso-
ciar-se nesta empresa agri-
cola.

Recentemente, realizou-
-se a 1.^a assembleia geral
para aprovação da compra
do terreno, sito no lugar
de Biscaila-Algeruz, onde se
irá construir a sede da
Cooperativa bem como a

instalação de outros secto-
res ligados àquele comple-
xo agrícola, tais como: Es-
tação Tecnológica, Serviços
Administrativos e ainda
um Campo de Ensaios, em-
preendimento cuja primei-
ra fase custará cerca de
4000 contos.

Segundo informou o dr.
José Trajano Godinho de
Matos, presidente da
assembleia geral, é inten-
ção dos dirigentes da coo-
perativa fundar uma Es-
cola Agrícola, assim como
proceder-se à criação de
gado em larga escala.

A criação desta coopera-
tiva será pois um elo de
ligação entre todos os agri-
cultores do concelho de
Palmela, sendo fundada no
mais puro espírito associa-
tivo e cooperativista. Será,
pois, uma obra que valerá
como elemento preponde-
rante na vida agrícola do
País, na medida em que
representará uma decisiva
solução de melhoria neste
sector de actividade pro-
ductiva.

Jaime Cortesão

morreu

há nove anos

Morreu há 9 anos o dr.
Jaime Cortesão. O escritor
e o cidadão deram-se as
mãos para nos dar essa
personalidade de estranha
força e vigor que avulta,
por igual, na nossa vida
política e intelectual.

Lembrando a sua memó-
ria, foi a sr.^a D. Carolina
Cortesão, sua dedicada
companheira das horas
mofinas e dos instantes de
glória, e muitos dos seus
amigos ao tumulto que os
amigos ergueram ao histo-
riador dos «Descobrimen-
tos», no cemitério dos Pra-
zeres.



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

Transit
as únicas
comerciais 100%

não se contente
com menos!



100% eficientes. 5 m³ de espaço.
1090 a 1300 Kgs. de carga.
Força, robustez, economia, comodidade.
Motor gasolina e diesel.
Furgonetas, mistas até 9 lugares,
chassis-cabina.
Experimente-as na estrada e na cidade.

Transit



Ford à frente

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

LINCURI Av. da República, 32-A-Telef. 777091

EM LISBOA

STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A-Telef. 4 96 69 — Av. João Saraiva, 15 (Alvalade)-Telef. 71 1066/9

DOLFOR-DOLBEER & LEE, LDA, Est. do Prior Velho-Telef. 251 1301-Sacavém

CHEGOU O SPORTING

«AINDA É MUITO CEDO PARA SE TIRAREM CONCLUSÕES»

• — DECLAROU FERNANDO VAZ, TREINADOR DA EQUIPA «LEONINA»

De uma triunfal digressão por Moçambique e Angola regressou esta manhã a Lisboa a equipa do Sporting. Aguardavam no aeroporto a chegada da comitiva sportinguista o presidente da

assembleia geral do clube, dr. Amado de Aguiar além de outros dirigentes da colectividade, entre os quais destacamos o presidente do conselho fiscal António Romero.

Eufóricos, ainda que discretos, os futebolistas «leoninos» viram-se rodeados à sua chegada por um ambiente de carinho e entusiasmo, sucedendo-se os abraços e as felicitações.

Entretanto, a senhora de Brás Medeiros que também integrava a caravana foi oferecido um bonito ramo de flores.

Feliz — lia-se-lhe nos olhos a satisfação — mas pesando bem as palavras, o treinador do Sporting, Fernando Vaz, o homem a quem se deve a metamorfose do conjunto «verde branco» disse-nos:

— Ainda é cedo para se tirarem conclusões. No conjunto tivemos um excelente comportamento mas a equipa do Sporting como todas as grandes equipas não dispõem apenas de onze jogadores. Esta digressão serviu-me mesmo para observar e fazer algumas experiências já que tive oportunidade de fazer substituições.

E concluiu: — Hoje os jogadores vão descansar, mas amanhã já estarão em Alvalade para massagens e banhos.

Segundo a crítica um dos «ressuscitados» da turma sportinguista é exactamente o seu antigo treinador. Foi uma boa digressão para parecer ter sido altamente benéfico.

— Fernando Vaz é um treinador que nos transmite uma grande confiança em nós próprios.

E continuou: — Mas o que interessa é que foi a equipa do Sporting que voltou a ser grande.

Perto do ex-subalense, Nelson a recente e (rendosa) aquisição do Sporting: — Foi uma boa digressão



Hilário, Damas, Chico e a nova aquisição do Sporting, Juvenal que veio para Lisboa integrado na comitiva leonina. Dinis, o outro futebolista recrutado no Ultramar deverá chegar na próxima semana

em todos os aspectos — confiou-nos.

E depois: — Já estou satisfeito com o meu comportamento mas vou trabalhar para chegar mais longe. Eu tenho de marcar golos pois é deles que o Sporting precisa e eu estou lá para obtê-los.

Já à saída do aeroporto, onde vários núcleos de adeptos «leoninos» aguardavam a saída dos jogadores para os aclamar, confundiu-nos o dirigente Romeu Branco:

— Para além do aspecto desportivo a deslocação do Sporting ao Ultramar constituiu um êxito social. Foi uma excelente jornada de propaganda. Levámos para Moçambique e Angola cerca de 10 mil fotografias da equipa, milhares de galhardetes e emblemas para satisfazer os pedidos de milhares de simpatizantes que o Sporting tem naquelas paragens.

E terminando: — Até fotografias do Joaquim Agostinho levámos pois é grande a popularidade daquele nosso ciclista, no Ultramar.

JOAQUIM PIMENTEL CHEGOU A LISBOA

Do Rio de Janeiro, chegou esta manhã a Lisboa o artista e compositor Joaquim Pimentel que, á cerca de 30 anos, se encontra radicado no Brasil.

Joaquim Pimentel, que é produtor musical, mantendo um programa radiofónico diário e um «show» semanal na TV da Guanabara, deslocou-se a Portugal para firmar contratos com diversos intérpretes e, simultaneamente, tratar com a Sociedade de Autores e Compositores Teatrais de assuntos que se prendem á sua actividade.

Gigliola Cinquetti: vitória popular

Terminou ontem, em Itália, o concurso de popularidade «Un disco per l'estate 69», que culminou pelo êxito de Gigliola Cinquetti que interpretou a composição «Il treno dell'amore».

HÁ IR E VOLTAR

NÃO VÁS AO MAR «CARLOTA»... E ELE NÃO FOI

CAMINHA, 14 — O «Carlota» desistiu da sua viagem ao longo da costa portuguesa, desde esta vila até ao Sul, por, esta manhã, o capitão do porto local lhe ter impedido a saída para o mar.

A autoridade marítima agia desta maneira por razões de segurança para o mareante - aventureiro que pretende demonstrar aos homens de Coruche que é tão valente como eles.

O «Carlota» não desistiu, todavia, dos seus intentos assim á primeira, ripostou que, uma vez que não o deixavam sair com os bidons então viria a nado por aí abaixo, do que também foi demovido por muitas pessoas da multidão de centenas que se juntou para assistir á histórica largada com o «Carlota» envolvendo um «jersey» do Caminhense, oferta dos directores daquele clube.

Uma vez que o «Carlota» não poderá continuar a ser mantido por diversos ca-

fés e restaurantes locais e principalmente pela pousada Albergaria de Santa Rita, o navegador solitário deve regressar a Lisboa, declarando ao «Diário de Lisboa», no entanto, que não tenciona desistir da viagem

A Polícia Judiciária pede a captura de um burlão

A Polícia Judiciária solicitou a todas as autoridades do País a captura de José Castelo de Oliveira, de 25 anos, casado, empregado de escritório, natural da Golegã, com residência desconhecida, o qual, além de ter contra si, vários mandados de captura, emitidos por entidades judiciais, tem pendentes processos por crimes de falsificação e burla.

A P. J. solicita a todas as pessoas que saibam do seu paradeiro, comuniquem com o agente Pereira da 7.ª Secção da Subdirectoria de Lisboa, podendo fazê-lo nomeadamente pelos telefones 53 31 31 e 53 53 80.

Solicitação a captura doutro burlão

A 1.ª brigada da 7.ª secção da Subdirectoria de Lisboa da Polícia Judiciária solicita a todas as autoridades do País, diligências no sentido de ser detido o arguido Daniel de Carvalho, solteiro, comerciante, nascido a 21 de Agosto de 1928, natural de Lisboa, freguesia de São Sebastião da Pedreira e que residia com seus pais, em Lisboa, na Rua Basílio Teles n.º 7, rés-do-chão, o qual é portador do bilhete de identidade n.º 2250948, passado pelo Arquivo de Identificação de Lisboa.

Tal indivíduo está implicado, como autor moral e co-autor de vários crimes de falsificação de cheques e burlas cometidas junto da delegação de um dos bancos de Lisboa, num processo em que são igualmente autores dois empregados daquela delegação e cujo prejuízo orça a cerca de 711 mil escudos.

Logo que tal detenção seja efectuada solicita-se a sua imediata comunicação áquela Polícia através do telefone 533131 ou 535380.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.ª, Esq. — Telef. 32 06 69

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.

Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.

Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.

Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.

Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar. e Ouv. — 14 h.

Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorroidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.

Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. ur. — 16 h.

Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.

Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.

Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.

Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Prof. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.

Dr. M. Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª, 5.ª e sáb. — 15 h.

Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.

Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.

Dr. Nelson R. Viegas — Pele e Sifilis — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 15 h.

Dr. Mesquita Guimarães — Raios X

Dr. Reis Vello — Análises óticas.

ATENÇÃO

PEQUENAS PARCELAS DE TERRENO

Vendem-se a preços entre 10 contos e 22 contos e 500\$00 cada ou com os hectares e de preços que os compradores desejarem, com terras muito férteis para pomares, vinhas, olivais, eucaliptos, figueiras, hortas e searas, garante-se abundante e finíssima água de nascente em qualquer local, óptima regação para caça e pesca em ribeiras e barragens, local muito sossegado e com óptimas áreas indicadas para férias, fins-de-semana, recreio, caça, pesca e obter bons rendimentos ao capital, junto aldeia onde há estabelecimentos comerciais de tudo, café com televisão, estrada alcatroada, carreiras de camionetas que dão ligação para todo o País, igreja, telefone, electricidade, etc. e a pouco mais de uma hora de Lisboa em automóvel e a 20 km de Évora, a cidade museu e onde há grandes piscinas, também a 20 km de Montemor-a-Novo. Para pagamento a pronto fazemos desconto 10% e também damos facilidades recebendo pequeno sinal e o restante a pagar em pequenas prestações mensais. O dinheiro perde o valor todos os dias, aproveite esta oportunidade para fazer uma boa aplicação de capital, é garantida que daqui a 1 ou 2 anos, depois de algumas propriedades terem construções, e que comprar vale 2 ou 3 vezes mais que o preço que comprou, sem lá fazer qualquer melhoramento, sempre assim aconteceu em casos destes. Também é bom local para instalar pomar de pereiras e macieiras, aviário, vacaria, etc.; em Évora há Cooperativa Agrícola e Leiteira que se encarrega da venda dos produtos ou o proprietário pode enviá-los para Lisboa, tem a vantagem de na região comprar palhas, rações e verde baratos. Também vendemos conjunto de casas com grandes armazéns e com terreno em volta que desejarem. Mostra e trata no próprio local Iglantino Coelho, Herdade da Cravosa, junto á aldeia de S. Sebastião da Giesteira, que fica a 5 km da estrada de Montemor para Évora, seguindo pela estrada alcatroada que vai para o Escorial. Também trata e mostra plantas a Tecnicimento — Sociedade Geral de Construções, Lda, Avenida 5 de Outubro, 31-r/c, Lisboa. T. 539773, das 9.30 às 12.30 e das 14 às 18.30 h. Somos os donos e não intermediários e damos todas as referências e garantias.

Diário de Lisboa

Centenário do Ateneu Comercial

O Ateneu Comercial do Porto comemora este ano o centenário da sua fundação. Para assinalar a efeméride, a direcção elaborou um vasto e variado programa, do qual faz parte, como um dos números de maior projecção, o «Prémio Almeida Garrett», dividido em três modalidades: «teatro», «poesia juvenil» e «jornalismo».

As bases do concurso referentes á modalidade «teatro» são as seguintes: obra de teatro, em qualquer das suas modalidades, inédita ou publicada de 1 de Janeiro de 1968 a 15 de Setembro de 1969. A entrega dos originais (5 exemplares dactilografados) ou das respectivas publicações (também em número de cinco), deverá fazer-se até ao dia 30 de Outubro, na secretaria do Ateneu Reunido o júri (a designar), far-se-á a entrega do prémio, no valor de 10 contos, no dia 12 de Dezembro seguinte, por ocasião da tradicional «Festa da Biblioteca».

As festas da Póvoa de Varzim

Começaram hoje, prolongando-se durante dois dias, as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora da Assunção, na Póvoa de Varzim.

Do programa destaca-se: amanhã, feriado nacional, missa solene com sermão ás 10 horas, e procissão á 16 horas, que percorrerá as ruas da vila; á noite, sessão de fogo aquático na enseada do porto de pesca. No dia 17, festival-concerto pela Banda do Regimento de Infantaria 6 e á meia-noite, para encerramento dos festejos, sessão de fogo-de-artifício na enseada do porto.

FALECIMENTO

D. Glória dos Prazeres Correia Neves dos Santos de 83 anos de idade, natural de S. João de Areias (Santa Comba Dão).

A saudosa senhora era mãe muito querida da sr.ª D. Igildia Correia Santos, funcionária da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e do sr. Arlindo Correia Santos, casado com a sr.ª D. Maria de Fátima Teixeira Correia Santos, ambos funcionários da Caixa de Previdência e Aboio de Família e dos Serviços Médico-Sociais do distrito do Porto.

O funeral, a cargo do armador Carlos Vieira, realizou-se hoje com missa de corpo presente, ás 10 e 30, no templo da Irmandade da Lapa, onde o corpo já se encontrava depositado tendo sido em seguida o féretro inumado no cemitério da mesma Irmandade.

Efectuou-se o almoço de homenagem ao embaixador da Venezuela

Por motivo de ter sido transferido para o Uruguai, o embaixador da Venezuela em Lisboa, dr. Rafael Armando Rojas, a direcção da Sociedade Luso-Venezuelana, prestou-lhe, hoje, homenagem oferecendo-lhe no Hotel Eduardo VII um almoço ao qual se associaram cerca de vinte individualidades.

Presidiu o presidente da direcção da referida Sociedade sr. prof. dr. Hernani Cidade, que dirigiu uma saudação áquela diplomata que no fim agradeceu.

ALBUFEIRA

Apartamento completo mobilado

ALUGA-SE

Junto á Praia — Telefone 39 — Albufeira

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

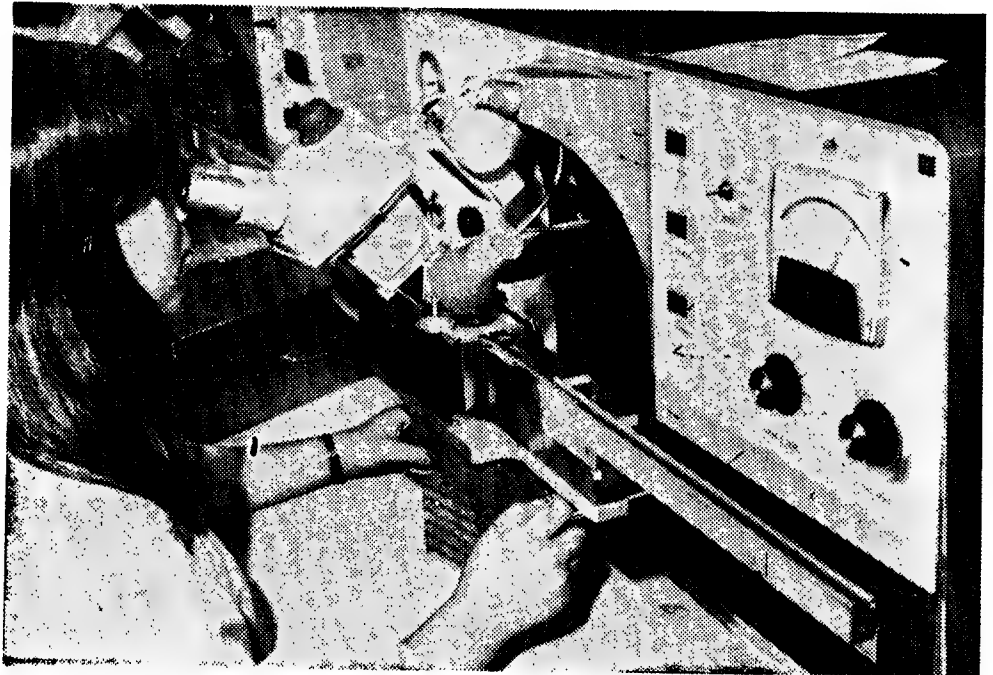


MUSEU DO CINEMA

António Lopes Ribeiro e o maestro António Melo são as figuras habituais de «Museu do Cinema» que esta noite tem mais uma sessão, pelas 21 e 35.

TRANSMISSÃO DO EXTERIOR

A partir das 22 horas a R. T. P. liga ao exterior para transmitir imagens de um acontecimento tradicional que se realiza em Lisboa. Esta reportagem é dirigida pelo realizador Helder Mendes.



Uma imagem do filme «Electrónica»

Parada da Indústria: A ELECTRÓNICA

Cerca das 20 e 30, é apresentado mais um programa «Parada da Indústria», que

inclui uma entrevista com o prof. eng.º Carvalho Fernandes que fala sobre a indústria da electrónica em Portugal e a projecção do filme «Electrónica».

Trata-se de uma película de carácter experimental, da autoria de Augusto Cabrita, com supervisão de Azevedo Rua. Sem palavras, o filme apresenta, para técnicos, a marcha cronológica de uma linha de montagem numa moderna e importante fábrica nacional de material electrónico. Para o público em geral, a película tem igualmente

bastante interesse e é agradável de seguir.

O acompanhamento musical do filme é da autoria do compositor Henk Badings. Trata-se da obra «Capricho para Violino e duas bandas sonoras» que teve a sua primeira apresentação, com grande êxito, no Festival de Gravenhage. O violinista que se ouve é Joke Vermeulen. Esta obra musical é combinada de instrumento tradicional com música electrónica, em acompanhamento exclusivamente realizado com doze osciladores.

NO MUNDO DA ARTE:

«RENÉ MAGRITTE»

Ana Maria apresenta, cerca das 19 e 45, um filme sobre o pintor belga René Magritte, que nasceu em 1898 em Lessines e que morreu ainda não há dois anos. «O Homem nunca sabe se vê as coisas tal como o são e nunca as pinta tal como as vê.» É esta uma das afirmações do grande pintor surrealista, que concebeu o seu primeiro quadro em 1924.



PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal, 19 e 45: No mundo da arte; 20 e 30: Sangue na estrada; 20 e 30: Parada da indústria; 21: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 35: Museu do Cinema; 22 e 05: Reportagem do exterior; 23 e 50: Volta a Portugal em Bicicleta; 0 e 05: Volta do Mundo; 0 e 15: Fecho.
II Programa — As 21: Telejornal; 2 e 30: O mundo submarino de Jacques Cousteau; 22 e 25: Danger Man; 23 e 15: Imagens da poesia europeia; 23 e 30: Fecho

— TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — 1.º Período — As 12 e 30: Abertura e Missa; 13 e 5: Fecho. 2.º Período — 19: Abertura; 19 e 2: Ginástica; 19 e 30: Telejornal; 19 e 30: Vida São em Corpo São, pelo dr. Ramiro da Fonseca; 20 e 5: Cartaz TV. Os principais programas da próxima semana apresentados por Jorge Alves; 20 e 35: Conheço um Portugal Desconhecido; 21: Telejornal Inclui o Boletim Meteorológico; 21 e 35: Convergência — Quinzenário de actualidade literária. Um programa de Eulino de Jesus; 22 e 5: Noite de Cinema «A Minha Esposa Favorita» — com Bob Hope, Hedy Lamarr e Francis Sullivan; 23 e 50: Volta a Portugal em Bicicleta; 0 e 5: A marcha do Mundo; 0 e 20: Fecho.
II Programa — As 21: Telejornal (simultaneamente com o I Programa); 21 e 30: Fohetm — David Copperfield — 19.º episódio (transmitido no I Programa em 9/4/69); 21 e 55: «Zap-Zap» (7.º Programa). Produzido por Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. Realização de Luís Andrade (apresentado no I Programa em 7/7/69); 23 e 50: Fecho



Rádio

EMISSIONA — 1.º Programa — 45' m — 665 kc/s As 6: Noticiário; 6 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A orquestra de... 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 0: Programa da mulher, por Maria Emilia Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 45: Rádio rural, música só musical; 20: Diário do século; 20 e 20: Diário da Volta; 20 e 40: 1.º episódio do folhetim «Amor Supremo» de Antero de Figueiredo; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias em acordeão; 21 e 40: Variedades no estúdio; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 30: Reportagem do Circulo dos Antos — 1.ª etapa da Volta a Portugal em Bicicleta; 1: Fecho.
2.º Programa 597 m — 155 kc/s — As 6 e 19: Música sinfónica. Abertura «Camaval», de (Dvorak), pelo Or. Filarmónica, dirigida por George Weldon; 6 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «O Czar Saltan», de (Rimsky-Korsakov); 18: Música do século XX — obras de Leos Janacek; 19: Crítica literária, pelo dr. João Bigotte Chorrão; 19 e 10: Folclore português — música da região de Malpica (Castelo Branco), recolhida por Artur Santos, em gravações cedidas pelo BBC; 19 e 25: Música de piano; 20: Diário do século; 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: Uma cantata de Natal, de (Honegger), barto Pierre Mollet, de Pequenos Cantores de Varsóvia; 21: Parte de um concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional, sob a direcção do maestro Franco Manfina; 21 e 31: Panoramas da história pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Sonata em lá menor, op. 14, de (Schumann); pelo pianista Malcolm Birns; 22 e 20: Poemas sinfónicos: «O caçador maldito», de (Cesar Franck), pela Orquestra Nacional Belga; 23: Música de piano, de (Ravel); 23 e 30: Música francesa, em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 23 e 58: Liedes de Schubert, pelo barítono Dietrich Fischer-Dieskau; 1: Fecho

RÁDIO UNIVERSIDADE — 45' m — 665 kc/s — As 19 e 10
RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 6: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19: Noticiário; 19 e 30: Rádio jornal — Entre as 20 e 05: 21: hoje convidamos... 20 e 05: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talmão
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 6 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em árbitrio; 20: Nota de abertura e noticiário; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da G6-G6; 0 e 02: Alta fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e Fecho
Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 6: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robôalac; 19 e 35: Estúdio 64; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 5: Rádio; 21 e 30: Lettura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude
RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1285 kc/s — As 6: Radiograma; 18: Estrelas e canções; 18 e 30: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Lettura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Matinée; 21: Variedades; 21 e 30: Conjuntos portugueses; 21 e 45: Orquestras de violino; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Ponto gram; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho
Estação Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 6: Radiograma; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religiosos; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Carrilhão-musical; 22 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho
MISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e 12 às 14 e 30. Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e 19 e 30 às 22. Clube Radiofónico de Lisboa — Das 10 e 22 às 2. Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30.

canal da crítica

VAMOS BRINCAR ÀS RUBRICAS...

A Televisão Portuguesa tem uma nova rubrica: «Quer saber? Então pergunte». Perguntam os telespectadores, responde Diamantino Faria, que regressa deste modo, aos estúdios almanaqueiro, cuja finalidade primeira será contribuir para a elevação cultural do público da Televisão.

O apresentador e responsável garante-nos que foi voluntária a correspondência recebida. Recebida, claro, de todos os pontos do País, num movimento irreprimível de exigência cultural perfeitamente encantador. A provar, ali estavam as perguntas da emissão de ontem: nada mais, nada menos de três, ao peso das quais os carteiros da Nação suaram as estopinhas.

Os telespectadores perguntaram:

- 1 — Quando se efectuaram as primeiras emissões da RTP;
- 2 — A que curso superior

dá acesso a alínea-não-quantos;

3 — Onde se poderia informar dos progenitores de Nun'Alvares Pereira.

Questões, como se vê, fundamentais para a instrução popular, havia por aí uma certa inquietação, uma efervescência de sabiduria, e agora entendendo tudo: era a alínea, meus amigos, era a

progipenuria era a primeira emissão de RTP na Feira Popular, com sardinha assada!

A RTP ama a instrução, Diamantino vela, perguntem, que ele responde, mas atenção: têm a primazia os telespectadores rurais porque nas grandes urbes há bibliotecas, há escolas, enfim, há tudo. É justo.

Pois é. Com que então a menina a televisãozinha, já com 13 anos, ainda gosta de brincar às rubricas...

MODAS E MATERNIDADE

O «Programa Feminino» desenvolveu-se em três actos.

No 1.º, passagem de modas antigas; no 2.º, ginástica; no 3.º, reportagem sobre a Maternidade do Estoril.

A passagem de modas antigas, algumas com mais de 300 anos, efectuou-se em Matosinhos, com fins benéficos. Foi na Quinta da Concelção, Maria Leonor aí disse coisas tão boas de ouvir, coisas com tanta música e sentimento... Eu tenho pena de não me lembrar de tudo, senão haviam de ver. «Poesia no ambiente...» «Saúde da época deliciosas...» «Requinte da mulher do passado que não se pode comparar com o pronto-a-vestir dos nossos dias...» «Século XX: a mulher torna-se ousada...» «Idéia cheia de poesia em que o passado voltou...»

Entretanto, dezenas de meninas da melhor sociedade portuense passaram os vestidos de suas avós e bisavós, vestidos preciosos guardados em arcaes perfumadas etc.

A reportagem sobre a Maternidade do Estoril teve interesse capaz de justificar a

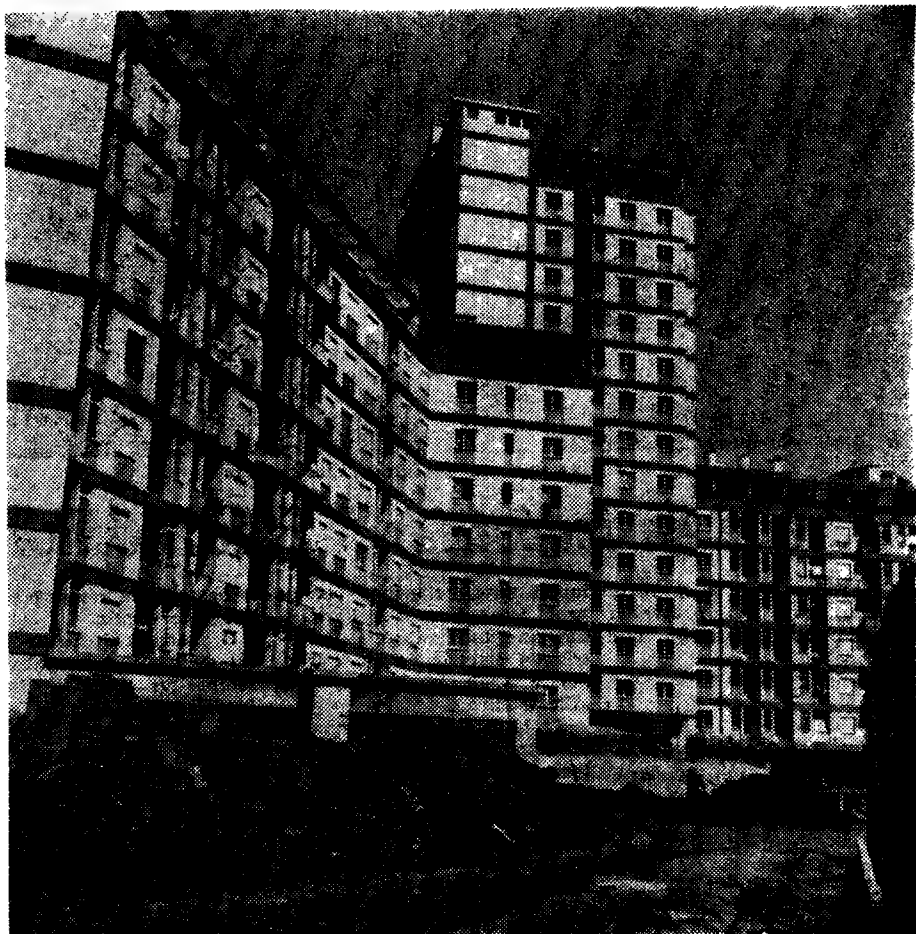
(Continua na página seguinte)

OPERADOR MEC. I. B. M.

Diplomado, pretende ocupar lugar compatível. Serviço militar cumprido.

Resposta a MANUEL ANTÓNIO BARROSO DE MATOS R Luciano Cordeiro, n.º 101-2.º-Esq.º — LISBOA 1

3.ª FASE DA REBOLEIRA



Vista parcial da Reboleira

INICIADA A 3.ª FASE

J. PIMENTA, S.A.R.L.

OFERECE-LHE AS GARANTIAS DE SEMPRE, DENTRO DE UMA MELHOR E MAIOR GAMA DE APARTAMENTOS MOBILADOS

180 Contos rendem-lhe 1.125\$00 Mensais

200 Contos rendem-lhe 1.250\$00 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais, Lisboa e brevemente Queluz

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esg.º — Telefones 4 56 43 / 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 / 22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço permanente — Telefone 93 36 70

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 6.ª página)

Carlos prestou juramento ao Caudillo.

Um «boneco animado» («As saídas da pantera») vale, sinceramente, o dinheiro do bilhete, constituído por uma série de irresistíveis «gags» da já célebre pantera cor-de-rosa.

J. A. F.

• NO MUNDIAL

TÍTULO — «Quem Rouboa a Coroa?» («The Jokers»).

REALIZADOR — Michael Winner.

INTERPRETES — Michael Crawford, Oliver Reed, James Donald e Daniel Massey.

É sabido que, no Verão, enquanto a temperatura sobe, o nível dos espetáculos cinematográficos desce vertiginosamente. Por isso, nestes meses cálidos, os verdadeiros apreciadores da Sétima Arte sentem-se um tanto perdidos e esperam ansiosamente pelo regresso das chuvas e dos bons filmes. Entretanto, é com certa angústia que continuam a frequentar os cinemas, colhendo decepção atrás de decepção.

Contudo, surgem de vez em quando surpresas como «The Jokers», actualmente em exibição no Mundial. A película, recheada de humor inglês, agrada, em diversos aspectos, desde a trama até à maneira como a história é contada.

Se o princípio parece confuso, o filme acaba, no entanto, por ganhar unidade. A

segunda metade da obra, ao contrário do que sucede com outras películas, confirma os seus aspectos positivos.

No que diz respeito ao tema, o roubo das jóias da Coroa serve de pretexto para uma crítica mordaz de certas tradições e instituições britânicas. (A própria rainha é indirectamente alvejada).

Do programa fazem parte um documentário de João Terramoto, desenhos animados de Walter Lantz e actualidades.

N. V.

• NO ESTÚDIO

TÍTULO — «Repulsão» («Repulsion»).

REALIZADOR — Roman Polanski, 1964 (Inglaterra).

INTERPRETES — Catherine Deneuve, Ivonne Furneaux, Ian Hendry, Patrick Wymark, etc.

«De qualquer forma, eu amo «o» cinema. Gosto de ver filmes de terror, «westerns», gosto de ter medo, de rir, de chorar, de ser atocado. Gosto, sobretudo, do que no cinema é espectáculo, como também magia ou prestidigitação. Adoro isso tudo, mas não o faço. Como tenho necessidade de me disciplinar, faço outras coisas diferentes daquelas que gosto de ver. (...) «Repulsion» situa-se, porém, do lado daquilo que gosto de ver. Evidentemente que, para o fazer, tive, mesmo assim, de me disciplinar, porque não queria acabar, não importa por que meio, numa qualquer forma de horror.

«Sinto-me ligado ao realismo. Porque, para contar histórias incríveis, tenho de as tornar o mais realistas possíveis.»

Roman Polanski (1966) «Repulsion» é um estudo de uma figura. É também o estudo de uma desagregação. De uma desagregação da razão e de uma desagregação

física. E das relações que entre o espírito e a matéria se estabelecem, se definem, se condicionam. Carol Ledoux (Catherine Deneuve) é uma jovem empregada num instituto de beleza de Londres. Vive com a irmã (Ivonne Furneaux) e o amante desta (Ian Hendry). Carol é perseguida por um rapaz que se encontra visivelmente apaixonado por ela. Distantemente, solitária, distraída, leva uma vida retirada e esquivada a contactos com o mundo. Olha os homens com receio e, no entanto, no seu olhar transparece também um desejo indefinível que procura apagar. Tal como quando atravessa uma ponte, ela sente-se simultaneamente atraída e repulsa pelo perigo. Este seu mecanismo de reacções polarizadas em extremos emocionais levá-la-á à loucura, ao crime, ao vazio. Basta para tanto que a irmã e o amante a deixem durante alguns dias sozinha no seu apartamento. Primeiramente ainda sai, vai ao emprego, aceita o diálogo das convenções diárias. Depois, lentamente, fecha-se sobre si própria, enclausura-se na sua casa, foge dos dias que deixam de ter qualquer significado (incluindo para os espectadores, eles também perdidos num tempo incontrolável, irreferenciável). Sózinha, atravessa as salas, escuta as vozes que lhe chegam do exterior, deixa-se habitar pelos fantasmas da sua imaginação, atolando-se num mundo que lentamente se corrompe (como o coelho que se putrefacta numa bandeja), se desagrega (como as paredes que ruem, abrindo brechas intransponíveis), se transforma (como as batatas que grelham de indiferença no tampo da mesa da cozinha).

«Repulsão» não é um vulgar filme de terror. As fórmulas não têm aqui qualquer significado, porque Polanski as assimila, enriquecendo-as. Todo o filme é, aliás, um modelo de rigor, narrado numa linguagem vigorosa, carregada de intencionalidade. Os símbolos são constantes, convidando ao juízo rápido e à associação metafórica. Ao longo de toda a obra vão-se descobrindo novos estímulos sexuais simbólicos a que a protagonista vai respondendo, quer por um inconfessado desejo, quer por uma inibição frustrante que a afasta. Este jogo terá as suas cenas determinantes nos momentos em que Carol se julga violentada e em que a sua reacção não é tanto de repulsa, como de aceitação e entrega. A ameaça fálida fá-la Polanski pender do tecto, sob a forma de um candeieiro tentacular apontado à insatisfação e à impotência de Carol.

Polanski, ao realizar «Repulsão» como estudo de uma figura, não descurou, todavia, a atmosfera social que determina e condiciona a protagonista. O sistema de repressão sexual que Carol enfrenta (ou melhor: aceita) tem as suas referências definidas: os muros intransponíveis de um jardim de convento, onde quatro freiras cantam ou donde se ouve o toque dos sinos; uma certa aristocracia mumificada que Carol cuida no instituto de beleza; o ávido senhorio da casa que procura suborná-la, etc. Descrição de um clima que Polanski esmaltece com as características fundamentais do seu temperamento, um pessimismo feroz (que se vai radicar em Beckett), o jogo do absurdo (que tem a ver um pouco com Ionesco, por exemplo), o gosto pelo insólito (imagens que Chirico ou Max Ernst não desdenhariam assinalar) ou o humor negro e sangrento das grandes cartazes.

«Repulsão», que conta com um admirável desempenho de Catherine Deneuve, é filme para não perder. Só lamentamos que o oportunismo da sua estreia nos faça sentir um pouco profanadores de tumulos.

LAURO ANTÓNIO

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

sua presença no «Programa Feminino». Representou, pelo menos, uma homenagem ao espírito de iniciativa de mulheres que não deixam submeter-se pelas condições adversas.

Foi o caso da sr.ª D. Maria Amélia, que, certa noite, acudiu a uma pobre mulher que estava em trabalhos de parto, lá fora, na rua. Vai, daí, pensou em levantar

no Estoril uma maternidade. Vários auxílios, etc. A Gulbenkian ajudou fortemente. Ao fim de 30 anos, 33 mil partos.

Evidentemente, a solução do problema pertence ao Estado; ninguém pode substituí-lo. Mas a lição de D. Maria Amélia é clara: não ficar de braços cruzados, á espera. Mas lutar, mas emprender, mas resolver.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

FRIGORÍFICOS IGNIS

• Maior capacidade em menor espaço

• A maior e melhor linha

Uma marca de prestígio ao seu dispor nas melhores condições de aquisição em:

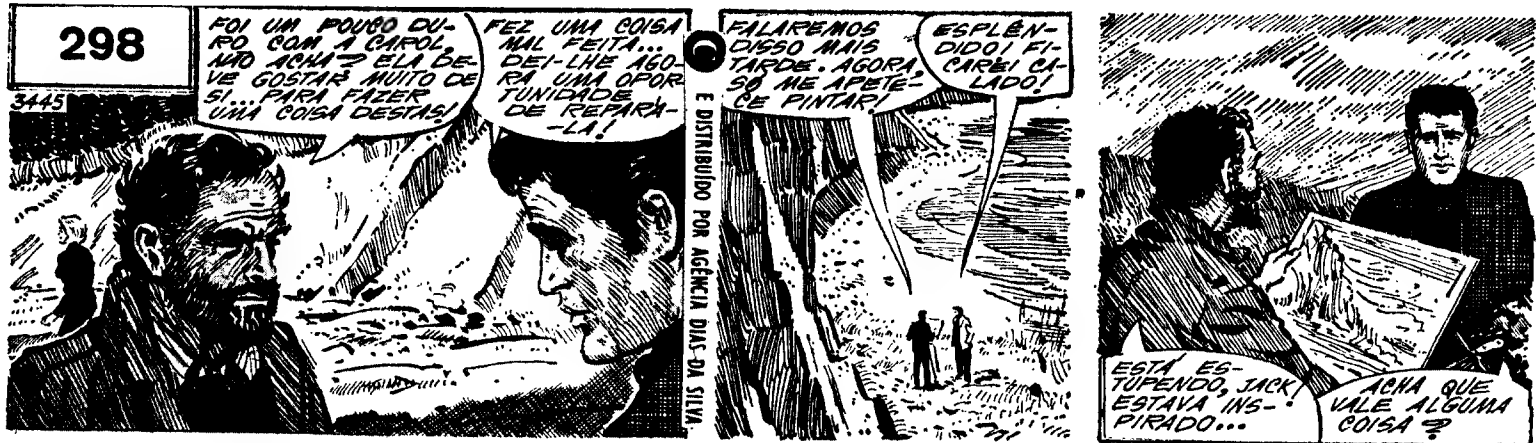
ELGA, LDA.

AV. ALMIRANTE REIS, 104-B
T. 4 21 75 — LISBOA

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5267

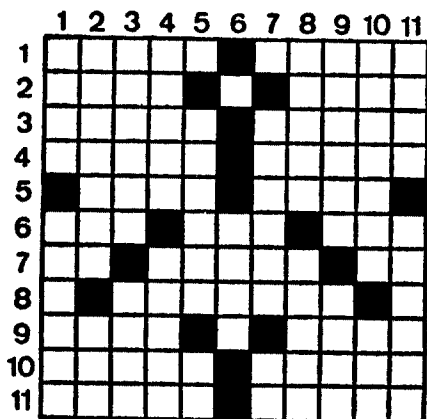
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9110

HORIZONTAIS: 1 — Elegar. Seta 2 — Aves peraltas. Artigo definido. Cidade da Romênia. 3 — Escarnecer. Receber. 4 — Amargo. Aeroplano. 5 — Serra de Portugal. Filtrar. 6 — Miúdo torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Braço de mar. Consentimento. 7 — Basta. Dependência. Nesse lugar. 8 — Exatidão. 9 — Em mais alto grau. Vaguetes. 10 — Cada uma das partes do corpo que exerce uma função. Atração. 11 — Fechais as asas para descer mais depressa. Fruto do limoeiro.

VERTICAIS: 1 — Cria. Prendemos. 2 — Aca-riciada. Apellido. 3 — Cordel. Trave. 4 — Planta vivaz e medicinal. Calcular. 5 — Falecer. Artigo definido. 6 — Ainalda. 7 — Pancada de taco. Tálio (s. a). 8 — Idiota. Esteve unido. 9 — Limpas metais. Estavam. 10 — Furtaria com arteirice. Troce. 11 — Rancor. Desgraça.

Resolva completamente.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5266

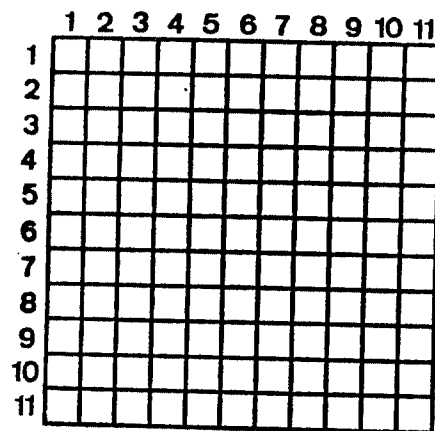
HORIZONTAIS: 1 — Gruta. Clito. 2 — Jesus. Ralos. 3 — Redimidos. 4 — A. Morosas. 5 — AC. Art. Ro. 6 — Rocas. Acres. 7 — Som. Cem. 8 — Atlas. Vivem. 9 — QUEM VELA. 10 — Ura. Sem. Lar. 11 — Ialas. Avara.

VERTICAIS: 1 — GJ. Aar. Aquil. 2 — Rem. Costura. 3 — Usam. Colar. 4 — TUDO. Amam. 5 — Asinas. SS. 6 — Mor. SE. 7 — Crista. Má. 8 — Iara. OCIV. 9 — Lias. REVELA. 10. Ias. 11 — Os. Cós. Mará.

Provérbio: A quem vela, tudo se revela.

HORIZONTAIS: 1 — Urdo. Ladeira. 2 — Tostar. Mete em mala. 3 — Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Botequim. 4 — Letra grega. Ilha do Arquipélago, nas Espóradas hoje pertencente à Grécia. Nota musical. 5 — Pega. Reles. Ninho. 6 — Alcova. Estrada magnífica que o de Roma a Brindes. 7 — Frio (Gir). Armadura para a cabeça. 8 — Base aérea portuguesa. Para barlavento. 9 — Artigo definido. Santo a que é dedicado um templo ou capela. Idem. 10 — Terceiro. Rema para trás. Passaro. 11 — Afeição. Põem em rumo uma embarcação.

VERTICAIS: 1 — Ilha pertencente à província de Macau. Pântano de areia em frente de Setúbal. 2 — Reis. Chamoriz. Consentimento. 3 — Empunha. Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar. Segundo. 4 — Extremidades dos braços. Nome de jogo. 5 — Entefitava. Qualquer porção de uma curva. 6 — Nota musical. Suspensa. 7 — Rola. Mãe de Ismael. 8 — Gostas muito de Cabelo. 9 — Oceano. Rio do Egipto. Antes do meado. 10 — Plural. Vendem o crédito. Czar da Rússia cognominado «O Terrible». 11 — Irmão de Moisés. Freguesia do concelho de Louzada.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9109

HORIZONTAIS: 1 — Paris. Crato. 2 — Opera. Ralor. 3 — Agar. Elias. 4 — Arcados. 5 — Im. Aotos. Ge. 6 — Mil. Mor. Cós. 7 — Copa. Edam. 8 — Morás. Sapos. 9 — Ps. Ri. 10 — Coa. Uri. Lás. 11 — Assim. Freio.

VERTICAIS: 1 — Pé. Gim. Maça. 2 — Apa. Mica. Os. 3 — Rega. Lopus. 4 — Irara. Pés. 5 — Sancomas. Um. 6 — Ato. Ir. 7 — Credores. 8 — Ralos. Dar. 9 — Años. Capilé. 10 — Tás. Gomo. Al. 11 — Or. Vés. Siso.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 14 de Agosto de 1939 publicava:

«Tudo ilusório, tudo mistificado, tudo farelório. Problemas resolvidos por partes, ao acaso, por incidente, soluções de deitamentos, efeitos espasmódicos.

«Grandes e pequenos lendo todos pela mesma cartilha... Outrora, em Bagdad, um dos famosos Kalifas, talvez Harun-Al-Raschid, ao sair do palácio, vendo os seus guardas afastarem violentamente uma mulher esquálida e andrajosa, mandou que lhe trouxessem para a interrogar. E, tendo-lhe ela respondido que viera pedir esmola para um filho que lhe morria ao desamparo, o Kalifa, sem mais detença, rasgou uma tira da sua veste de tecido precioso e entregou-lha, dizendo: «Toma e acalma a tua dor!» Séculos depois, em Londres, Rothschild, assaltado no seu escriptorio por um proleto que lhe vinha exigir a parte que lhe caberia na liquidação social, fez o cálculo da fortuna própria, dividiu a soma pelo número de proletários e, tendo obtido um quociente de 5 francos, entregou-lhe esta quantia dizendo: «Toma e estamos quites!» (Dias Ferreira)»

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

Estabelecimento

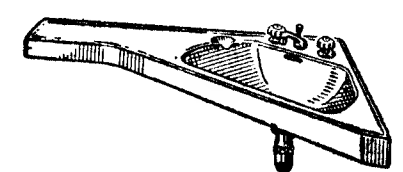
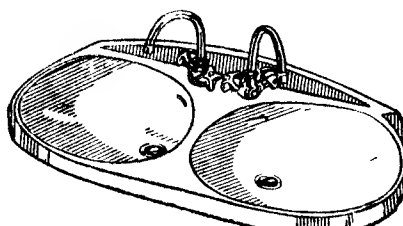
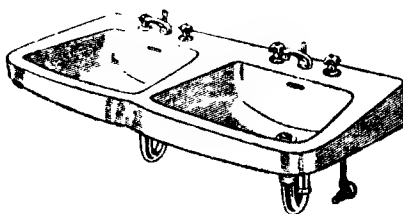
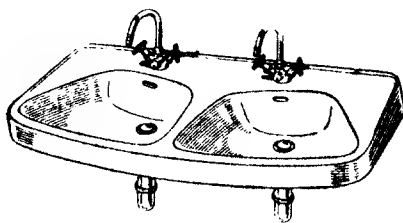
VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria S. A.
R. L. - 95 Rua Nova do Almada 99 - LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

TRITON-BELCO



Actualize também a sua sala de banho...

... use TRITON, o material de luxo que equipa os hotéis RITZ, TIVOLI, CIDADELA, etc.

Disponos também do melhor material nacional

GUEDAL

R. Ouro, 181, 1.º

T. 32 78 45

DESPORTO

COMEÇA HOJE A 32.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

AGOSTINHO: UM DESAFIO DE 2747 KM



Joaquim Agostinho: o mais-mais entre os favoritos

A Volta começa hoje com as já tradicionais voltinhas na pista das Antas. Um pequeno exercício, para aquecer, e para que a aventura da estrada comece já com um «camisola amarela», que pode muito bem ser — mais uma vez — o Emiliano Dionísio. Depois a Volta vai animar, tanto mais que logo na manhã seguinte há um contra-relógio individual, curtinho sim (14 quilómetros) mas que sempre ajudará a definir posições. Quando, cinco dias depois do seu início, a Volta tornar a dormir no Porto estará concluído o ciclo norteño, que levará a prova desde Vila do Conde a Guimarães, Chaves, Bragança e Vila Real. Já haverá então, ideias sobre forças e fraquezas. Mas ainda faltarão muitos quilómetros, milhões de pedaladas, para que os corredores entrem — pela segunda vez — na pista de Alvalade, no termo dessa última etapa «contra-relógio». E o ser «contra-relógio» a última etapa é a grande e aliciante novidade da corrida.

Raramente a Volta a Portugal em bicicleta terá, à partida um «favorito tão



FERNANDO MENDES

favorito» como aconteceu com Joaquim Agostinho nesta competição de 1969. Não há pré-vencedores nestas coisas do ciclismo, em que pesam tantas contingências — a avaria mecânica, o acidente, a doença, a sorte de entrar na «fuga» certa — e onde as derrotas dos favoritos não são menos frequentes que os seus triunfos.

Partanto, no princípio, no entanto, que tudo decorrerá com normalidade,



LEONEL MIRANDA

se o infortunio não o perseguir — ou não o perseguir mais que aos seus principais opositores — Joaquim Agostinho terá de considerar-se como o «provável vencedor» da Volta. Neste momento, ele aparece como um ciclista de craveira internacional, experimentado e endurecido no «Tour». E não parece muito natural aguardar-se que depois de se elevar ao nível dos maiores do ciclismo mundial, o rapaz de Brejijas sinta grandes dificuldades para fazer valer a sua categoria no confronto com os outros cor-



JOAQUIM LEÃO

redores portugueses. Além do mais, a prova nem terá este ano concorrentes estrangeiros, que podiam trazer com eles qualquer surpresa. E há ainda o caso

de a última etapa ser disputada no sistema de contra-relógio — a «corrida da verdade» — e conhece-se a extraordinária capa-

BONIFICAÇÕES

São atribuídas bonificações em todas as etapas disputadas em linha. Ao primeiro corredor diminuem-se 15 segundos no tempo gasto para cumprir a tirada. O 2.º beneficiará de 10 segundos e o 3.º de 5 segundos.

cidade do sportinguista neste género de competições. O que se passou no recente «Prémio Robbially», com um pulo sensacional de 16.º para 1.º no contra-relógio que era também a última etapa, poderá considerar-se elucidativo. Mesmo tratando-se agora, de apenas 30 quilómetros, na auto-estrada entre Vila Franca e Lisboa, essa tirada derradeira equivale a um trunfo na manga para o corredor do Sporting.

Não se espera, no entanto, que os outros 67 corredores estejam dispostos a prestar vassalagem ao rei



MARIO SILVA GRAÇA

POPULARIDADE DO CICLISMO

É inegável que o ciclismo se tornou a modalidade desportiva que mais capta o interesse das grandes camadas populares. Uma prova, recentemente obtida na etapa final do «Grande Prémio Robbially»: devido ao número de pessoas que subiu para o telhado da Igreja da Costa da Caparica, no intuito de ver melhor a chegada dos corredores, ficou danificado aquele templo.

Diz o pároco da localidade:

— Além de seenta telhas partidas e do sino ter ficado danificado, temos, ainda, as paredes bastante sujas nos lugares onde as pessoas se apoiavam para subir.

Daf que tenha sido pedido um auxílio para a reparação dos estragos. Verba que João Damasceno Covão pagou jubilosamente: «é um testemunho do interesse do povo pelo ciclismo» — comenta.

de ganhar a Volta e vencer o favorito. Da parte do Benfica (com Fernando



— Vem aí a «Volta»! Agora começo a andar com a cabeça às voltas, para saber quem é o primeiro...

(em princípio) da corrida. Tanto quanto Agostinho tentará defender e solidificar o prestígio que tão rapidamente alcançou, os outros, alguns dos outros, prourarão a dupla proeza



JOAQUIM ANDRADE

o seu mais forte representante. Agostinho está perante um desafio de 2747 quilómetros

Um dos capítulos mais interessantes da prova se-



AMÉRICO SILVA

rá a actuação dos novos. Há uma juventude muito prometedora no ciclismo português e ela vai «mexer a corrida».

Esses moços (atenção aos do Ginásio de Tavira!) não vão deixar dormir ninguém no pelotão...

Mesmo que se confirme a supremacia de Agostinho, a Volta não será uma corrida enfadonha. Vai ter muito que contar.

68 À PARTIDA

SANGALHOS

- 1 — Joaquim Andrade
- 2 — Celestino Oliveira
- 3 — Herculano Oliveira
- 4 — Norberto Duarte
- 5 — Lino Santos
- 6 — Manuel Lote
- 7 — João Fonseca

BENFICA

- 11 — Fernando Mendes
- 12 — Pedro Moreira
- 13 — Manuel Costa
- 14 — Américo Silva
- 15 — Manuel Luís
- 16 — Daniel Vitorino
- 17 — Valdemiro Cardoso
- 18 — Augusto Fortes
- 19 — Eduardo Santos
- 20 — João Pinhal
- 21 — Pedro Rodrigues
- 22 — Fernando Vieira

SPORTING

- 31 — Paulino Domingos
- 32 — Emiliano Dionísio
- 33 — Firmino Bernardino
- 34 — João Roque
- 35 — Joaquim Agostinho
- 36 — José Vieira
- 37 — Leonel Miranda
- 38 — Norberto Timóteo
- 39 — Sérgio Páscoa
- 40 — Vítor Tenazinha
- 41 — Vítor Rocha

AMBAR

- 51 — Manuel Castro
- 52 — Albino Alves
- 53 — Joaquim Coelho

54 — Joaquim Freitas

- 55 — Sousa Vieira
- 56 — Wilson Sá
- 57 — Fernando Brito
- 58 — Henrique Silva

TAVIRA

- 61 — António Graça
- 62 — António Teixeira
- 63 — Fernando Martins
- 64 — João Lopes
- 65 — José Nunes
- 66 — José Diogo
- 67 — José Viegas
- 68 — Manuel Mestre
- 69 — Marcolino Santos
- 70 — Rogério Domingos

F. C. PORTO

- 71 — Hubert Niel
- 72 — Mário Silva
- 73 — Cosme Oliveira
- 74 — Joaquim Leão
- 75 — José Azevedo
- 76 — Luís Pacheco
- 77 — Joaquim Leite
- 78 — Manuel Sousa
- 79 — Duarte Ribeiro
- 80 — António Carvalho

COELIMA

- 81 — Francisco Machado
- 82 — António Pereira
- 83 — Mário Miranda
- 84 — António Salazar
- 85 — Serafim Dias
- 86 — António Rodrigues
- 87 — Armindo Mendes
- 88 — Joaquim Moreira
- 89 — José Pereira
- 90 — António Domingos

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

— A «ESTA» PODE-SE DAR «BOLEIA», PORQUE É DE CONFIANÇA!...



A VENDA EM TODO O PAÍS
EM LISBOA: LISAGUA DISTRIBUI
Pedidos — Telef. 55336-553809

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

AMÉRICO HOMENAGEADO COM UM PORTO-BENFICA?

Américo entrou em contacto com o Sport Lisboa e Benfica, no desejo de obter o concurso da turma de Otto Glória para a sua festa de homenagem.

Jacinto voltou aos treinos:

TIRO AO ARCO

A Federação Portuguesa de Tiro ao Arco promove no dia 17, às 9 horas, no Estádio Nacional, a realização de um encontro de características internacionais, com a participação de atiradores da Liga da Normandia (França).

por enquanto, o seu processo de recuperação física, ainda não implica jogos de futebol. O «internacional» benfiquista limita-se a efectuar exercícios ginásticos.

O campeonato nacional da 3.ª divisão inicia-se a 12 de Outubro.

Toni (junior do Progresso) tem treinado sob as vistas de Fernando Cabrita no Estádio da Luz.

Alguns futebolistas dispensados pelo Belenenses vão transferir-se para o Atlético.

Parece ser propósito de

Nené mudar do Benfica para a Académica de Coimbra.

Da França (Havre) e Alemanha (Munique) vieram convites para deslocação da equipa de futebol junior do Sporting Clube de Portugal.

Fernando (que representou durante uma época o Boavista) regressou ao F. C. Porto.

André (Cabinda) e Locutuca (Benfica de Nova Lisboa) são nomes recrutados pelo Futebol Clube do Porto em terras angolanas.



AMÉRICO

Acontecimentos DE ONTEM

HÓQUEI EM PATINS

O SINTRENSE É O NOVO «LEADER» DO «REGIONAL»

Prosseguiu, ontem, o Campeonato de Hóquei em Patins (1.ª categoria), da Associação de Patinagem de Lisboa, com os encontros cujos resultados a seguir anotamos:

C. Ourique, 4-Benfica, 5
Paredo, 1-Salesiana, 4
P. Arcos, 5-Oeiras, 2
Sintra, 1-Cascais, 0
C. U. F., 4-Sporting, 2
Física, 4-Belenenses, 5

Os salesianos vingaram o Benfica e foram a Paredo vencer pela diferença de três golos. Por seu turno, os «leões» averbaram o primeiro revés, tal como os camponiquenses e os oeirenses.

O Belenenses logrou excelente êxito em Torres Vedras, contra o Física — o único que conta por derrotas os jogos efectuados.

VELA

REGATA CASCAIS-SESIMBRA

Organizados pelo Clube Naval de Cascais, realizou-se, no próximo dia 6 de Setembro, uma regata oceânica para barcos à vela e um passeio náutico para iates de vela e motor, com largada dentro da baía de Cascais (entre as instalações do Clube e a praia do Estoril) e com destino a Sesimbra, onde se efectuará um jantar de confraternização e distribuição de prémios e lembranças aos participantes.

Pela bem escolhida época do ano — em que se conta com ventos bonancosos e mar convidativo — e pelo

interesse que a original iniciativa certamente despertará, contamos assistir a um espectáculo que não nos é dado observar com frequência e deve resultar em magnífica jornada de propaganda náutica.

CLUBE NAVAL DE LISBOA

O Clube Naval de Lisboa inicia hoje um curso de vela para a formação de novos velejadores.

O curso é extensivo a praticantes de ambos os sexos.

Esta série de desfechos, alguns deles imprevistos, proporcionou, entretanto, o nivelamento da tabela classificativa e, concomitantemente, o aumento de interesse pela continuação da prova.

A classificação geral ficou assim estabelecida:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
SINTRA ..	3	2	1	—	8	6 8
C. Ourique	3	2	—	1	14	10 7
Sporting ..	3	2	—	1	12	8 7
Salesiana	3	2	—	1	13	9 7
Benfica ...	3	2	—	1	10	10 7
C. U. F. ...	3	1	1	1	8	7 6
Cascais ...	3	1	1	1	7	7 6
Belenen. .	3	1	1	1	11	12 6
P. Arcos	3	1	—	2	12	12 5
Oeiras	3	—	2	1	8	11 5
Paredo ...	3	1	—	2	7	11 5
Física	3	—	—	3	9	16 3

NATAÇÃO

Efectuou-se ontem à noite na piscina do Clube Sportivo de Pedrouços, o festival comemorativo do 50.º aniversário daquele clube. Os vencedores das diversas provas foram:

FEMININOS — 100 m. bruços, inscrição livre — Susana Abreu (G. D. L. M.), 1 m e 30,4 s; 100 m. livres, inscrição livre — Dulce Gouveia (G. D. L. M.), 1 m e 11,4 s; 100 m. costas, inscrição livre — Dulce Gouveia (G. D. L. M.), 1 m e 20,4 s; 100 m. mariposa, inscrição livre — Susana Abreu (G. D. L. M.), 1 m e 17,6 s; 4x50 m. livres, inscrição livre — Desportivo de Lourenço Marques, 2 m e 17,7 s.

MASCULINOS — 100 m. mariposa, juvenis — Luis Baptista (C. N. N.), 1 m e 21,2 s; 100 m. costas, juniores e seniores — Julio Ribeiro (G. D. L. M.), 1 m e 17,4 s; 100 m. livres, juvenis — Ricardo Santos (S. A. D.), 1 m e 09,4 s; 100 m. mariposa, juniores e seniores — José Cabanelas (V. C.), 1 m e 15,8 s; 100 m. bruços, juvenis — Luis Baptista (C. N. N.), 1 m e 28,4 s; 100 m. bruços, juniores e seniores — Vítor Cerequeira (G. D. L. M.), 1 m e 18,7 s; 100 m. livres, juniores e seniores — Julio Ribeiro (G. D. L. M.), 1 m e 05,2 s; 100 m. costas, juvenis — António Alegria (S. A. D.), 1 m e 22,6 s; 4x50 m. livres, inscrição livre — Alges, 2 m e 01,6 s.

O Grupo Desportivo de Lourenço Marques foi o vencedor do torneio.

RÁGUEBI

Reuniu-se ontem à noite em sessão ordinária o Congresso da Federação Portuguesa de Raguebi para apreciar o relatório e contas da Direcção que foram aprovadas por unanimidade.

A «ordem dos trabalhos» incluía também a eleição dos corpos gerentes. Todavia, porque não foi apresentada qualquer lista, constituiu-se uma comissão para formar o novo elenco de que fazem parte os membros da direcção actual e os delegados de quatro clubes: Jorge Almeida, António Amaro, António Cartaxo Alves e o eng.º Pedro Ribeiro.

AS 27 ETAPAS DA «VOLTA»

Itinerário oficial da «Volta a Portugal»:

HOJE — 1.ª etapa: Pista das Antas, 9 km — Partida às 21 e 30.

AMANHÃ — 2.ª etapa: Padrão de Amoreira-Azurara, 14 km — Partida às 9 h.; 3.ª etapa: Circuito de Vila do Conde, 60 km — Partida às 17 e 30 — Média estabelecida, 40 km.

DIA 16 — 4.ª etapa: Vila do Conde-Guimarães, 214 km — Partida às 13 e 30 — Hora provável da chegada, 19 e 30 — Média estabelecida 37 km.

DIA 17 — 5.ª etapa: Guimarães-Chaves, 141 km — Partida às 9 e 30 — Hora provável da chegada, 13 e 18 — Média estabelecida, 37 km.

DIA 18 — 6.ª etapa: Chaves-Bragança, 100 km — Partida às 8 h. — Hora provável da chegada, 10 e 38 — Média estabelecida, 38 km; 7.ª etapa: Bragança-Vila Real, 141 km — Partida às 16 h. — Hora provável da chegada, 19 e 47 — Média estabelecida, 38 km.

DIA 19 — 8.ª etapa: Vila Real-Porto, 116 km — Partida às 9 e 30 — Hora provável da chegada, 12 e 43 — Média estabelecida, 36 km; 9.ª etapa: Pista das Antas, 9 km — Partida às 21 e 30.

DIA 20 — 10.ª etapa: Porto-Viseu, 214 km — Partida às 13 e 30 — Hora provável da chegada, 19 e 26 — Média estabelecida, 36 km.

DIA 21 — 11.ª etapa: Viseu-Metalurgia Casal, 122 km — Partida às 10 h. — Hora provável da chegada, 13 e 12 — Média estabelecida, 38 km; 12.ª etapa: Pista de Sangalhos, 1 km — Partida às 18 h.

DIA 22 — 13.ª etapa: Metalurgia Casal-Caldas da Rainha, 181 km — Partida às 9 h. — Hora provável da chegada, 13 e 40 — Média estabelecida, 38 km.

DIA 23 — 14.ª etapa: Caldas da Rainha-Lisboa, 119 km — Partida às 9 e 30 — Hora provável da chegada, 12 e 33 — Média estabelecida, 39 km; 15.ª etapa: Pista de Alvalade, 9 km — Partida às 21 e 45.

DIA 24 — 16.ª etapa: Lisboa-Grândola, 143 km — Partida às 15 e 30 — Hora provável da chegada, 19 e 21 — Média estabelecida, 37 km.

DIA 25 — 17.ª etapa: Grândola-Loulé, 163 km — Partida às 8 h. — Hora provável da chegada, 12 e 24 — Média estabelecida 37 km; 18.ª etapa: Circuito de Loulé, 2 km — Partida às 21 e 30.

DIA 26 — 19.ª etapa: Loulé-Tavira, 125 km — Partida às 9 h. — Hora provável da chegada, 12 e 12 —

Média estabelecida, 39 km; 20.ª etapa: Pista do Tavira, 8 km — Partida às 17 e 30.

DIA 27 — 21.ª etapa: Tavira-Évora, 206 km — Partida às 13 h. — Hora provável da chegada, 18 e 43 — Média estabelecida, 36 km.

DIA 28 — 22.ª etapa: Évora-Alcains, 195 km — Partida às 14 h. — Hora provável da chegada, 19 e 15 — Média estabelecida, 37 km.

DIA 29 — 23.ª etapa: Alcains-Seia, 102 km — Partida às 16 h. — Hora provável da chegada, 18 e 55



João Roque: com uma luxação no ombro direito (acidente em treino) é um homem em trévia para a «Volta»

— Média estabelecida, 35 km.

DIA 30 — 24.ª etapa: Seia-Avelar, 157 km — Partida às 8 h. — Hora provável da chegada, 12 e 14 — Média estabelecida, 37 km; 25.ª etapa: Avelar-Abrantes, 78 km — Partida às 17 h. — Hora provável da chegada, 19 h. — Média estabelecida, 39 km.

DIA 31 — 26.ª etapa: Abrantes-Cartaxo, 86 km — Partida às 8 e 30 — Hora provável da chegada, 10 e 43 — Média estabelecida, 39 km; 27.ª etapa: Vila Franca de Xira-Lisboa, 35 km — Partida às 16 e 30.

A «MONTANHA»

Para o Prémio da Montanha, haverá nove contagens, assim escalonadas: 1.ª categoria — Penhas da Saude e Alto da Torre (23.ª etapa).

2.ª categoria — Alto do Caramulo (11.ª etapa), Alto da Arrábida (16.ª etapa) e Alto da Serra da Lousã (24.ª etapa).

3.ª categoria — Portela do Vade (4.ª etapa), Alto dos Borne (7.ª etapa), Alto de Espinho (8.ª etapa), Alto da Gardunha (23.ª etapa).

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE BILHETES
VENDA DE SÉRIES
DE 20 BILHETES
SEM DATA
PARA OS DOMINGOS
Todos os dias e em todas as estações.

SOREL

S. A. R. L.

Comunica aos seus clientes que, por motivo de férias ao pessoal, encerra a oficina da Rua Filipe Folque, N.º 12, de 18 a 30 de Agosto.

Durante aquele período permanecem abertas as instalações da Rua D. Luís I, N.º 28, com o pessoal necessário para prestar a devida assistência.

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR.

S. A. R. L.

Sede: 46, Rua da Conceição — Lisboa, 2

FÉRIAS

INFORMAMOS TODOS OS NOSSOS ESTIMADOS CLIENTES QUE POR MOTIVO DE FÉRIAS ANUAIS, ENCERRAREMOS TODAS AS NOSSAS SECÇÕES DE 15 A 31 DE AGOSTO. APENAS FICARÁ DE SERVIÇO UM PIQUETE DE MECANICOS PARA QUALQUER ASSISTENCIA URGENTE A MAQUINAS DE ESCRITÓRIOS. PEDIMOS DESCULPA AOS NOSSOS CLIENTES POR QUAISQUER INCONVENIENTES QUE EVENTUALMETE OCASIONARMOS.

GERVEJA 'TUBORG' SEM ÁLCOOL

ROMA
(Adultos) Tel. 727778

As 21.45
3.ª SEMANA
Marcello Mastroianni - Pamela
Tiffin - Virna Lisi
**O HOMEM, A MULHER
E O DINHEIRO**
Panavision - Metrocolor
AR CONDICIONADO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra fundamental de
Roman Polansky
REPULSA
com Catherine Deneuve
e Ivonne Fucueaux

(M. 12 anos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
**QUEM ROUBOU
A COROA?**
com Michael Crawford
e Oliver Reed
AR CONDICIONADO

117

(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
**A GUERRA SECRETA
DE HARRY FRIGG
XEQUE A SCOTLAND YARD**

(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
**O PERIGO VEM
DAS MULHERES**
DOUTOR, VAMOS A ISTO

TEATROS
VARIEDADES — As 21 e 45: «Os
Direitos da Mulher» (17 anos).
MONUMENTAL — As 20 e 45 e
ds 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — As 22:
«A maçã» (17 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — As 21
 e 15: «O doutor Dollite» (12
 anos).
COSTA DA CAPARICA — CI-
 NE COPACABANA — As 21:
 «A brigada do Diabo» e «Com
 jeito vai, Manujo...» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO
 ARTÍSTICA — As 21 e 30: «O
 Direito de Nascer» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JAR-
 DIM — As 21: «Johnny Guitar»
 (17 anos).

C I N E M A S

OLIMPIA — Às 19: «Bandeireros do Arizona» (12 anos).

PARIS — Às 21: «002 contra Alcapone» (12 anos).

JARDIM — Às 21: «Vingar primeiro amor depois» (17 anos).

ROYAL — Às 21: «Esplendor no relva» (17 anos).

● Em Lisboa — Turno B

CINEARTE — As 21: «O homem, o orgulho e a vingança» (17 anos).

ARCO IRIS — As 21: «A espada do herói» (12 anos).

SALÃO LISBOA — As 19: «A fechadura misteriosa» (12 anos).

UNIVERSAL — As 21: «A sombra de um gigante» (12 anos).

IDEAL — As 21: «Tarzan e o mulher leopardo» (12 anos).

MOSCAVIDE — As 21: «Dexame-me viver» (17 anos).

S. L. BENFICA — As 21 e 15: «Viva Django».

CINE-ORIENTE—As 21: «O senhor da guerra» (17 anos)

● Linha de Cascais

● **Linha de Cascais**

OEIRAS — **OEIRAS-CINE** — As 21:
«A História dum detective» e
«Boeing Boeing» (17 anos).

PAREDE — **ROYAL-CINE** — As 21:
«Soldado sem rosto» (12 anos).

ESTORIL — **CASINO** — As 17 e
21 e 30: «A raposa» (17 anos).

ESTORIL — **CINE-ESPLANADA** —
As 21 e 30: «O ladrão de quem
se fala» (12 anos).

CASCAIS — **S. JOSÉ** — As 21 e
30: «Acidente» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Namu — Rainha dos Mares» (6 anos).

PERICEIRA — CASINO — Às 21: «O grande mestre do crime» (17 anos).

APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE
S. VICENTE
Telheiras do Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
aos sábados e domingos
JANTARES DANÇANTES
e/ conjunto privativo
(Encerrado às 23.45 horas)

R A N T E
LENTEJANO
A (Junto á Av de Bernal)
77895
S DELICIOSOS PRATOS
ALENTEJANOS

**A GRANDE MARCA
DINAMARQUESA
DE CERVEJA**

*Agora para os que apreciam
cerveja mas não a podem beber
ou não gostem de bebidas
alcoólicas.*

Agentes
J. A. da COSTA PINA, Lda
Rua do Alecrim, 73 - LISBOA

Precedente de Paris, chega amanhã a Lisboa, no avião que deve aterrar na Portela de Sacavém pelas 13 e 5 horas, a cançonetista franco-argelina Frida Boccara que, no mais recente Eurofestival de melodias, classificou a composição «Un jour, un enfant», no primeiro lugar ex-aequo com as harmonias representativas da Inglaterra, Holanda e Espanha.

Frida Boccara gravou recentemente para a etiqueta «Festival» (Rádio Triunfo) as canções «Cherbourg avait raison», «Le ciel du port», «Je veux chanter» e «Johnny Guitar». Em Portugal a cançonetista actuará na Figueira da Foz (amanhã) e no Casino da Póvoa de Varzim (no dia seguinte).

**FARMACIAS
DE SERVICIO**

rihas de Torres, 201-B (790942)
* A. Tomás, Est. do Desvio
12-C (790704).

MADRAGOA — SANTOS — Fene-
toure da Carveleira, Rua de San-
to-Velho, 2 (652075).

OLIVAIS — Mervill, R. Direita
da Moravia, 25 (38 6 1)
* São Paulo, R. 2, Lote 823, 6
Estrada de Moscova de Oliva-
-sul (3107 1) * Higiene, R. Ci-
dade Vitor Cabral ex Rua B. n.
4, L. 43, Zona Poente (31 0026).

PEDROUCOS — Ocidental, R. D.
Jerônimo Osório, 1.º M. 3
(610256).

PICHELEIRA — Mariuz, Log. 30
Picheleira, 140-B-C (120703) *
728395).

RATO — Soares, Av. Alvaros Ca-
bral, 1 (684282).

REGO — Prates & Melo, Rua do
Beneficência, 9 (773728).

RESTELO — Tanara, R. Rodrigo
Reinel, 3-A (61 8 4) (6 encon-
to do Restelo próximo dos Mol-
inhos).

S. PAULO — Central, R. de S.
Paulo, 108 (320389).

DE SANTA APOLOGIA AO BEATO
— Nova Luz, R. D. Domingos
Jardo, 28-A (6 Av. D. Afonso
III) (843439) * Martins, Lda.,
Rua Fernão de Magalhães, 33
(849448).

MOSCÁVIA — Santa Bárbara —
Rua Francisco Marques Beato,
45-A (Tel. 251 234).

MONTIJO — Giraldes — R. Almar-
rante Reis, 45 (Tel. 230008).

SESIMBRA — Lopes — R. Cân-
dido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
245 58.

SETUBAL — Higiene, R. Frei
Agostinho da Cruz (22408)
* Partegal, R. Camilo Castelo
Branco (232 11).

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja
5 (Tel. 22 8580).

● **Linha de Síntra**

AMADORA — Melo, P. D. João I
— Lote 146 — Bairro Janeiro
(932756) * Central, Av.º Car-
doso Lopes, 25 (932210) *
Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel.
937740) * Jardim, Av. Conde
de Oeiras, loja X- Reboloira
(Tel. 938924).

DAMAIA — Lemos, R. de Goa,
8-A (971121).

QUELUZ — André — Av. Elias
Garcia, 151 (Tel. 950043), Que-
luz — Av. Miguel Bombarda,
23-A (Tel. 951841).

CACÉM — Central — R. Elias
Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS — Quilma — Est.
Mem Martins, 285 (T. 29 0012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valen-
tim (Tel. 980456).

SINTRA — Misericórdia, L. Dr.
Gregório de Almeida, 2 (980391).

COLARES — Colares — Adre-

● Linha de Cascais

ALGES — Combatentes — Av. Comb. G. Guerra, 66 (Tel. 213953).

CAXIAS — Nove — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAGO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto 86 (Tel. 2432084).

OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAREDE — Grincho, Av. do República, 87-A (247 204).

ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel. 261 86).

MONTE ESTORIL — Lopes — R. Haufar, (Tel. 260008).

CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 9, 41 (Telefone 280141). Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Calças (Tel. 282407).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gamela, L. Antônio dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234.00)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020).
ALMADA — Galeno, R. Capitão Leitão, 85 (2760555)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional, 74 (22 43 02).
BARREIRO — Higilética, R. D. Manuel I, 178 (2273017).
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. das Barrocas, 50-A-B (Tel. 2760182).
MOITA — Silva Rocha — P. do Republica, 16 (Tel. 2390229).

● Linha de Sintro

AMADORA — Melo, P D João I
— Lote 146 — Bairro Janeiro
(932756) — Central, Av. Car-
doso Lopes, 25 (932210) —
Igreja, P da Igreja, 22-A (Tel.
937740) — Jardim, Av Conde
de Oeiras, 101-X- Reboloira
(Tel. 938924)

DAMAIA — Lemos, R de Goa,
8-A (971121)

QUELUZ — André — Av Elias
Garcia, 151 (Tel 950043); Que-
luz — Av Miguel Bombarda,
23-A (Tel 951841)

CACÉM — Central — R Elias
Garcia, 55 (Tel 2940034)

MEM MARTINS — Quilma — Est.
Mem Martins, 285 (T 29 0012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valen-
tim (Tel. 980456)

SINTRA — Misericórdia, L. Dr.
Gregório de Almeida, 2 (980391)

COLARES — Colares — Adrela

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE —
Companhia das Águas 361353
• Companhia Reunidas, 537011
• Gaxidela 538821 • Gaxi-
da (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322223.
• Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de
emergência, 115 • Segurança
Pública, 366141 • Judiciária,
535380 • Marítima, 326456
• Internacional, 362721 • Via-
ção e Trânsito, 42205 • G.N.R.
(área rural), 36865.
Saúde — Cruz Vermelha, 665342
• Enfermagem permanente,
766161 • Enfermagem de ur-
gência, 43738 • Hospital de
Santa Maria, 775171 • Hospi-
tal de S. José, 860131 • San-
ções, exigência, 771169 • Hospi-
tal de S. José, 771169 • Transfusões, soro e
exigência, 538524 • Centro
de Intoxicações (Informativo),
767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto,
720111 • Caminhos de ferro
(C. P.), 869029 • Caminhos de
ferro (Estoril), 361121 • Esta-
ção fluvial (T. Paço), 325345 •
Estação Marítima de Alcântara,
663195 • Estação Marítima de
Roche, 762445 • Estação flui-
vial (Belém), 638531

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado, nas regiões a norte do rio Douro, e pouco nublado ou limpo nas outras regiões. Havia neblina em alguns locais e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 16°; Coimbra, 17°; Portalegre, 15°; Lisboa, 19°; Faro e Funchal, 22°.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 31°; mínima: Montalegre, 8°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 19°; na água do mar: 17°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado, mais frequentes nas regiões do Norte e Centro. Vento fraco ou moderado, predominante de Noroeste. Possibilidade de nevoeiro ou neblina locais durante a noite e manhã.

Amanhã
Nascer às 6 e 49
Ocaso às 20 e 33

DIAS
Dia 20 Dia 27 Dia 3 Dia 11

MARÉS:
PRELA-MAR: Dia 14 — 5 e 01 (3,7 m); 17 e 15 (4 m); Dia 15 — 5 e 30 (3,8 m); 17 e 40 (4 m); Dia 16 — 6 (3,8 m); 18 e 10 (4 m); DIA-AMAR: Dia 14 — 10 e 30 (1,1 m); 22 e 58 (1 m); Dia 15 — 11 e 03 (1 m); 23 e 30 (0,9 m); Dia 16 — 11 e 38 (1 m).

Cosmos «292»

MOSCOVO, 14 (F. P.) — A U. R. S. S. lançou hoje mais um satélite artificial da Terra, o «Cosmos-292» — anunciou a agência «Tass».

Toda a aparelhagem de bordo funciona normalmente — acrescentou a agência.



Um passeio ao Porto: solução para três dias (inesperadamente) livres

O COMÉRCIO E A «PONTE»

O CHIADO ESCOLHEU A LIBERDADE

O comércio do Chiado escolheu a liberdade para este fim-de-semana: aproveitando o feriado de amanhã, a maior parte dos estabelecimentos manter-se-á encerrada no sábado, permitindo assim três dias de descanso aos seus empregados.

No resto da cidade, o comércio mantém-se reticente; mesmo os estabelecimentos que já têm semana inglesa vão continuar abertos no sábado de manhã.

A iniciativa, aqui na Baixa, partiu da Casa Sousa, do Chiado — disse-nos o sr. Pedro António da Costa, proprietário da Loja das Meias

— contactei, depois com o comércio da zona, e praticamente todos os estabelecimentos aderiram.

Nos rostos dos 30 empregados da Loja das Meias, sorrisos de satisfação.

— Isto é bom para empregados e patrões — continuou o sr. António Pedro — Por mim, vou passar este fim-de-semana alargado a descansar no Guincho.

No Chiado farão também a «ponte» as livrarias Bertrand, Sá da Costa, Portugal. Allaud e Lello está ainda a estudar a sua posição.

Excepção no Chiado: os grandes armazéns, Grandella

e Chiado, além de alguns (poucos) estabelecimentos.

— Os grandes armazéns nunca fecham. Nem sequer semana inglesa fazem.

Empregados: fins-de-semana fora

Maria Teresa Bento Ferrão, uma das sete empregadas da Casa Materna, na Rua do Carmo, vai aproveitar estes três dias para passear:

— Irei com os meus pais até ao Porto. Gostamos muito do Porto e aproveitamos para um passeio.

Quase todos os empregados seguem o exemplo da jovem Maria Teresa: uns vão mais longe, outros mais perto, mas todos decidiram já não deixar escapar esta oportunidade de férias.

Todos? Não é bem assim.

— Não temos «ponte». Não é costume. Mas mesmo que tivéssemos ficaria em casa. Não tenho possibilidade de fazer fins-de-semana fora.

Fala-nos Laurindo da Luz Dinis Bernard, há cinco anos empregado de um estabelecimento de louças e vidros em Alvalade.

— Gostava de ter estes três dias livres, lá isso gostava. A gente trabalha tanto!...

Alvalade: não à «ponte»

O comércio de Alvalade, á semelhança do que acontece com a maioria do comércio de Lisboa, disse não à «ponte».

— Não temos possibilidade



Uma medida que beneficia patrões e empregados

de fazer a «ponte» — diz o sr. José Vaz Fernandes, gerente da casa «Solana». — Ainda se todos estivessem de acordo, está bem. Mas se nem sequer temos semana inglesa, a excepção dos estabelecimentos de louças e vidros...

— Mas se todos se unissem, estava de acordo com a semana inglesa?

— Nos meses de Agosto e Setembro, sim. Mas em Julho não. É o mês em que faço mais dinheiro ao sábado! Não me convinha nada...

SHARON TATE PERTENCIA A UMA SEITA SECRETA

— afirma o «Daily News»

NOVA YORK, 14 — (F. P.) — Sharon Tate e Jay Sebring, duas das vítimas do quintuplo assassinato de Los Angeles, pertenciam à seita secreta dos «Swingers», a qual celebra ritos bizarros em que se confundem erotismos, sadismos e uso de drogas, afirma hoje o «Daily News».

O jornal popular novaiorquino de grande tiragem indica por outro lado que o assassino teria sido iniciado recentemente e induzido ao crime por um dos membros fundadores da seita com propósitos de vingança.

O «Daily News» precisa que os «Swingers» constituem uma seita secreta que ao princípio contava apenas com uns cinquenta elementos, mas que reúne agora todos os amadores de sensações fortes, os desequilibrados, os anormais.

O jornal acrescenta que Sharon Tate era cliente assídua de dois cabarés frequentados pelos «Swingers», que «muitas vezes a sua vivenda de Bel Air foi utilizada para celebrar os

ritos da seita» e que, além disso, «uma colecção de objectos do culto, como máscaras de couro negro, chifres, cordas e correntes, foi encontrada na casa do crime».

O «Daily News» termina o seu artigo com a indicação de que os 17 polícias encarregados do inquérito estão asoberbados de trabalho. Com efeito, as suas investigações têm de incidir igualmente em mais 23 assassínios cometidos na região nos últimos quatro dias.

JÁ SÃO 160 OS POLÍCIAS FERIDOS NO ULSTER

BELFAST, 14 — (F. P.) — A Polícia da Irlanda, do Norte, comunicou que tem 160 polícias feridos desde o princípio das violências, na terça-feira, em Londonderry. Nas últimas 24 horas foram 60 os polícias feridos e 5 ainda se encontram hospitalizados. Entre estes últimos há dois oficiais gravemente feridos em Belfast por uma «bomba Molotov» lançada para dentro do carro em que se encontravam.

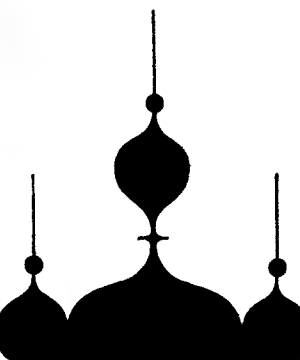
Trata-se de resto, de um balanço provisório visto que depois de uma pausa os manifestantes católicos de Londonderry retomam o ataque contra os polícias nos limites do Bogside. Embora ainda não sejam muitos numerosos o número destes manifestantes está a crescer de hora para hora e os seus ataques tornam-se incessantes.

DUBLIN, 14 — (F. P.) — Foram suspensas licenças

no exército da República da Irlanda, declarou ao princípio da tarde um informador do Governo de Dublin.

Sabe-se por outro lado que o Governo irlandês se reuniu ao princípio da tarde pela segunda vez no dia de hoje. Esta segunda reunião de emergência coincidiu com o envio de importantes efectivos do exército republicano irlandês para a fronteira com o Ulster.

CAMPO PEQUENO
HOJE AS 22 HORAS



Última actuação em Lisboa do fabuloso

HAQUIRRI

em mano-a-mano com

JOSÉ JÚLIO

cavaleiros
VARELA CID
e
ALFREDO CONDE

FORCADOS AMADORES DE EVORA

comandados por
João Nunes Patrinhos

toiros dos Herd. de Pinto Barreiros

Telefs
77 18 19 76 15 39 32 17 12 e 30 76 9



CIRCUITOS EM AUTOPULLMAN

PARTIDAS ASSEGURADAS
(estadia em bons hotéis, pensão completa, quarto duplo)

- * **MARROCOS IMPERIAL**
Preço por pessoa 7.450\$
- * **ALEMANHA ROMÂNTICA**
Preço por pessoa 8.800\$
- * **BENELUX E VALE DO RENO**
Preço por pessoa 8.950\$

PEÇA INFORMAÇÕES
Telefs. 539871-362501
UTILIZE O CREDI-STAR

STAR

Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

CASTELOES

AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

LOTUS ELAN VENDE-SE

Fac. de pag. e troca
R. de Campolide, 27-B

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

N.º 575/14 DE AGOSTO DE 1969



Na página cinco:

«Quem espera
por sapatos
de defunto
morre descalço»

ENTREVISTA COM JOÃO CÉSAR MONTEIRO

OCUPAR O DESERTO, REINVENTAR A PEDRA

entrevista com Luís Veiga Leitão

DOIS LIVROS apenas — *Latitude*, 1950, e *Noite de Pedra*, 1955 — a que se juntaram algumas poesias dispersas constituem o material publicado e mais tarde recolhido na antologia *Ciclo de Pedras* (Portugália Editora), de Luís Veiga Leitão

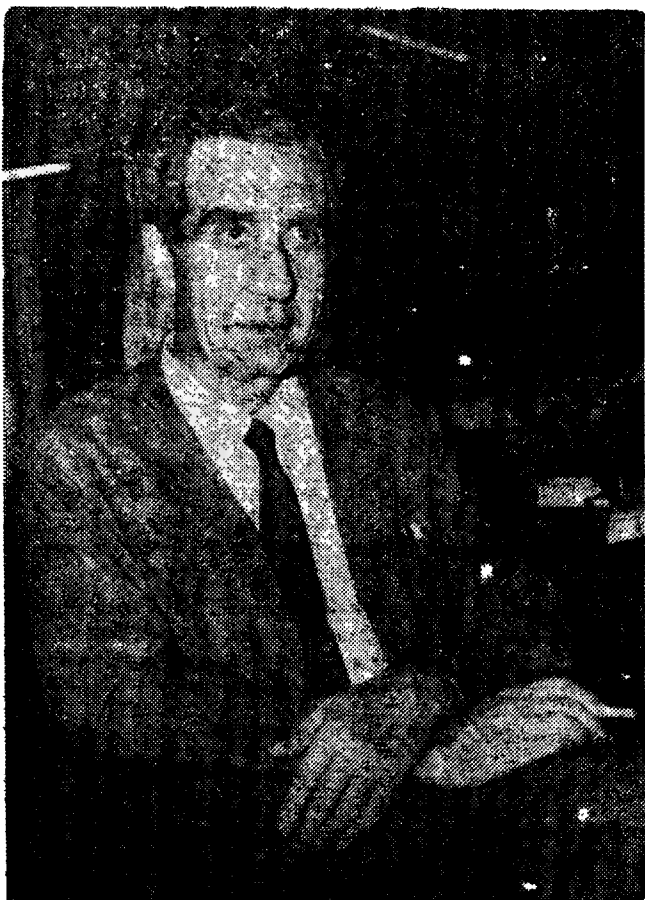
Isso só — e eis bem definido, e para sempre, uma das vozes mais pessoais e mais austeras dos nossos dias. Poeta da intervenção, a todo o instante esperado e tão disciplinadamente exigente na produção, este homem de profunda intensidade dramática e de argos isolamentos literários, radicou-se há poucos anos no Brasil e veio agora de visita a Portugal. Isto de sangrar saudades / largando / estarrapando as penas — escreveu ele um dia referindo-se ao exílio na própria pátria. E é a essa pátria que tem cantado em pedra viva, substancial, que Luís Veiga Leitão regressa por momentos para nos dar um pouco do seu convívio, tão íntimo e tão espontâneo

Do breve encontro em Lisboa, o «Suplemento DL» recolheu alguns apontamentos que assinalam a experiência do poeta numa nova latitude do homem de língua portuguesa.

D. L. — A despação do escritor é muitas vezes tomada como argumento de uma impossibilidade de produção. Escreveu muito durante esta ausência de Portugal?

LVL — O escritor é um profissional de dentro para fora. mesmo quando não escreve. Há nele uma necessidade específica de se debruçar sobre a folha de papel em branco, ocupar o deserto torná-lo habitável. Esteja onde estiver, ele não deixa de produzir. Aparentemente inactivo, continua

sempre a mobilizar tudo o que se passa em torno de si, objectos, pessoas, mundos de coisas, para o seu laboratório montado em tudo o que é canto de sua casa — à semelhança de velho caracol. E é dessas matérias-primas que, cedo ou tarde (o tempo não conta) saem as manufacturas, sem horário de trabalho registado para o consumo das minorias, «as grandes minorias» numa sociedade alienada. Desculpe, meu amigo, estes lugares-comuns.



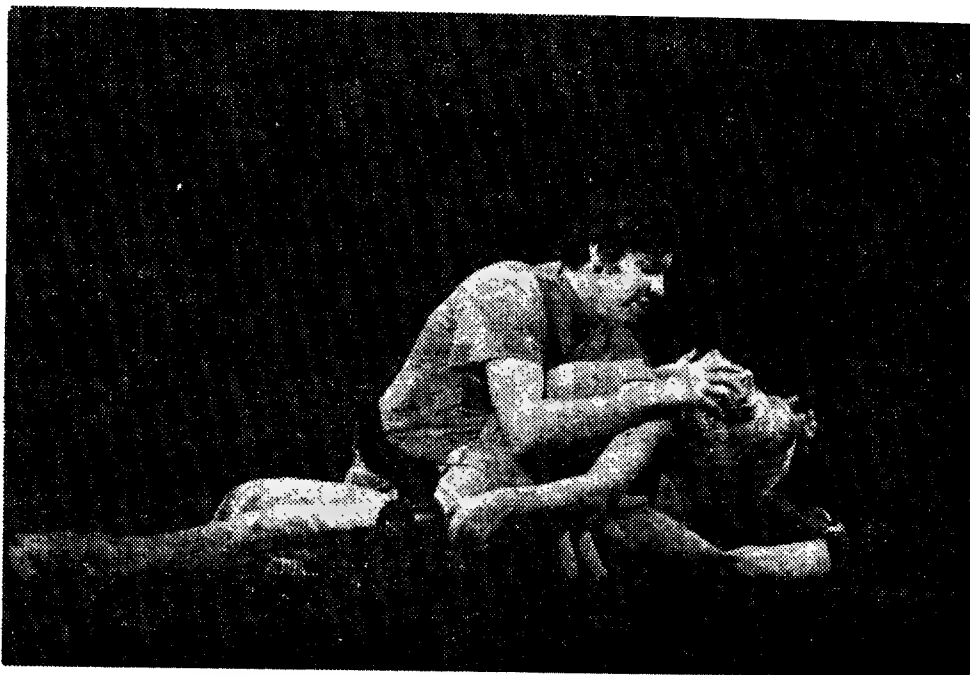
Luís Veiga Leitão: poesia, construção de todos

DL. — A integração do escritor português na vida brasileira é considerada por vezes dificultosa e, nalguns casos, diz-se que materialmente facilitada. A sua experiência pessoal poderá ilustrar alguns destes pontos de vista?

LVL — Quanto a mim, desde que me plantei no Rio, há dois anos, o meu primeiro feto aliás, como o de qualquer que precisa de ganhar a vida, foi empregar-me, aos cinquenta e pouco (aventura num país de jovens com menos de vinte e seis anos de idade) que permitisse a chamada tranquilidade (?) económica, e de, nas vagaturas do tempo ditas ociosas, ordenar as minhas coisas em livro. Dura e difícil aventura que não impediu até agora, de tomar notas, garatujar centenas de coisas nos intervalos de outros ofícios e mesmo durante as horas longas (lá onde tudo é longe) nos transportes colectivos, à mesa dos joelhos, aos solavancos do ônibus. Similar o exemplo de «Elétrico» de José Gomes Ferreira. Um poema faz-se em qualquer parte, escreve-se mentalmente, — basta ajeitar a memória ou, em circunstâncias cruas, riscá-lo à unha na cal de uma parede que nos fecha, como já em tempos sofri a experiência.

Nas minhas andanças pelo mundo, fora e dentro destas fronteiras, sempre escrevi e muito rasguei — não tanto como era preciso. O cesto dos papéis continua a ser o grande amigo do escritor, do poeta. No entanto (e não falo de mim como de bicho raro) o que me dói — outros podem chamar-lhe cobardia, preguiça, etc. — é não ter tempo, tempo só meu, livre do suor forçado das gales, para nesta altura da vida sujeitar aos mil tornos da minha oficina uma batelada de coisas amontoadas muitas delas já chatas sob o peso de outras mais vivas. E, talvez mais do que tudo isto, viajar, reviver, reconquistar a vida pela força de olhos abertos, canhenho-máquina-de-filmar nas mãos por esse Brasil fora, tão rico e insólito de acidentes geográficos e humanos, onde nos parece que qualquer escritor de razoáveis recursos ultrapassa os seus limites criativos. Sou ainda dos que «amam mais o caminho que a pousada», ou, no dizer do nosso povo, (a) pe-

(Continua na 7.ª página)



Gelber em Cascais: o humor cilindrado pela encenação

JACK GELBER

a invenção de uma crueldade

por J. A. Osório Mateus

SE TEATRO é «coisa de autores», não será exactamente Gelber o Teatro de que hoje aqui precisamos neste nosso manso e requentado Verão. Mas é Gelber o teatro que temos, fruto de uma descontração oportuna e da reunião de Avilez (oscilando entre Labiche, Rojas, Paço d'Arcos, Gelber...), de Mário Delgado, de Espiga Pinto, com o núcleo central de actores do Experimental de Cascais e um público, mescla de «habitués» deste estilo de manifestações e de veraneantes desenfatiados. O trabalho reunido de todos esses componentes, em doses aliás muito desiguais de acerto — ou desacerto, o que, para o caso, vem a dar no mesmo —, fazem com que seja o autor de «A Maça» o teatireiro que mexe gente na quietude e morna piscina do teatro português.

Ora, quem vem afinal a ser este Jack Gelber que, de repente, nos povoa as colunas dos jornais e preenche 50 por cento dos palcos do nosso assaz bizarramente chamado «teatro declamado»? (mas como, ao fim e ao resto, o adjectivo se aplica tortuosamente bem ao estilo vigente dos actores em questão...)

Nascido na Chicago fantástica de 1932, Gelber, como tantos outros escrevinhadores de teatro do mundo inteiro, achou-se aos vinte e seis anos com um meditado manuscrito debaixo do braço: manuscrito que apelava violentamente para a concretização cénica e de que só um iniciado poderia medir, a leitura desprevenida, o grau de eficácia dramática, feita de amargura e crueldade, de niilismo e agressão, de um misto de jogo improvisado e de um exacto rigor. Pela mesma altura, uma jovem companhia, que ostentava já o programático título de «Living Theatre», começava a criar dimensões de mito no mundo da off-Broadway, no círculo criado pela recusa optimista à industrialização do espectáculo dramático, polarizando a atenção dos candidatos a criadores da jovem América. Nada mais previsível que a tentativa de encontro entre o autor e o «Living».

Gelber só não mandou pelo correio o seu manuscrito aos directores da companhia, Judith Malina e Julian Beck — fi-

xou-o de uma vez por todas o anedotário da «petite histoire» do teatro contemporâneo —, porque lhe faltava o dinheiro para os selos. Foi por mão própria que a peça veio parar a casa dos Beck na Primavera de 58. Um ano depois o espectáculo estava pronto e viria a constituir o mais perene êxito comercial e artístico — como costuma dizer-se — do período «americano» do «Living».

«The Connection» chamava-se a peça. Era uma história entre drogados e músicos de jazz, com uma estrutura intencionalmente desconexa e cujo poder de choque sobre um público, para quem Albee virá ainda a aparecer como autor de vanguarda, só hoje muito dificilmente poderemos avaliar.

A peça consegue, por uma via que a dez anos de distância nos parecerá um tanto primária, a ligação entre um teatro da realidade imediata e aquilo a que numa fórmula vaga, mas cómoda pela sua própria imprecisão, se chamou «teatro do absurdo». Um grupo de drogados-actores, a que se virão juntar um «produtor» e um «autor», representa, ante os olhos de um desdobrado público, uma peça finalmente incompleta sobre um dos temas caros ao teatro dos anos 50 — a esperança vã, corrompida pela mesma longa espera que eternizava nas imediações da Arvore os vagabundos de Beckett. Uma visão profundamente pessimista da existência tomava formas dentro do tema da usura do tempo (no duplo sentido do tempo que, gastando-se, nos gasta).

Simultaneamente com esta natureza dupla da peça — mas reparemos que os dois planos de observação não se vêm exactamente a recobrir —, o espectáculo utilizava dois estilos de representação profundamente diversos: por um lado, um jogo naturalista levado até limites últimos — um dos actores, no papel de drogado, injectava-se com heroína no decurso da acção; por outro, e os extremos tocavam-se, um «afastamento» rigoroso, um obstinado acto de pôr em causa o teatro enquanto teatro, obrigando o actor a um jogo que

(Continua na 7.ª página)

«Eu também queria que isto ficasse escrito»

por Lauro António

NUMA ENTREVISTA publicada na passada quinta-feira neste suplemento, José Fonseca Costa, entre muitas outras declarações explosivas, resolveu dedicar algum do seu tempo tecendo meia dúzia de considerações sobre a minha pessoa, a minha actividade de crítico de cinema, e a minha participação como membro do júri do I Festival Internacional do Filme Turístico. Como essas referências enfermavam de algumas inexactidões, para além de revelarem uma evidente injustiça que me desgostou vinda da parte de um cineasta como José Fonseca Costa, resolvi vir esclarecer certos pontos mais discutíveis. Assim:

1.º José Fonseca Costa: «Acontece que o filme *A Cidade*, na altura em que saiu, não teve nenhum acolhimento por parte da crítica — favorável ou desfavorável»

— No que me toca, cumpra-me informar que, na altura em que o filme *A Cidade* saiu, me encontrava eu (infelizmente) fora de Lisboa, não me sendo possível fazer a sua crítica. Acrescento, porém, que, vendo esse documentário dias depois, e tendo a meu cargo a recolha da pontuação do quadro de cinema da *Vida Mundial*, resolvi inscrevê-lo e submetê-lo à apreciação dos críticos que nele opinam. Acrescento que esse documentário (o primeiro e único que apareceu no quadro V. M. até agora) teve a seguinte classificação: Lauro António (4), Manuel Machado da Luz (4) e Manuel Neves (5) (*Vida Mundial* n.º 1547, de 31-1-69).

As palavras de J. F. C. não são só injustas como inexactas.

2.º J. F. C.: «Existe da parte da crítica um relativo desprezo em relação ao documentário. Este não é considerado como filme. Sintomático é, de resto, a nota que o Lauro António escreveu, já depois do festival, no *D. L.* Havia uma referência relativamente grande ao meu filme — tinha pelo menos cinco linhas; mas essa referência denotava um certo menosprezo pelo documentário — eu próprio era apodado de documentarista. Não sei se sou ou não. Mas sou, com certeza absoluta, uma pessoa que faz filmes. Repare que não fico nada ofendido pelo facto de ele me chamar documentarista. E não fico porque penso que todo o grande cinema é feito por indivíduos que à partida começam por ser

documentarista — vide Eisenstein o teórico. Embora pense que na realidade o meu cinema é bem pequeno, esta é a minha óptica. Agora o que me parece é que a óptica dele é outra. Além disso, ele referia-se sistematicamente ao filme chamando-lhe «Évora» — coisa que de resto acontecia com a própria comissão organizadora, com a entidade que mandou o filme ao festival e com o produtor».

— Não interessará entrar em discussão com J. F. C. sobre o que ele entende por documentarismo, sobre o menosprezo que ele (e não eu) atribui ao termo sobre as suas abusivas comparações (Eisenstein, inclusive), sobre a sua e a minha óptica (que não chega a especificar), etc. É muito fácil fazer declarações deste género. O mais difícil é justificá-las. Quanto ao resto, J. F. C. tem o direito de pensar o que entender. Que pense, portanto.



Interessa-me, porém, rectificar dois pontos. O primeiro: o meu menosprezo para com o documentarismo (e nomeadamente para com o filme de Fonseca Costa) ficou expresso num artigo publicado no *D. L.* de 22-7-69. Ali dizia eu: «Vejam agora muito rapidamente (e por ordem de preferência pessoal) as películas mais importantes aqui exibidas. Primeiramente, Herman von der Horst, flamengo, que nos mostra «Amsterdam», obra vigorosa, profundamente definidora da fisionomia de uma cidade, dos seus habitantes, das suas cores, do peso das suas pedras e do tempo que as modelou. De uma cidade nos fala também Fonseca e Costa, em «Évora», certamente o melhor filme deste jovem documentarista português que nele consegue uma depuração do seu estilo, amadurecendo uma linguagem própria. «Évora» é ainda um excelente exemplo de um certo documentarismo de base cultural, procurando integrar o homem no seu contexto geográfico, social e histórico».

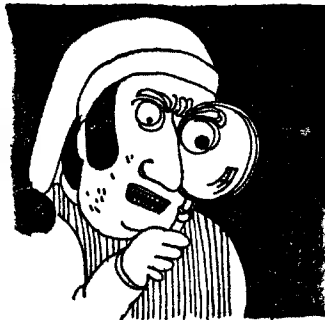
Onde é que J. F. C. vai buscar menosprezo? Será que ele entendeu alguma coisa do texto? Será que notou que, na resenha do Festival (e por ordem de preferência pessoal), o coloquei imediatamente a seguir a Herman von der Horst?

O segundo ponto do parágrafo de J. F. C. que me merece uma nova rectificação é o seguinte: afirma ele (com inteira razão) que eu me refiro a *A Cidade* chamando-o sistematicamente «Évora». Neste aspecto concordo com J. F. C. e o erro foi involuntariamente cometido. Na medida em que o seu filme apareceu por todo o lado anunciado como «Évora», incluindo no programa oficial do certame. Como desconhecia totalmente os problemas que se encontravam sob a sua participação neste festival, pensei que o filme tivesse mudado de nome, o que, no caso de J. F. C., não seria já a primeira vez. Se bem me lembro, *E era o Mar* começou por se chamar *E era o Vento... e o Mar*. O próprio J. F. C., quando deu as suas indicações biográficas para um programa das *Quinzenas do Bom Cinema* (dedicado ao *Cinema Novo Português*) informou, por outro lado, que preparava em 1968 um filme chamado «Évora». Esses elementos foram fornecidos pelo próprio J. F. C. De qualquer forma, e por muitas atenuantes que possua a verdade é que o título que vem no genérico do filme é *A Cidade*. Existiu nitidamente da minha parte um lapso, ao atribuir-lhe o título de *Évora* no artigo em questão. Um erro de que me penitencio. O que não quer dizer contudo que todos os genéricos falem verdade. Não de *O Eclipse*, de Antonioni, por exemplo, não consta a assistência de José Fonseca Costa...

3.º J. F. C. Deve ser: «por isso que Lauro António me chama documentarista. Ele, que é muito influenciável, também deve estar convencido de que não sou capaz de fazer mais nada — o que me dá uma prodigiosa vontade de rir».

— Eu, que sou muito influenciável, não me deixo influenciar pelas palavras dos realizadores e chamá-los unicamente aquilo que eles são. O J. F. C. não quereria reconhecer que lhe chamasse autor de filmes de fundo só porque sente que é capaz de vir a sê-lo. Posso, no entanto, dizer-lhe que é com imensa curiosidade que, há já alguns anos, espero suas *Lembranças de um Inverno*.

4.º Finalizando: a) encontro-me perfeitamente solidário com J. F. C. na sua luta pela paternidade artística de um filme; b) associo-me com entusiasmo a muitas das suas explosivas declarações que põem a descoberto meandros bastante tristes de uma realidade pouco reconhecível; c) lamento as inexactidões e injustiça de que fui alvo; d) peço desculpa por ter trocado o nome de *A Cidade*.



INTRODUÇÃO AO TEATRO PORTUGUÊS DO SÉC. XX por Duarte Ivo Cruz

NAO SE NEGA BOA-VONTADE ao esforço de Duarte Ivo Cruz ao tentar esta «Introdução ao Teatro Português do Séc. XX» (!) nem se esquecem os limites em que se confinou ao concebê-la. Lamenta-se apenas que sendo Introdução, não seja ao mesmo tempo iniciação; que sendo histórica, não seja, igualmente, crítica. Por isso, nos parece, por um lado, de uma utilidade excessivamente catalogal; por outro lado, e excessivamente discutível (direi mesmo perigosa), já que o autor procedeu a uma valorização arbitrária de certas obras e de certos autores, com evidente prejuízo para o equilíbrio da obra. De tal maneira, que, fechado o volume, ficamos com a ilusória sensação de que andamos todos enganados: os grandes dramaturgos portugueses do séc.

Qual Teatro?...

XX são às dúzias! Acabamos, no entanto, por compreender o equívoco quando nos lembramos que entre esses «grandes dramaturgos» figuram Augusto de Castro, D. João de Castro Osório, Tomás de Figueiredo, Orlando Vitorino...

Efectivamente, a atenção com que Duarte Ivo Cruz trata esses e outros dramaturgos, se comparada com a que dispensa a aqueles a que, finalmente, nos habituamos a considerar (embora provisoriamente, pois através da leitura de um texto só podemos aquilatar das suas potencialidades dramáticas) como os verdadeiramente grandes criadores do nosso teatro contemporâneo, torna-nos logo cépticos em relação ao alcance desta «Introdução». Quase três páginas dedicadas a Augusto de Castro, (que trouxe para a cena a beleza inconfundível, o brilho, a graça e o entusiasmo da sua literatura e da sua arte (!), contra menos de duas páginas para Luís Sttau Monteiro; mais espaço para Orlando Vitorino do que para Costa Ferreira, por exemplo; dedicar três páginas a Joaquim Paço d'Arcos e duas linhas a Cardoso Pires, quanto a Luzia Martins, uma a José Rodrigues Miguéis, uma a

Miguel Franco, outro exemplo; dizer que o teatro de Tomás de Figueiredo é violento, exuberante, duro, rico, criado na perfeição da palavra, directo, mordaz, cruel; condizente na técnica, coerente na ideologia, é um teatro leal, aberto e corajoso: vive na festa do diálogo, é grande na expressão, fundo no conteúdo, cheio, barroco, truculento, ainda outro exemplo — deixa-nos desconfiados em relação à óptica que o autor teria utilizado e em relação ao seu discernimento crítico. O mesmo direi no que diz respeito à Antologia inserida no final do volume, e em que se observa a mesma arbitrariedade.

Interessado (aparentemente) apenas na forma estética das obras e não no seu conteúdo ideológico, o autor acaba por traçar um panorama bastante parcial e menos desapaixado do que (desapaidiz) desejaria.

Acrescente-se ainda que o estudo é fruto mais de uma análise das coordenadas literárias das respectivas obras do que das suas virtualidades dramáticas, o que nos parece um erro.

C. P.

(1) Edição «Espiral».

Morrer de manhã

HEINRICH VON KLEIST suicidou-se. Um tiro na boca.

André Chénier foi decapitado. Dois dias depois findava o Terror.

Shelley morreu afogado. O navio naufragou e o poeta acompanhou-o.

Pushkin foi vítima da pontaria do cortejador da mulher. O último duelo.

Gérard de Nerval enforcou-se. Pior que a vida, nada.

Edgar Allan Poe sucumbiu «a uma excessiva sobre-excitación nervosa, sobrevinda em consequência de privações, agravada por uma exposição ao frio bastante demorada, vencido por um mal cujo nome médico é encefalite». Não se encontrou ninguém — entre os amigos ou a família — que pagasse o funeral.

García Lorca: fuzilado. Saint-Pol Roux morreu de desgosto: soldados alemães destruíram-lhe a obra.

Saint-Exupéry foi abatido por um «Fokke-Wulf». Era o seu último voo.

Robert Desnos morreu no campo de concentração de Terezin. Desapareceu no forno crematório.

No livro «Os Deuses morrem de manhã» (Portugália Ed., col. Documentos Humanos, trad. de Carlos Araújo), Gilbert Prouteau inspira-se numa frase de Baudelaire («...A vingança dos génios das trevas sobre os filhos da luz») para esboçar «dez retratos de antes da morte». Os dez atrás citados, entre tantos e tantos outros, «porque neles a conjugação da vida, da obra e da morte forma indissociável monumento; porque o que entenderam e amaram, o que escreveram e contaram é inseparável do fatal destino que tiveram».

Leitura muito educativa e

extensível aos exemplos que entendermos igualmente aplicáveis. Também entre nós «a vingança dos génios das trevas» se fez sentir em Camões. Bocage. António José da Silva, António Nobre, Antero de Quental, Má-

rio de Sá-Carneiro, António Maria Lisboa, alguns (ou muitos) outros. Falando de poetas, porque não João Rodrigues?

É que, sem fronteiras de tempo e nação, «os deuses morrem de manhã»...

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

CURSO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA

INICIADO EM 1965

CURSO DE 3 ANOS LECTIVOS EM REGIME DE PLENO TEMPO, EQUIPARADO A CURSO MÉDIO E DIRIGIDO A QUEM PRETENDA: ADQUIRIR UMA PROFISSÃO DENTRO DE SERVIÇOS DE «ATELIER» (PRODUÇÃO, PUBLICIDADE, ARQUITECTURA) EM EMPRESAS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS, DE SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSAS (JORNAL, EDITORES, RÁDIO, CINEMA E TV), DE ORGANIZAÇÕES CULTURAIS E TURÍSTICAS (GUIAS E MONITORES DE MUSEUS); RECONVERTER OU MELHORAR A SUA ACTUAL PROFISSÃO NO SECTOR.

AULAS DE «ATELIER»

EDUCAÇÃO VISUAL
COMUNICAÇÃO VISUAL
«DESIGN»

LIÇÕES

INTEGRAÇÃO CULTURAL
CICLOS E SEMINÁRIOS
DE MATÉRIAS CORRELATIVAS

INSCRIÇÕES DE 15 A 30 DE SETEMBRO

HABILITAÇÃO MÍNIMA 5.º ANO LICEAL OU EQUIVALENTE

IDADE ENTRE OS 16 E OS 35 ANOS.

INFORMAÇÕES NA SECRETARIA TODOS OS DIAS, EXCEPTO AOS SÁBADOS, DAS 10 AS 12 E DAS 14 AS 18 horas

TELEF. 41293

O tesouro na gaveta...

Faqueiros de Prata

TOPÁZIO

duplamente trabalhados

valem cada vez mais

Vendem as melhores Ourivesarias

Homem sem esforço e sem propósito

por Rocha de Sousa

ALVARO LAPA
Galeria Buchholz

A PINTURA DE ALVARO LAPA é muito curiosa porque, não alterando substancialmente a técnica de representação no plano e abdicando com nitidez de qualquer processo erudito, reserva-se a criação de uma atmosfera particular e enveredada por um problema que só recentemente foi posta entre nós, de um outro modo, por António Areal. Talvez muito pouca gente esteja de acordo com isto, incluindo o próprio Areal, apesar do curto texto que este autor dedica à exposição de Buchholz.

UM FOTÓGRAFO FRUSTRADO

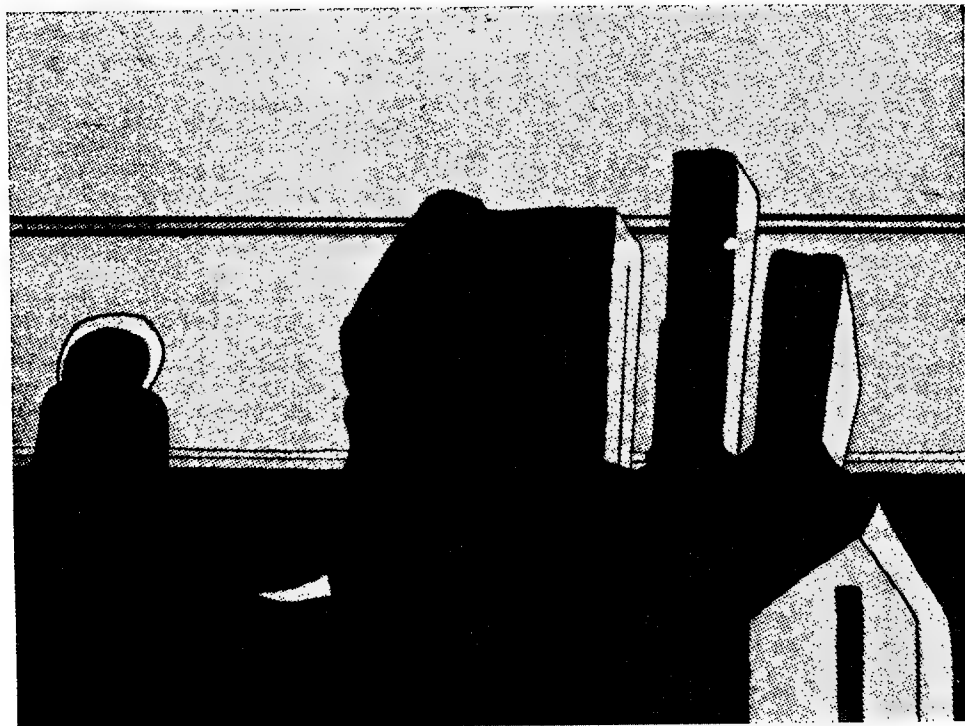
Quando o fotógrafo de «Blow-up», colocado diante de uma realidade que pode o cult a mente surpreender na sua aparência, se entrega à tarefa de a registar através de uma técnica (fotográfica), é razoável admitir-se que ele inicia um processo criador baseado na apropriação mecânica de certas imagens que lhe traduzem um fragmento da vida e do espaço real. Esse processo criador prolonga-

-se no acto de revelar a película e de a consultar na sua extensão narrativa, momento decisivo em que as aparências sugerem a duplicidade dos factos, e, portanto, a ambiguidade das formas. Por ampliação sistemática, numa truncagem deliberada em que a intuição se associa ao raciocínio, o fotógrafo desdobra um longo processo de reelaboração das imagens colhidas, isto é: inicia uma viagem deliberada de conhecimento, favorecendo a metamorfose e desocultando a realidade. O ponto de chegada, sempre provisório como o destino do homem, identifica-se com a realidade inventada pelo pintor (também o pintor do filme de Antonioni) constituindo-se simultaneamente real e irreel, impedindo, portanto, o artista de se considerar inscrito na possibilidade irrefutável de um conhecimento racionalista sobre o objecto da sua abordagem. Opõe-se-lhe afinal um horizonte sem meta e por isso ele se sente tentado indefinidamente a reconstruir os seus passos e a reconhecê-los inúteis perante a absurdidade da distância.

UM OUTRO CONHECER

Se tentássemos uma aproximação de certas

concepções orientais, ainda que no plano de relatividade do pensamento ocidental, entraríamos, naturalmente, em confronto, não com uma via particular de contestação da realidade envolvente, mas com a forma de a superar. A superação dos sentidos, dirigidos numa outra direcção pelo treino das nossas capacidades mais remotas ou mais ocultas, teria o efeito de nos revelar um outro mundo, na dilatação da consciência e na revisão inevitável da nossa temporalidade. Portanto igualmente na revisão da utilidade e no fim de alguns actos que nos parecem importantes ou definitivos. É evidente que ao pessimismo da posição desenvolvida por Antonioni se oporia o optimismo de um conhecimento de outra natureza, em qualquer dos casos anulador do que vemos como vemos e capaz de nos substituir a finalidade de um comportamento em que o nosso destino se esboça. No plano das nossas concepções actuais, fotografias frustradas de uma realidade que conhecemos a partir dos seus esquemas imediatos, o resultado seria o da destruição dos propósitos e das utilidades comuns. Para um despojamento dessa natureza, em que o esforço se anula e a disponibilidade se conquista, teríamos naturalmente de partir da essência das coisas, tomando-as pelo que nelas permanece.



A. Lapa: homem sem esforço, sem propósito, sem utilidade

sentado, mas dito por um sinal, já não pertence ao mundo das nossas finalidades, à tragédia do nosso esforço — pertence a um mundo subitamente esvaziado dos conteúdos que nos confortam e que nos balizam o projecto da existência. Tudo se retoma desde o início, desde a construção mais simples, de fora das coisas para o seu interior. Por isso a pintura se faz como um registo primitivo de ac-

ções e o homem nela se medita segundo um pensar diferente, que sugere uma profunda comunhão com o Indefinido, a peregrinação do recomeço, a busca do Todo na essência do imediato.

A pintura de Alvaro Lapa alheia-se portanto das regras do nosso mundo, não vive a preocupação de se fazer identificável nesta sociedade. É uma meditação feita pelos sinais de uma escrita elementar,

que não procura impor-se ao consumo e que reduz o homem à sua disponibilidade inicial. Neste aspecto é paralela à contracção de toda a arte que se renova, num regresso aos princípios da sua formulação. Mas registando apenas, como num livro rudimentar, a trajectória do homem ao recolher-se na mesma operação de despojamento, isto é: de projecto para mergulhar no vazio e aí se reconfirmar.

HIPÓTESE DE INTERPRETAÇÃO

A pintura de Alvaro Lapa, na sua reflexão actual, dá-nos conta de uma experiência que se assemelha ao caminho daquele despojamento, narrando-o na sua solene simplicidade na sua verdade, no seu rigor, na sua inevitabilidade. Não é ocidentalmente analítica como a acção do fotógrafo de «Blow-up», nem reflecte o vazio que por esse método se espelha na consciência. A sombra que nela se projecta, anti-representação de um peregrinar pelo mundo interior do homem, aproxima-se da plenitude das coisas imediatas, tomando-as por isso mesmo fora do tempo e do espaço, conferindo-lhes a essencialidade que sempre se oculta ao julgamento fragmentado que sobre elas, precária e irremediavelmente, exercemos. Nela se retrata a anulação do esforço em que nos reconhecemos comprometidos e nela se figura o despropósito desse existir, portanto a sua inutilidade.

Pela nossa óptica, o que se vê nos quadros sucessivos de Alvaro Lapa não é necessariamente o que eles contêm. Cada frase que os intitula, descrevendo acções ou conceitos, completa, ultrapassando, aquilo que nos é mostrado. Mas a experiência narrada é verdadeiramente intransmissível, está do lado de lá de cada diagrama, fala-nos de um destino que pertence a uma realidade outra, que já não se representa apenas se diz. O homem aqui não-repre-

De novo os autores visitantes

Em relação ao critério seguido na página de artes plásticas deste Suplemento, onde se comentam e se noticiam sobre a hora os factos artísticos correntes mais significativos entre nós, exposição «cinco artistas brasileiros» não deveria suscitar qualquer nota especial. Acontece, no entanto, que ela exprime mais uma vez a irregularidade de uma política de promoção de intercâmbios internacionais, já que o seu baixo nível se divorcia por completo quer da nossa produção mais qualificada, quer dos interesses

didáticos que devem envolver entre nós tais manifestações. Fizemos oportunamente referência a este problema quando da exposição do pintor Manabu Mabe na Galeria Buchholz. Elisabetta, Moacir Andrade, Sérvulo Esmeraldo, Eduardo Inglesias e Edival Ramosa suscitam de novo as mesmas questões, num plano de exigência que deve nortear estas exposições, tanto se processem nas galerias particulares ou nas salas da Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Se descontar-

mos Sérvulo Esmeraldo, cuja experiência é de facto conhecida e se situa numa perspectiva merecedora de atenção, resta-nos o trabalho de Moacir Andrade pela sua ingenuidade e pelo seu enraizamento popular. Mas isto não desvenda um critério suficientemente claro de qualidade, nem um programa, nem uma função desejável no nosso meio. O Brasil viveu mesmo uma experiência actual, no domínio das artes visuais, que não se acerta com a fragilidade de exposições como a que acabamos de referir.



Tunísia: a máquina, auxiliar da educação

Educação em análise

Com «A Educação no Mundo Moderno» prossegue o plano de publicação da Biblioteca Universitária Inova, brilhantemente iniciado com os volumes «O Humanismo no Renascimento», de Sem Dresden, e «O Progressismo na Europa», de David Caute — já referenciados neste suplemento. O volume agora distribuído, n.º 4 da Coleção (sendo o 3.º, ainda não publicado, «A Economia dos Países Subdesenvolvidos», de Jagdish Bhagwati), deve-se a um professor de Economia da Universidade de Brunel especializado no sector do ensino — John Valzey, autor de obras como «A Economia da Educação» e «O Custo da Educação» e consultor da O. C. D. E., da U. N. E., S. C. O. e das Nações Unidas.

Este seu livro agora traduzido (por Virginia Motata) para a Editorial Inova

estabelece a ligação entre o desenvolvimento económico e científico, mostrando que os processos e o conteúdo da educação em cada país se prendem com as circunstâncias da sua evolução económica e social. Assim, é analisada a política educacional de alguns países da Europa (França, Grã-Bretanha, Alemanha, Suécia), dos países em vias de desenvolvimento e das superpotências, Estados Unidos e União Soviética — análise que resulta da aplicação das técnicas sociológicas (já lá val o tempo da exclusiva competência dos psicólogos...) aos problemas pedagógicos, suas estruturas e suas técnicas em constante evolução.

Tal como os anteriores, este volume da «Biblioteca Universitária Inova» surge abundantemente ilustrado, constituindo um valioso elemento de estudo.

EXPOSIÇÕES

GALERIA QUADRANTE Av. Luís Blvar	ANTÓNIO FERRAZ, ANTÓNIO PAIZANA, DAVID EVANS, FÁTIMA, FERNANDO CALHAU, HELENA LAPAS, JORGE NESBITT, VAZ VIEIRA, MARIA BEATRIZ, VITOR POMAR, numa colectiva de grande significado para o conhecimento de autores novos.
GALERIA BUCHHOLZ Rua Duque de Palmela	ALVARO LAPA, narrativa da disponibilidade
S. E. I. T. Palácio Foz Restauradores	BERNARDO MARQUES, a retrospectiva necessária
GALERIA INTERIOR Rua Camilo C. Branco	JOÃO ABEL MANTA, FERNANDO CONDUTO, MARIA VELEZ, CHARRUA, SÁ NOGUEIRA, ANTÓNIO SENA, exposição colectiva permanente.
GALERIA NÚCLEO Pareda	TOMÁS MATEUS *

(*) Ainda sem referência crítica.

NA MORTE DE WITOLD GOMBROWICZ

NA NOITE DE 24 para 25 de JULHO passado morreu em Vence, perto de Nice, onde residia desde 1964, o escritor polaco Witold Gombrowicz. Contava 65 anos e sucumbiu aos efeitos duma gravíssima afeição cardíaca.

Por duas vezes, neste Suplemento, chamámos a atenção para a figura excepcional de Gombrowicz, que foi Prémio Internacional de Literatura (Formentor) em 1967: num artigo do nosso colaborador Júlio Moreira, em 14 de Novembro de 1968, e num texto do próprio escritor («Dante e a cultura anticulturna»), por nós apresentado em 20 de Março do ano corrente. Um conto («Phimor tomado de infância», in & etc..., n.º 5, de 11 de Novembro de 1967) e um romance («Cosmos», apresentado este ano pela Editora Ullisseia, numa tradução de Luísa Neto Jorge), são igualmente pontos de referência — escassos, é certo — de Gombrowicz, em português. Há pois que descobrir (ou redescobrir) a obra admirável, preñe de humor e sagesa «infantilista», truculenta e audaciosa, de Witold Gombrowicz — seguramente um dos mais fascinantes escritores do nosso tempo.



A vida difícil de um exilado

NASCIDO EM 1904, na Polónia, de uma família aristocrática, Witold Gombrowicz muito cedo se consagrou à literatura, depois de ter cursado Direito na Universidade de Varsóvia. A sua primeira obra, um volume de contos, *Memorial do tempo da imaturidade*, sai a lume no ano de 1933, em Varsóvia. A sua primeira peça, *Yvonne, princesa de Borgonha*, em 1935, na revista *Skamander*. O seu primeiro romance, *Ferdynand*, em 1937. Com Bruno Schulz e Stanislas Ignace Witkiewicz, faz então parte da vanguarda literária polaca. As suas obras granjearam-lhe um grupo de fiéis.

Em 1939, convidado a tomar parte na primeira viagem de um novo transatlântico polaco, encontra-se em Buenos Aires, quando rebenta a guerra. Ali ficará até 1963, pois, quando a paz foi restabelecida, não quis reintegrar-se no seu país, que passara então a ser uma «democracia popular».

Da Argentina à França

Começa então uma vida muito difícil para Gombrowicz. É ao mesmo tempo, mal conhecido na Argentina, onde não frequenta os meios literários, posto no «index» na Polónia, pela sua atitude de não alinhamento, ignorado igualmente em Paris, onde a mal-

ria dos meios da imigração polaca lhe faz má cara pelas suas posições não conformistas. A revista da imigração polaca em Paris, *Kultura*, que é também uma casa editora, consentirá, no entanto, em editá-lo.

Mas Gombrowicz não deixa de escrever, trabalhando, ao mesmo tempo, num banco na Argentina. A sua segunda peça, *O Casamento*, é terminada em 1947. Em 1950, *Kultura* edita-lhe o romance *O Transatlântico* (que é hoje o único romance do autor não traduzido em francês). A mesma revista começa, em 1953, a publicar o seu *Jornal* (com 2 volumes actualmente traduzidos em francês: *Jornal 1953-1956* e *Paris-Berlim*). Dois romances, *A Pornografia* (cujo título em alemão e italiano é *A Sedução*) e *Cosmos* seguem, em 1960 e 1966.

Em 1957, a situação literária de Gombrowicz evolui. A favor do «degelo», a Polónia reedita *Ferdynand* e publica *O Transatlântico*. O êxito será tal

(10 000 exemplares em poucas semanas, adquiridos especialmente pela juventude) que o Governo se inquietou. O nome de Gombrowicz volta para o «index».

Contudo impõe-se em Paris, pela mesma altura, *Ferdynand*, que é editado por Maurice Nadeau, na colecção *Lettres Nouvelles* (1), em 1958, obtém um êxito assinalável nos meios literários. É traduzido numa dezena de línguas. Em 1962, segue-se *A Pornografia*.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

fia. E, em 1965, uma recolha de novelas, *Bakakai*.

Todas as suas obras são então traduzidas na Europa e nos E. U. A.

O seu teatro conhece em Paris uma consagração invejável, com a encenação de *O Casamento*, em 1954, levada a cabo pelo argentino Jorge Lavelli (que ob-

teve o 1.º prémio do concurso das novas companhias), e com a encenação posterior de *Yvonne, princesa de Borgonha* (1965).

Em 1963 convidado pela «Fundação Ford» a passar um ano em Berlim, Gombrowicz sai da Argentina. Em 1964, fixa-se na Côte d'Azur em Vence.

O Prémio Internacional de Literatura Formentor de 1967 iria consagrar o seu romance *Cosmos*. E o seu nome desde então, surgia periodicamente na lista dos «possíveis» para a atribuição do Prémio Nobel.

(1) Sete dos livros de Gombrowicz, traduzidos em francês, foram publicados na colecção *Lettres Nouvelles* da Juillard e depois da Denoël. O oitavo, *Jornal Paris-Berlim* apareceu na Christian Bourgeois. Um texto curto: *Sobre Dante*, nas Editions de l'Heure. Finalmente, Dominique de Roux publicou, em Pierre Belfond (1968) *Entretiens avec Gombrowicz*, revistos e corrigidos pelo próprio autor.

Um «c» metafísico

WITOLD GOMBROWICZ desaparece na altura em que a sua obra é conhecida quase mundialmente, uma obra de «c» metafísico, como muitas vezes a têm definido. Desdobra-se por géneros muito diversos: romance, novela, teatro, jornal íntimo. Mas, seja qual for a diversidade dessa obra, possui um eixo que lhe confere poderosa originalidade.

É a invenção despropositada e a *verve* brunasca que a distingue, a um primeiro contacto. De *Ferdynand* a *Pornografia* e a *Cosmos* (os seus romances traduzidos em francês) é todo um entretecer de cenas rocambolescas e loucas, que, à primeira vista, podem desconcertar o leitor. A fantasia preside ao encadeamento de episódios burlescos, que, contudo, se situam num quadro realista, o da pequena burguesia polaca, de cujos ridículos e vícios troça furiosamente.

A inspiração satírica de Gombrowicz é evidente. Mas logo transborda do preciso quadro em que se exerce, para assumir um alcance universal.

É, verdadeiramente, o processo do Homem que aqui se faz com toda a panóplia do sarcasmo, o processo do Homem enredado numa contradição trágica: corre atrás de si mesmo e não pode agarrar-se sem se cristalizar num molde que o deforma; para Gombrowicz, a vida, único valor reconhecido, é, acima de tudo, mudança e multiplicidade. Daí o fascínio que a juventude, a imaturidade, exercem em Gombrowicz. Daí as suas continuas zombarias contra todas estas «goelas» que o Homem é levado a forjar para si próprio, para se reconhecer da sua existência e se fazer reconhecer por outrem. Daí, ainda, a sua virulência contra os sistemas que fabricam coleiras, «cogulizam» o homem e pretendem conferir um sentido a um mundo, que é apenas caos e perpétua fluidez.

Gombrowicz leva a cabo toda esta parte de denúncia que a sua obra, mais destrutiva que construtiva, comporta, misturando o louco ao obscuro, para melhor libertar as consciências dos seus preconceitos. Os seus romances e as suas peças assumem, na maioria das vezes, o carácter de farsas, e a sua linguagem pulverizada, na narração romanesca, mistura, sem obscuridade, descrição, monólogos interiores, fragmentos de diálogos altamente cómicos.

A modernidade deste pensamento e deste estilo chocam. De facto, Gombrowicz surge, muitas vezes, como precursor, e ele próprio não se colbia de dizer que foi existencialista antes de Sartre e «formalista» muito antes dos autores do novo romance, que ele muito desprezava. Este formalismo pode surpreender neste algar das máscaras e dos sistemas. É

ele, no entanto, que guia o artista na construção das suas obras, onde tudo se organiza segundo uma rede de ecos e de correspondências. Basta que nos lembremos de *Cosmos*, o qual parecia alicerçado numa série de enforcamentos. A construção «formal» proporciona, simultaneamente, o fio de Ariadne e as guardas àqueles que repelem qualquer ideia sobre o homem e a vida.



«O eu e o me, eis as duas palavras mais importantes da linguagem humana». Esta declaração de Gombrowicz situa a sua obra do lado de um individualismo altaneiro, que os detractores muitas vezes lhe censuram. A si mesmo se escolheu contra todos os alistamentos e todas as revoluções. A última «revolução de Malo», que, no entanto, tinha certos pontos comuns com o seu pensamento em revolta contra o «establishment», qualquer que ele seja, encontrou nele um severo juiz.

Por detrás destas tomadas de posição arrogantes e destes furores de iconoclasta, uma paixão se afirma, no entanto: a do homem nu, liberto dos conformismos, das alienações, dos artificios. É essa paixão que devemos procurar sob a visão grotesca do mundo e a *verve* insólita deste «contestatário».

JACQUELINE PIATIER

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

A poesia portuguesa em França

Alcides de Campos, colaborador deste suplemento, propõe-se traduzir para francês alguns poetas portugueses modernos. A informação veio-nos através de pessoa fidedigna.

Não sabemos o alcance do empreendimento. Tratar-se-á de uma antologia? Se assim é, e dadas as boas relações que se adivinham entre Campos e vários editores parisienses, estaríamos diante de uma notícia sumamente agradável. Porque a verdade deve dizer-se: pondo de parte o caso de Fernando Pessoa, que encontrou em Armand Guibert um tradutor apaixonado, e ressaltada também uma pouco divulgada antologia ibérica (mais espanhola do que portuguesa) de poesia dita «de combate», o que pode comprar-se nas duas margens do Sena é pouco e cheira a subproduto.

Recordamos a propósito esta experiência sintomática: na livreria La Hune, instado a apontar poetas portugueses acaso traduzidos, um vendedor foi desencantar os *Poèmes Impartais* de Joaquim Paço d'Arcos e a *Rosa rosae* de Mercília de Lemos. E imagine-se onde: na colecção «Autour du Monde», das edições Pierre Seghers, que em princípio recolhe os mais famosos e importantes poetas estrangeiros.

«Nous irons à Lisbonne»

Leitores (portugueses) de poesia francesa talvez não identifiquem à primeira tentativa o autor destes versos:

«Que Lisbonne est jolie.
la fumée des vapeurs
sous la brise molle
prend des formes de fleurs.

Nous irons à Lisbonne
âme lourde et cœur gai,
vous que nul ne pardonne,
l'ionne rousse aux aguets.

Nous irons à Lisbonne
âme lourde et cœur gai,
cueillir la belladone
aux jardins que j'avais.»

Damos a chave: trata-se de Robert Desnos (1900-1945), companheiro de Eluard, Crevel, Breton, Péret, Aragon e Tzara nos tempos que vão do Dadaísmo ao Surrealismo, trágicamente morto no campo de concentração de Terezine, Checoslováquia, dias depois da fuga dos S. S., quando as forças aliadas procuravam salvar alguns casos extremos de depauperamento (passe o eufemismo). Os versos acima transcritos fazem parte de «Siramour», poema de abertura do volume *Fortunes* (1942), agora reeditado em formato de bolso pela Gallimard e já à venda no nosso País.

Novas profissões

Num número recente do «Le Monde» fomos tomar com este saboroso anúncio a uma coluna: «Antes de submeter o seu manuscrito a um editor peça a opinião de



Jean Damien. Rua Montorge, 10, Grenoble 38. Todas as informações após recepção do cartão de visita». De onde a primeira condição para o êxito — publicar (em edição do autor) o apreciado cartão que se deixa na salva de prata dos funerais.

Krzeza

Com uma tiragem inicial de 50 mil exemplares foi lançada em Junho na U.R.S.S. a tradução do romance *O regresso de Filip Latinovic*, de Miroslav Krzeza, autor jugoslavo que os Livros do Brasil revelaram entre nós na extinta colecção «Miniatura». Krzeza estava interdito (em russo) há uns bons trinta anos.

Quem espera por sapatos de defunto morre descalço

entrevista com João César Monteiro
conduzida por Lauro António

JOÃO CÉSAR DOS SANTOS — João César Monteiro: da crítica para o cinema. O salto ficou assinalado por uma curta metragem da série *Artes e Letras* que o produtor Ricardo Matheio iniciou este ano para a *Cultura Filmes*. «Sophia de Mello Breyner Andresen» foi o tema escolhido. O filme (que permanece ainda desconhecido do público) foi apresentado em sessão particular e constituiu uma surpresa assinalável. O crítico furiosamente ortodoxo (de uma ortodoxia que vem de André Bazin e cristaliza nos *Cahiers du Cinema*), o «terrorista intelectual» que foi, e continua sendo, nos escritos dispersos pelo *O Tempo* e o *Modo*, revela-se agora um homem frágil e nervoso, aqui e ali esquivo, perturbado e perturbante.

O seu cinema está muito mais próximo desta sensibilidade filigranada (que a si própria se reivindica portadora de um certo olhar aristocrático), contrastada, pedante por vezes, *blagueur* e provocatória na generalidade. Para além das palavras (que sabem mentir) descobrem-se os homens e as obras que, quando assumidas em sinceridade, nada mais conseguem dizer senão da sua própria verdade. Por isso é possível (e coerente) conhecermos dois João César: o panfletário intolerante e o quotidiano convivente da *Gráfina*.

Agora que João César Monteiro filma os primeiros planos de uma nova curta metragem, esta de ficção, feita ao sabor do acaso e do improviso planificado (e do dinheiro angariado por alguns amigos-admiradores incondicionais), surge a oportunidade para a conversa pública habitual (conversa que nós quisemos o menos habitual possível). Assim, frente ao gravador, falou-se de cinema durante hora e meia. Perante a fita castanha que lentamente se rebobina impressionada, João César Monteiro foi-se revelando, igual a si próprio: hesitante e temeroso, sempre à procura da palavra julgada exacta e logo a seguir sentencioso, definitivo, provocador. O resultado do que foi gravado (depois de retocado por ambas as partes intervenientes) aqui fica.

LAURO ANTÓNIO

L. A. — Antes do mais: porque é que muda ciclicamente de apelido? Ora é Santos, ora Monteiro...

J. C. M. — Deve ser um problema de instabilidade onomástica. Ou talvez seja o complexo de Édipo que comande tal estranheza.

L. A. — Você fez um filme sobre Sophia de Mello Breyner Andresen. Esse filme não era construído segundo os tradicionais moldes do documentário biográfico. Em vez de documentar um escritor e uma obra, preferiu conviver com a pessoa, perseguir a sua vida quotidiana, captar-lhe os olhares, os gestos, as inflexões vocais. Porque escolheu esse tipo de abordagem?

J. C. M. — Porque foi o único que Sophia consentiu. De resto, o Ricardo Matheio não tinha possibilidades de pagar a um realizador que levasse meses a preparar o filme. Tratava-se de filmar rapidamente, com um mínimo de aparelhagem técnica e um mínimo de gastos, portanto. O meu filme foi o mais barato da série e o mais rapidamente concluído. Para satisfazer essa urgência de produção tive que me decidir pelo improviso integral. Pensei mesmo intitular-lo «um improviso sobre...»

L. A. — O Manuel Guimarães deve ter tido idênticas condições de trabalho e, no entanto, preferiu um tipo de documentário ilustrativo da obra do autor. Você e o António-Pedro Vasconcelos preferiram uma outra via...

J. C. M. — A minha é uma via estreita onde mais ninguém cabe, além de mim.

L. A. — Parece-me que não está a perceber a minha pergunta. O que eu queria saber é se fez o documentário sobre a Sophia acreditando que o processo



J. C. M.: uma via onde só ele cabe...

utilizado é o único possível ou se foi obrigado a aceitá-lo em função das condições de produção.

J. C. M. — Tenho uma terrível dificuldade em perceber perguntas, mas juro que não é por mal. É de nascença. A Sophia estava a banhos no Algarve. Telefonei-lhe a perguntar: «Minha senhora, posso ir aí filmá-la?» e ela respondeu: «Pode, pode!». Filmei-a nos lugares por onde ela andava.

L. A. — E ao filmá-la pelos lugares onde ela andava pensou construir algo de significativo sobre a personalidade da escritora?

J. C. M. — Francamente, penso que não. Não consigo em mim o luxo dessa pretensão.

L. A. — Todavia, ao nível da montagem o seu filme pressupõe um grande trabalho só possível de empreender se, durante as filmagens, tivesse existido uma planificação mental. Vou ver se consigo explicar-lhe melhor: você ilustra sem referência directa determinados poemas de Sophia. Apresenta objectos e ambientes que, de algum modo, se encontram estreitamente ligados ao mundo de Sophia. Estou a lembrar-me de uma âncora a que é dado um peso próprio dentro do filme e aparece aparentemente desgarrada. Ora você já me tinha dito que essa âncora tem um significado muito especial para Sophia. O mesmo direi de algumas imagens um tanto inesperadas (um plano com um caranguejo, uma sequência num mercado de peixe, etc.) e que para quem conhece o universo poético de Sophia sabe corresponderem a momentos importantes do seu itinerário.

J. C. M. — Sim? Não fazia a menor ideia. Desconheço o itinerário de Sophia e ao rever o filme só encontro sinais do meu. O que me interessava era recolher uma certa quantidade de material bruto (filme como um bruto) e depois tentar organizá-lo significativamente na mesa de montagem. Se há um significado na estruturação dessas imagens, é um significado a posteriori.

Por outro lado, não posso saber até que ponto uma longa e pensada preparação me ajudaria qualquer coisa. Improvisar quer dizer que o pensamento é contemporâneo do acto de filmar. É como com os filhos. Só que umas vezes resulta e outras não. Há, no entanto, uma coisa a reter: no instante de filmar não se pode (quero dizer: não se deve) tratar a Sophia como um objecto filmico. Seria obsoleto dirigí-la como se dirige uma actriz, se bem que ache que ela nada de um modo tão elegante como a Esther Williams. A Sophia é



João César e Luís M. Cintra: primeiros passos dos sapatos de defunto

uma mulher extremamente bela, uma deusa grega que se passela solenemente num mundo antigo e inviolado e eu gostaria imenso de rodar um filme em que ela não fosse o assunto, mas parte dele como personagem de ficção. Num filme com as características do que fiz, o realizador deve tomar o par-

tido das coisas e tentar situar-se no plano puro da descrição objectiva.

L. A. — Nota-se precisamente a intenção de libertar a Sophia, de a captar em liberdade...

J. C. M. — Exactamente. Nos planos com som directo em que o discurso de Sophia ou da Maria não foram preparados, houve o

cuidado de não repetir as tomadas de vista, apesar de algumas deficiências no trabalho de câmara. Porém não fazia sentido obrigar as pessoas a tentarem reconstituir aproximadamente o que já tinham dito.

L. A. — Você prepara

(Continua na página seguinte)



«Quem espera por sapatos de defunto morre descalço»

visto pelo autor

«Tudo o que é interessante passa-se na sombra, decididamente. Não se conhece nada da verdadeira história dos homens.» — L.-F. CÉLINE

QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO tem 14 cenas e pode (não deve) dividir-se em duas partes, compreendendo sete cenas cada. A primeira parte diz respeito às dificuldades sentimentais e financeiras de Lívio, à ajuda que um amigo, Mário de seu nome, lhe dá para, de um modo rápido e engenhoso, arranjar meia dúzia de tostões com que fazer face (e fogo) às inevitáveis despesas de um encontro com Mónica, uma jovem estudante de Letras por quem está (ou julga estar) deveras apaixonado. Um fragmento musical (Webern) liga a primeira parte à segunda que, entre outras coisas, se refere ao não-sentido (ou ao sentido nunca revelado?) do encontro, ao asfixiante mal-estar que entre ambos cresce à medida que o tempo se escoa, à desrazão de Lívio que progride na razão inversa do progresso da razão de Mónica.

Filme opaco. Secreto como uma concha. Parafraseando Rimbaud poder-se-ia dizer que «de vrai film est ailleurs». O que se pretende filmar não é tanto o filme, como o seu reflexo. Obscuramente — comum num espelho. E, pois, face ao espelho que Mónica, pela palavra reflectida, desmascara o seu jogo no desmascarar do de Lívio e, pela palavra, se liberta. A palavra aqui é opção moral, consciência nua, asunção da verdade. O olhar de Mónica (ou do seu duplo) para Lívio ausente e expulso da imagem (o verdadeiro filme está «off», para além da ilusão do «écran»), insere-se num movimento de fascinação e repulsa que continuamente organiza o seu debate interior. A descoberta do seu olhar? A descoberta do próprio filme, «of course».

Filme transparente. Aberto como um pássaro. Tentemos outro modo de lhe auscultar o movimento misterioso e vago. De que se trata, afinal?

Mário, que vive (a título provisório) de expedientes, é abordado por Lívio que (suspeite-se!) para conservar intacta a sua extrema pureza, se socorre dos expedientes do amigo. Lívio está (ou julga estar) deveras apaixonado, etc...

Evidente que Mário não se queixa, não receia a vida: vive-la. Evidente que, tal como Mónica, é contido capaz de generosidade e de amor. A prova? Oh! a prova está em 24 fotogramas por segundo. Por ora, basta aceitar que tanto Mário como Mónica, seja através da solidariedade, seja através da renúncia pura e simples, se comportam em relação a Lívio da maneira

que pensam ser melhor para o ajudar. Numa palavra, honestamente.

E Lívio? Lívio, o parasita, tanto pode viver à custa de Mário como de não importa quem. Mas não de não importa quem. A sua tragédia é a da linguagem sem objecto e nos objectos constantemente estilhaçada. Ele é bem (e Mónica verifica-o) a carne-viva de uma duplicidade que o impede de penetrar a vida e o força (no sentido totalitário do termo) a arrostar a sina de uma impotência que, confusamente, se pressente a vários níveis e, talvez, esteja também entranhada no próprio movimento do filme.

Conheço alguém, cujo espírito por vezes se ilumina, que disse que o cinema é a síntese dialéctica entre o teatro e a vida. Em favor de Lívio, propiciemos a intrusão do chamado golpe de teatro afirmando que «la vraie vie est ailleurs». A acreditar nisso é preciso votarmos-nos à incómoda, arriscada tarefa de rever tudo desde o princípio, aceder ao permanente salto mortal de nós mesmos.

Digamos, para simplificar o conforto deste espaço que Lívio só poderá reconciliar-se consigo próprio em termos estéticos; só a criação poderá compensar a sua extrema fragilidade e restituir-lhe a «voz canora», o olhar de Orfeu. É verdade: li Blanchot, de passagem.

A partir daqui, não é difícil pressentir que, antes do mais, eu gostaria que este filme fosse uma forma de aprendizagem do duro ofício de viver, isto é: de filmar. A sua estrutura não pode tomar a figura de um círculo porque a sua respiração é mais do que necessário um final aberto, isto é: livre e exactamente «ilikiano».

Outra coisa: não se trata de uma autobiografia, apesar de eu ser dos que acreditam que «la vraie vie est ailleurs». Talvez acredite à maneira do Stravogine, mas acredito apesar de tudo. Afinidades electivas? É possível, mas não é isso que interessa agora. O que interessa é que se, por acaso, eu emprestar a Lívio alguns dos meus gestos, bem assim como uma horrível timidez, isso dever-se-á exclusivamente ao facto de precisar de não o sentir muito estranho. A excessiva familiaridade podia, por seu turno, ser prejudicial. O cinema talvez seja apenas a procura da distância mais justa entre dois olhares — a distância do olhar que nos olha, o que corresponde à distância de conhecermos como somos conhecidos.

Finalmente, se fosse caso de recorrer ao percurso da história do cinema a um padrão (ou um patrono?) que pudesse nortear este empreendimento, recorreria ao «Pickpocket» de Robert Bresson que, entre nós, se chamou «O Carteirista».

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

Entrevista com João César Monteiro

(Continuação da pág. anterior)

presentemente uma média metragem de ficção (*Quem espera por sapatos de defunto morre descalço*) que parece não reflectir os mesmos problemas postos em relação ao documentário sobre Sophia.

J. C. M. — É o meu primeiro filme de autor de cinema.

L. A. — Em princípio esse filme destinava-se a fazer parte de um filme de episódios dirigidos por si e outros colegas seus. Eu próprio cheguei a anunciar o projecto no «Diário de Lisboa». Se bem me lembro intitular-se-ia *Muito sofre quem ama e agruparia* o António Pedro, o Seixas Santos, o Tropa, o Matos Silva, você e o Jorge Silva Melo. Soube depois que o projecto estava paralisado. Só você continua extraordinariamente empenhado nele. Porquê?

J. C. M. — Prefiro contornar um pouco a sua pergunta e começar por dizer que neste momento a minha situação é a de um senhor que já fez um filme que, de um modo geral, tem sido alvo de grandes encómios por parte da crítica e de um público ilustre e bem-posto. Ora, neste País, não há autor que resista a tantas ternuras reunidas e, para mim, é um tanto incómodo ser alvo de uma consagração que embora justa, se me afigura excessiva. Nestes casos, manda a prudência que o realizador adormeça à sombra dos louros e se passele para trás e para diante. Acontece que não estou disposto a passar o resto dos meus dias com a Sophia às costas e, portanto, preciso de arriscar novamente a carreira. *Dangereusement jusqu'au bout*. Assim sendo o meu empenho é fazer já o melhor filme português de todos os tempos.

L. A. — Acha que é capaz?

J. C. M. — Duvida? É certo que há a sombra da Abelha a pairar no próximo Inverno, mas é um prazer perder com o Fernando Lopes. Ele conhece a nobreza do boxe.

L. A. — Falando de dificuldades, quais foram as maiores?

J. C. M. — Sempre as dificuldades da escassez metálica e sonante.

L. A. — Você não tem um produtor para este filme?

J. C. M. — A produção é gerida pelas pessoas que nele intervêm e os lucros (duvidosos) serão repartidos de acordo com o trabalho de cada um. Parece-me justo. Houve um grupo de pessoas amigas que arranjaram uns tostões e os reembolsos têm obviamente a prioridade. Já se comprou parte da película, o Ricardo Malheiro tomou a responsabilidade das despesas de laboratório, mediante condições especiais de pagamento e o Fernando Lopes prometeu umas caixas de negativo Ilford Mark V.

L. A. — O filme está prestes a ser iniciado?

J. M. — Quando isto sair já devemos ter começado. Tenciono despachar todos os interiores até meio de Agosto e deixar os exteriores para o próximo Inverno. Além de que o dinheiro não chega para fazer tudo agora.

L. A. — Estão, portanto, à espera de mais algumas achegas. Têm alguma ideia a propor a alguém?

J. C. M. — Se se tratasse de uma ópera pediria um subsídio à Fundação Gul-

benkian. Infelizmente nem sequer sei solfejo. Logo: não tenho a menor ideia. As pessoas que entraram nisto são jovens universitários na sua maior parte e em situação de dependência familiar. Assim sendo, o investimento que fizeram repercute-se sensivelmente nos seus gastos diários e obriga-me a uma terrível responsabilidade — a de fazer um filme com a estatura deles.

L. A. — Quais os seus colaboradores na parte técnica?

J. C. M. — O operador, o Manuel Costa e Silva, é o único profissional por ora, além de mim. Há o Jorge Silva Melo que funciona como director de produção e meu assistente. Espero que quando ele, um dia destes, fizer um filme me convide para idênticas funções. Há o Denis Cintra, que começou agora como assistente do operador, a Margarida Soromenho como anotadora e o José Júdice que trata da gravação do som de referência. Os actores são o Luís Miguel Cintra, a Paula Ferreira, o Carlos Manuel Ferreira, a Antónia Brandão, o produtor Ricardo Malheiro



e uma menina que ainda não descobri. É uma equipa extremamente jovem e entusiástica — o que é divertidíssimo porque ninguém acredita que os meninos possam fazer cinema como as pessoas crescidas.

L. A. — A escolha de actores não profissionais terá sido ditada por razões de ordem económica?

J. C. M. — Se a produção fosse desafogada, escolheria a mesma as mesmas pessoas. São pessoas com quem me dou extremamente bem. Nunca recorreria a actores profissionais porque não vejo nenhum que se pudesse ajustar com as personagens de que necessito e como se trata de um tipo de interpretação muito despojada, talvez que pessoas com qualidades de actor me fossem contraproducentes. O Luís Miguel, em quem penso depois de ter visto *O Anfitrião* é, aliás, o único que as tem e o único que necessita delas porque encarnará uma personagem que, as mais das vezes, está a representar.

L. A. — Passemos a algo de diferente: a maioria dos seus colegas de ofício tem grandes dificuldades na realização não só de filmes de fundo, mas também na realização de curtas-metragens. Há vários que tentam a primeira curta-metragem, mas a um nível caseiro, chamemos-lhe assim. Um tipo de produção particularíssima: economias próprias, colaboração amiga e desinteressada, actores não profissionais, etc. As dificuldades desses recém-chegados são inúmeras até porque se arriscam a não ter distribuidores e exibidores interessados nas suas obras. Que pensa deste caso?

J. C. M. — De certa maneira é o meu caso, mas é o meu caso com uma subtil diferença. Eu sei à partida que regra geral este tipo de empreendimentos são de duvidosa rentabilidade. E sendo de duvidosa rentabilidade, não podem interessar distribuidores e exibidores que são pessoas para quem o cinema se põe em termos de rentabilidade. Logo: não corro o risco de levar com os pés de um manhoso negociante. Prefiro ser eu a negociar, mas só posso fazê-lo devidamente se o produto a negociar tiver uma qualidade que o ponha ao abrigo das elocubrações do primeiro negociante da esquina.

L. A. — Fala-se de uma cooperativa de cineastas financiada pela Gulbenkian. Em que medida poderia ela obstar a que esses problemas deixassem de existir?

J. C. M. — Uma cooperativa de cineastas não pode garantir a modificação de

um tipo de estruturas que não têm um carácter local e circunscrito ao cinema. Pode (e deve) participar nessa modificação, mas nunca poderá fazê-lo por si só. Portanto, uma cooperativa de cineastas não obsta a que...

Além disso, como não fui convidado a fazer parte da cooperativa o assunto não me diz respeito. Pergunte ao Artur Ramos que é uma pessoa de bem.

L. A. — Perante isso, não vê por aí grandes soluções...

J. C. M. — É claro que vejo. Assim que um realizador português fizer obra de grande qualidade, acredito que os mercados internacionais lhe abram as portas. O Fernando é capaz de conseguir isso. O Paulo também. O António-Pedro e o Seixas, talvez. Os restantes, com toda a certeza, mas na qualidade de macacos de feira.

Estou a ver as crianças de aqui a alguns anos a olharem para os filmes desses senhores e a dizerem às mães: «U! que filme tão feio!» É preciso contar também com aqueles a quem não deixaram tocar ainda num metro de película. As vezes há grandes surpresas e, para mim



o cinema deve ser feito por todos. A maior parte dos novos realizadores portugueses já começam aos 30 e poucos anos a ter medo de que apareçam tipos mais novos. E é curioso que sejam precisamente aqueles que não sabem ligar dois planos.

L. A. — Tem algum filme de fundo na manga?

J. C. M. — Tenho, mas não tenho pressa. Tenho que fazer mais umas coisas, antes de me meter nisso. De qualquer modo «Os sapatos» é um filme de fundo condensado. Como um leite. Ou como um tecido que encolheu.

L. A. — Parece-me que a fita está a acabar...

J. C. M. — E tudo isto está um caos. Este aparelho aqui nas minhas barbas intimida-me. Além de que o calor...

L. A. — Vou ver se consigo organizar o caos na montagem.

J. C. M. — E quem é que organiza a montagem na montagem do caos?

LAURO ANTÓNIO

NÃO VIAJE PELA VARIG

É muito melhor comer uma sanduíche e tomar um sumo a bordo.

Depois, é gastar dinheiro e tempo num restaurante do ponto de destino. Nem valeu a pena sair mais cedo.



VIAJE PELA

VARIG

Linhas Aéreas Brasileiras

E almoce (ou jante) a bordo.

Os horários da VARIG sempre coincidem com as horas das refeições. Você chegará ao seu destino bem alimentado (o serviço da VARIG é magnífico, todos sabem) - e a passagem afinal de contas ter-lhe-á custado o mesmo dinheiro. Viaje civilizadamente. Pela VARIG.

Luís Veiga Leitão

(Continuação da 1.ª página)

dra mudada (que) não cria mungo.

DL — Como é vista a literatura portuguesa contemporânea no Brasil?

LVL — Tirante os entendidos da língua, por obrigações de ensino (e nem todos), a quase totalidade desconhece-nos. No que diz respeito aos nossos poetas, a grande maioria ilustrada quedou-se em Fernando Pessoa. Até ao ponto de alguém me dizer: *Depois do autor de «Ode Marítima», não vale a pena ler mais poesia portuguesa*. Como se a mina se tivesse esgotado. Como se a poesia não fosse uma construção de todos, maiores e menores.

No intuito de tornar conhecidos os demais poetas e escritores, consegui, por

intermédio de Odylo Costa Filho, Prof. Gilson Amado, a quem o Brasil muito deve nas promoções culturais, escritor Umberto Peregrino, dinâmico director do Instituto Nacional do Livro, um breve programa na TV, canal 9, a partir de Agosto. Isto, além de palestras e cursos nas Faculdades de Letras, sobretudo em Niterói, graças aos professores Jamil e Maria Antónia Botelho.

DL — A seu ver quais as possibilidades de um mais íntimo conhecimento dos escritores portugueses no Brasil?

LVL — Entre várias, ocorre-me, sugestão de amigo, uma extensiva distribuição de obras nossas, oferecidas pelos editores portugueses, coordenadas por um organismo apolítico, sito no Rio,

e a endereçar aos professores de Língua e Literatura Portuguesa nos Colégios (Liceu) e Faculdades de Letras. Agora conferências, colóquios entre escritores de ambos os países, com subsídios dos governos respectivos ou de instituições, animados de um grande espírito de isenção — o que me parece bem difícil. Nunca a cultura foi mais premente do que numa época como a nossa, em que o homem, pela primeira vez na História, tomou consciência dos perigos da sua alienação. Os que pensam ao contrário, caminham numa espécie de suicídio inconsciente. Ou, então, inconscientes, alimentam unicamente a sua precária dimensão biológica. Não nos esqueçamos que os termos planetários equacionam o nosso tempo.

Jack Gelber

(Continuação da 1.ª página)

criticando o distanciamento do seu próprio papel. Algo como um Antoine, revisto por um brechtiano encenador de Pirandello.

No texto de Gelber, Godot chegará por fim. A «connection», isto é, aquilo que estabelece um contacto, que funciona como intermediário, surgirá na pele de um negro, portador da droga para o grupo que longamente esperou. Leach, um dos «actores», ultrapassa a dose habitual e desmaia em cena. Restabelecida a calma — na sala e no palco — o «autor» que, entretanto, repetidas vezes protestara contra as alterações que os actores intrinsecamente ao seu texto, verificará, numa amargura e final impotência, que o incidente da cena havia totalmente escapado à sua direcção. O mesmo viera sucedendo com os improvisos do quarteto de jazz que no meio do grupo pontuou os silêncios de que a obra se recheia.

Presente em todo o espectáculo a exploração da metafísica do jogo, da pirandelliana dialéctica entre o objecto e a imagem, o ser e o parecer, ou, na mais puida das fórmulas, entre a vida e o teatro.

Dissemo-lo atrás e repetimo-lo: é difícil a um público habituado, ao menos pelo triste sucedâneo da leitura descritiva, a experiências de uma bem diferente audácia, conceber hoje o impacto de crueldade que o espectáculo do «Living» provocava. O espectador, perdido no complexo jogo do improviso paralelamente verdadeiro e fingido, empenhava-se na totalidade do seu ser numa acção perante si representada e «sentida», por um modo em que a via racional não seria a dominante, a sua condenada participação no espectáculo da cena. Corporizava-se a arcaica concepção de um teatro — libertação colectiva de um mal comum, pelo caminho — parafraseamos — de um cósmico rigor, de uma irremediável necessidade a que se chamou cruel.

Mais tarde, «A Maça», escrita proposadamente em Dezembro de 61, não conseguirá reeditar o êxito da primeira peça, que durante três épocas se mantivera no cartaz e havia sido objecto de uma transposição cinematográfica, obra de Shirley Clarke.

Muitas das inovações autênticas do cadinho experimental que é «The Connection» surgem como receitas em forma de clichés na nova peça. Um dos pontos em que esta evolução se torna particularmente visível é na modificação operada no papel da criação livre do intérprete. Da margem — curta, embora, mas determinante — de improvisação por parte dos actores e dos «jazzmen» saltamos para o fingir de uma improvisação que o autor exclusivamente se reclama. O jogo do «teatro no teatro» torna-se ingénio e gratuito, a agressão a que o espectador é sujeito passa da categoria de uma invenção libertadora a de um achado que se explora pelo seu efeito de espanto, frágil e caduco, só eficaz perante um público de tal modo petrificado que apenas ao nível mais imediatamente epidérmico pode sofrer o arranhão, a violência, a dor.

O título original — «The Apple» — recobre uma pluralidade de significados que, fundindo-se uns nos outros, progressivamente se destroem. No calão do mundo do jazz, «Apple» é Nova Iorque, a metrópole autêntica da música afro-americana e, da junção com o significado primeiro, resulta a ambiguidade equívoca



«The Connection» (J. Gelber) na versão do Living

estabelecida entre o sentido de «o que se come» e «o que nos come, nos destrói». Constante, de qualquer modo, a ideia de um acto de destruição, cujo enunciar puro e simples importa mais do que a determinação do sentido em que se opera. «Apple» é também, na reminiscência bíblica, o objecto de cobiça, o que se mura de proibições por sobre ele incidir o mais inconfessado desejo.

No plano temático, «A Maça» oferecia um belíssimo pretexto de peça, uma visão nova — mas não explorada até às últimas consequências que essa mesma novidade acarretava — de uma situação dramática clássica: a intrusão, dentro de um complexo estruturado, de elementos que lhe são estranhos e que, pela sua acção, ou por uma mera presença catalítica, virão provocar o aniquilamento do equilíbrio inicial, deixando atrás de si a ruína e o início de uma nova ordem a estabelecer. O bêbedo e o falso epilético rompem a equívoca e complexa trama de relações em que o grupo de «actores» se aninha e revela-os na mais visceral nudez, na sua incompatibilidade íntima, no profundo desajuste que entre todos finalmente reina, uma vez cansados todos os jogos.

Da variávelmente lúcida consciência de uma inação inelutável entre os elementos do real brota uma fuga ao desespero, ou, melhor talvez, uma fuga dentro do desespero, que se traduz num jeito brincado de existir, numa especial qualidade de humor que a encenação portuguesa incompreensivelmente cilindrou, eliminando a ossatura de um conjunto a que só restou o ruir. Um buscado rigor no riso, que só por momentos aflora — e sempre com um sabor de acaso ou por virtude da especial e desaproveitada propensão histeriônica de um comediante — teria de constituir a nota formante do espectáculo. O que nos é dado ver em Cascais — onde os actores proclamam decorrer a acção da peça — transmite-se em diferentes registos de outras ondas...

... A propósito: e para quando um teatro português (para o que não bastará nem será sequer condição necessária, que o seu autor o seja)?

J. A. OSÓRIO MATEUS

Maria Judite de Carvalho



Maria Judite de Carvalho: uma sábia e vigilante amargura

(Continuação da 8.ª pág.)

dianete de uma intriga linear, limpa de acidentes, o certo é que todos os meandros os labirintos que constroem o universo pessoal dos protagonistas em acção constituem um devir, um atalho para a surpresa final. Este livro de Maria Judite de Carvalho, provavelmente um dos raros paradigmas novelescos nas letras portuguesas actuais, é o que deve chamar-se uma obra-prima.

Não só ao nível da sua espantosa capacidade de revelar aos outros as tensões humanas, mas também, o que não é menos importante, ao nível da sua técnica literária, que nela é o estrato onde identificamos uma das mais notáveis escritoras de língua portuguesa. Pense-se, por exemplo, no título, faça-se a relação como o mundo interior da protagonista e o seu mundo exterior de gerente de uma loja de móveis antigos, associe-se a isto uma forte dose da inutilidade última das pessoas e dos objectos, e estaremos entendendo a dimensão existencial da autora, da sua fina arte de desenhar as intersecções onde as coisas tocam os significados vitais. Até para isso são precisas as palavras poupadas.

A narradora que conta a história de Dora Rosário situa-se na difícil posição do narrador que tudo sabe dos outros e muito pouco sabe de si. Uma história contada, portanto, na 1.ª e na 3.ª pessoa simultaneamente, o que é cómodo e incómodo para o leitor, que se vê forçado a descobrir os enigmas, não de Dora Rosário, mas de outra personagem que avança paralelamente nas linhas da narrativa: Manuela vem ao livro contar uma história que não é sua, mas vai-se implantando nela tão necessariamente que quase compromete a nossa vigilância sobre Dora Rosário. Qual delas deverá polarizar a atenção do leitor? A heroína principal ou a heroína secundária? Eis uma pergunta a qual é difícil responder. Para o leitor comum é, sem dúvida, Dora Rosário quem capitaliza a aventura principal, mas não devem esquecer-se os sublinhados de sua amiga Manuela.

Os Armários Vazios são uma história de dentro pessimismo, como aliás todas as histórias da autora, onde pobres mulheres se afundam em respeito o egoísmo dos homens. Dora Rosário não foge à regra, até ao momento da sua re-

fracção pessoal. Mas esta refracção, que é o m. nuto em que decide voltar ao mundo dos homens (Ernesto Lage em questão), é tão-sómente para cair noutra ratoeira de egoísmo. As mulheres de Maria Judite de Carvalho não têm emenda, não rompem o código permanecem na fronteira do acessível sem esperança, aguardam inermes a passagem dos dias. Isso reflecte-se no estrato literário, que também não rompe a probabilidade a que estamos habituados. Claro que não é este aspecto um «capitulum diminuto» da obra de Maria Judite de Carvalho. Pelo contrário, significa que, ao lê-la, devemos empreender uma leitura específica uma abordagem onde conflua a nossa própria experiência e os enigmas propostos pelo corpus literário. Estaremos assim diante de uma literatura temática, existencial, pois não encontraremos nesse corpus os sinais metafóricos da reinvenção do mundo.

Flores ao Telefone, o mais recente livro da escritora, como se disse, agrupa nova série de pequenos contos (excepção feita a «A Que Fora Querida») onde se pode imediatamente detectar um apuro na avaliação e selecção dos sentimentos exibidos pelos participantes das breves aventuras. Mais do que nunca, a conduta dos mesmos é frágilmente humana ou talvez fosse melhor dizer, é a do desespero diante da fragilidade das soluções que restam ao homem — neste caso, a mulher, pois Maria Judite de Carvalho jamais abdica de perfilar um mundo feminino onde os homens só cabem como fabricantes de agruras. Lembrem-se aqui Flores telefonando em aflição a todos os que em alguma coisa partilharam da sua vida: Adelaide, a mulher que acreditava demais; a mulher sem nome que escreve uma «Carta Aberta à Família»; Ofélia Branco, quarentona rica, requestada e arruinada por um espertalhão e exemplar; «a-que-fora-Querida», notável excepção à regra, que depois de traída nem por isso perdeu a hierárquica postura de quem dissolve as emoções no conforto de uma bela casa; e finalmente a ressonância de Alma, a quem o marido não deixou que embelezassem o nariz por-

a infeliz arte de ser mulher

Quando ao processo de contar, a autora nada mudou, felizmente, em *Flores ao Telefone*. É o mesmo de sempre, com as mesmas palavras-roteiro incessantemente evaporando o perfume acre do irremediável, essência verbal que não é possível, dissociar da problemática. Parece no entanto, necessário sublinhar aqui o «modus narrandi» do conto «Carta Aberta à Família», cujos dois planos sobrepostos não seriam tanto para evidenciar se um deles, o da carta não fosse tão concentradamente intercambiada obsidiana. O presentes banalidades implantadas no outro No plano da carta, a narração transfere-nos com intensidade inusitada a vida de uma mulher não acomodada à significação de um nome que se lhe não grava no rosto, que se lhe não dissolve no sangue — ser ou não ser Cercal, eis a questão do conto.

Em todas as histórias de *Flores ao Telefone*, a dialéctica de dois tempos é lenta obsidiana. O presente condicionado pelo passado, reagindo ou tentando corrigir aquele. A interferência do passado é onipotente. Todavia, o acontecido apresenta-se como um subtil presságio do futuro, e por isso é comum acharmos no texto elementos para depois. Isto é, para serem entendidos mais tarde. Em toda a obra da autora de *Paisagem sem Barcos* se distribuem os alarmes suficientes. Utiliza-se aqui apenas um breve exemplo, retirado de «Um Diário para Saudade» (*Flores ao Telefone*): «Isso, claro, não o sabia Saudade, não tinha idade para tanto, nunca, de resto, a teria» (págs. 95-96). Porque quatro páginas depois estava morta.

No final do artigo. Que dizer deste livro de Maria Judite de Carvalho em relação aos anteriores? Igual, melhor ou pior? Repetem-se as suas mesmas perseguições? Perfilam-se a mesma pobreza remediada ou a mediania conformada, ou ainda a mesma consumação do hábito de enfrentar os dias? Há uma resposta só para tais perguntas e para outras que possam ser feitas: Maria Judite de Carvalho e as suas histórias não mudaram, não perderam o pessimismo consigo próprio reconciliado, a baixa tonalidade das horas que constroem a vida, os incidentes sem surpresa que reconstruem o tempo. Só a nossa experiência da melancolia se enriqueceu um pouco mais. E tudo isto porque Maria Judite de Carvalho não podia alterar o que é nosso, o que sempre com sábia e vigilante amargura patenteou nos seus livros: um mundo onde todos escrevem o manual de não compreender os outros.

Mariana ou Dora Rosário, Graça ou Adriana, Flores ou Ofélia Branco, tanto faz... Todas são o retrato em corpo inteiro de mulheres que homens gastaram gratuitamente e a quem de qualquer modo deram a chave dos armários vazios

ASSIS (São Paulo)



que o seguro morreu de velho. Mulheres, mulheres de todas as formas e feitios, mas incrivelmente verdadeiras, que poderiam escrever um tratado sobre

«FLORES AO TELEFONE»

de Maria Judite de Carvalho

por Fernando Mendonça

A LITERATURA PORTUGUESA actual exhibe uma constelação muito numerosa de escritoras ombreadas talvez em numero com aqueles escritores que vêm sendo apontados como os valores mais representativos dos últimos dez anos de actividade literaria. E assim que aos nomes, por exemplo, de Vergílio Ferreira, Herberto Helder, Augusto Abreu, Almeida Faria, Urbano Tavares Rodrigues, Bernardo Santarém, podemos contrapor nomes como os de Agustina Bessa Luís, Fernanda Botelho, Sophia de Mello Breyner Andresen, Ana Hatherly, Maria Judite de Carvalho, Flávia Hasse Pais Brandão. Isto sem esgotar de maneira alguma, a galeria feminina das letras portuguesas actuais. Poderíamos se quiséssemos dobrar no minimo a meia dúzia de nomes indicados, e só o significado desta presença feminina na literatura moderna daria assunto para diversos artigos. Se se falou na vasta e representativa comparência das mulheres nas letras portuguesas dos nossos dias foi tão-somente para justificar a vinda de uma delas para o suplemento Literário.

Trata-se de Maria Judite de Carvalho.

Maria Judite de Carvalho é uma contista, uma novelista que, em 1959 nos surpreendeu com uma novela, que dava título ao livro onde vinha incluída «Tanta Gente, Mariana», que não nos desiludiu, em 1961, com *As Palavras Pouçadas*, que nos persuadiu, em 1963, com *Paisagem sem Barcos*, e que nos levou a considerá-la uma inconfundível escritora com *Os Armários Vazios*, em 1968. Depois, em Novembro de 1968 um novo livro: *Flores ao Telefone* (Lisboa, Portuália Editora).

Os Armários Vazios haviam, de certa forma, interrompido a preferência da autora pela narrativa curta apenas alongada nas novelas «Tanta Gente Mariana» e «As Palavras Pouçadas», ambas pertencendo a livros de contos, ou ao que devemos chamar breves fracções do quotidiano sem valor aparente. Os Armários Vazios eram uma história de mulheres apenas mais longa do que as outras, de vez que todas as histórias de Maria Judite de Carvalho são janelas indiscretas, abertas

sobre a vida de mulheres. Pode já dizer-se num parêntese, que os nomes só vêm as páginas de Maria Judite de Carvalho como comparsas importunos ou associados do destino daquelas mulheres. Por isso, se perguntássemos qual o protagonista masculino mais capaz de polarizar a atenção do leitor, não seria muito fácil apontá-lo, pois todos eles passam (ou morrem) com pressa de deixar as páginas dos livros. So a escritora foi capaz de nos indicar um, que é segundo ela confessou em entrevista dada ao suplemento literário «Claric de Lisboa», o da sua preferência. Mas esse um, que sem dúvida absorve por mais tempo a atenção do leitor, só assim se nos revelou depois de apontado pela sua criada. Apenas por curiosidade, diga-se que esse telhado é o «Major» que um dia fora alferes, e como alferes regressa à memória da Adriana do conto «Anica nesse Tempo» inserto no livro *Paisagem sem Barcos*.

Se fosse necessário definir com uma ou duas palavras a obra de Maria Judite de Carvalho essas



Maria Judite de Carvalho: o pessimismo consigo próprio reconciliado e o enriquecimento da nossa experiência da melancolia

palavras seriam certamente *pessimismo* e *amargura*. E se, como se disse as suas personagens são invariavelmente mulheres, estas apresentam-se-nos, por sua vez, como seres amargurados, frustrados, cientes apenas de que o mundo dos outros é um desgosto sem espanto, a flor aberta da mágoa sem surpresa. Ao recordarmos Mariana, Graça, Dora, Rosário, que são as personagens de maior fôlego novelesco, o que nos fica delas como substância residual, como tensão intacta, como rótulo para a vida é a sensação de que se movem num espaço ou num caminho sem a sinalização adequada. O mundo inviolado que sonharam é permanentemente violado pela displicência e até pela inaptidão dos homens a quem afilaram. As pa-

lavras que usam já não têm utilidade (por isso devem ser pouçadas, isto é, não usadas), as que gostariam de pronunciar, como chave dos seus problemas, deliram-se no dicionário sem sinónimos das relações humanas. Toda a gente que em volta delas se movimenta é apenas «tanta gente», apenas um modo de se darem conta de que estão sós. Solidão, eis a terceira palavra a oferecer às mulheres de Maria Judite de Carvalho e destas, às mais aptas para morrer, ou sejam, as duas que até agora, estão nos extremos da sua obra literaria. Flores, a mais recente, Mariana, a mais antiga Mariana vestida como se fosse ao seu próprio enterro Flores ao telefone do desespero. Mas apesar de o momento crítico do desespero pertencer

a estas duas heroínas, sobretudo a segunda, é, possivelmente a heroína de *Os Armários Vazios* que mais intensamente nos ensina como se edifica a solidão de uma mulher com essa solidão se alimenta de simulações e de segredos de egoísmos e de concessões, de esperança e de catástrofe.

Os Armários Vazios contém uma aventura longa de mais para lhe chamarmos conto. Como também não lhe podemos chamar romance, dá-se-lhe o nome do que ela realmente é: uma novela. Novela bem arquitectada com características «suí generis» que não lhe apagam o perfil novelesco, antes o densificam e fazem caminhar para o local do desfecho. Apesar de nos acharmos

(Continua na 7.ª página)

Onde estão as bobinas de outrora?

por José Vaz Pereira

MATA-ME DEPRESSA... QUE TENHO FRIO

(Kill me quick... I'm Cold) de Francesco Maselli

Exibido no Império

ESTA AINDA por escrever a história do cinema italiano.

Esta ainda por escrever a história da maneira como foram liquidadas, por um grupo ávido de trampolinos, batoteiros profissionais e imitadores apressados a sua certeza, a sua verdade e a sua esperança. Fora dos grandes individualistas que toda a gente conhece, nada ficava. Eram ruínas e mais ruínas e esse cinema só não voltou à famosa era «dos telefones brancos» porque parecia mal Criação sim, mas devagar. Desde que seja uma negociação. Caso contrário, o autor impertinente, que incomoda, que faz ondas, é segregado. Lá como cá.

E este Maselli que aparece agora a assinar um *Mata-me depressa... que tenho frio*. Aguardava-se uma sátira, uma comédia que, com a necessária vivacidade, ridicularizasse o ambiente de golpismo que rodeia certos círculos da alta-roda internacional. Ora, Maselli parece esquecer-se que uma obra para ridicularizar os outros,



Monica segundo Maselli: um clown insuportável

tem que ser estruturalmente séria. Os filmes ridículos não ridicularizam ninguém a não ser eles próprios. Não avançam. Recuam. Não existem. Memem.

Há uma vontade de estar na onda tão superficial que se confunde com a espuma levada pelo vento, uma necessidade trapaçeira de mostrar uma actualização que se exhibe mas que não se aprofunda. Maselli (o de *Os Evadidos*, quem havia de dizer?) revela-se uselro e vezeiro nesses estratagemas sem grandeza. Repare-se numa direcção de actores que transforma Monica Vitti num autêntico «clown», insuportável de gritinhos e tiques, numa fotografia que desiste de respirar e joga à cebra-cega com uma narração toda nova-rica, toda

género - repara - aí - que - cá - estou - eu

O balanço é pois, uma grande tristeza. Tristeza também por um cinema que abandonou um Visconti ou um Fellini pelas palhaçadas dum Sordi ou dum Gassman e foi com eles para a auto-estrada, em berlina Fiat, klaxonar as turistas gritar viva à Itália e repetir com vezes o mesmo filme.

Sabe-se da situação. Ou se faziam «essas comédias de costumes» ou, então — click! — o dinheiro não aparecia. Daquilo (dizia-se) era que o público-consumidor gostava. Portanto produzir em série até a mina secar, rodar sempre a mesma história, as mesmas situações com uma embalagem diferente. E o resultado é que hoje não há problema: os filmes tanto podem ser do

sr. Luciano Salce como do sr. Francesco Maselli, sem que isso tenha alguma influência. O esquema é dolorosamente invariável.

Seria interessante estudar, discutir, aprofundar, ver como se chegou a isso. Claro que há «outro» cinema italiano mas os autores que o compõem não são tantos como isso. E não temos oportunidade grande ou pequena de os estudar também. Infelizmente, uma crítica que insiste em valores absolutos não se quer nem se pode interessar pela evolução socio-económica de um cinema. Não lhe ficaria bem.

Pasolini é um caso isolado e é evidente que não se pode falar hoje num cinema italiano nos termos em que se fala de um cinema brasileiro ou de um cinema húngaro. Isso significaria aceitarmos que as comédias do sr. Salce ou do sr. Maselli e os «westerns» do sr. Corbucci ou do sr. Leone representam alguma coisa, uma atitude geral de um povo, um movimento de opinião poderoso, a força de uma juventude. Ora vendo projectar esses filmes, percebe-se claramente que eles não representam nada disso. Antes pelo contrário.

O panorama continua a destacar-se pela ausência de imaginação. Na comédia de Maselli todos enganam todos, vive-se em casa dos outros, tudo é «poeira nos olhos» para os

ricacos caírem. Como nos filmes género *O Leão da Estrela* e *O Costa de África* em que António Silva enganava Vascos Santanas ou vice-versa. Dá-se alfinetadas em toda a gente o que é muito mais cómodo do que atacar alguém. Mistura-se um pouco de pózinhos de modernismo, um pseudo-erotismo exercicios ginásticos com a câmara... *voilà*.

Quanto aos «westerns» os comentadores já estão fartos de denunciar esse vinho adulterado, essa falsificação do verdadeiro filme de Oeste, essa apolo-gia descarada da violência e da brutalidade, esse cul-

to do herói tipicamente fascista. Mas não há dúvida, o produto está esco-lhido, a linha de montagem a funcionar: perde-se a conta ao número desses «westerns» que infestam as nossas telas.

Mas — onde estão as bobinas de outrora?

E ainda assim gostaríamos de acreditar que o mal e passageiro, que os subprodutos vão desaparecer e que o cinema italiano reapareça, entre nós, com um rosto. E que as tais bobinas de outrora tivessem continuado a ser soubaram renovar no seu tempo e no seu mundo.

LE

uma editora em renovação

COLECÇÃO ENSAISTAS CONTEMPORÂNEOS

NOVAS PERSPECTIVAS

de Luís Forjaz Trigueiros

Preço 50\$00

UNIÃO GRAFICA—Rua de Santa Maria, 48—LISBOA